AXL ROSE CONTINUA SUAS CONFISSÕES NO ENTREVISTÃO

BIZ

SÉRIE • NOVEMBRO • ANO 2 • Nº 11 • EDIÇÃO 88 • CÓDIGO 000.00

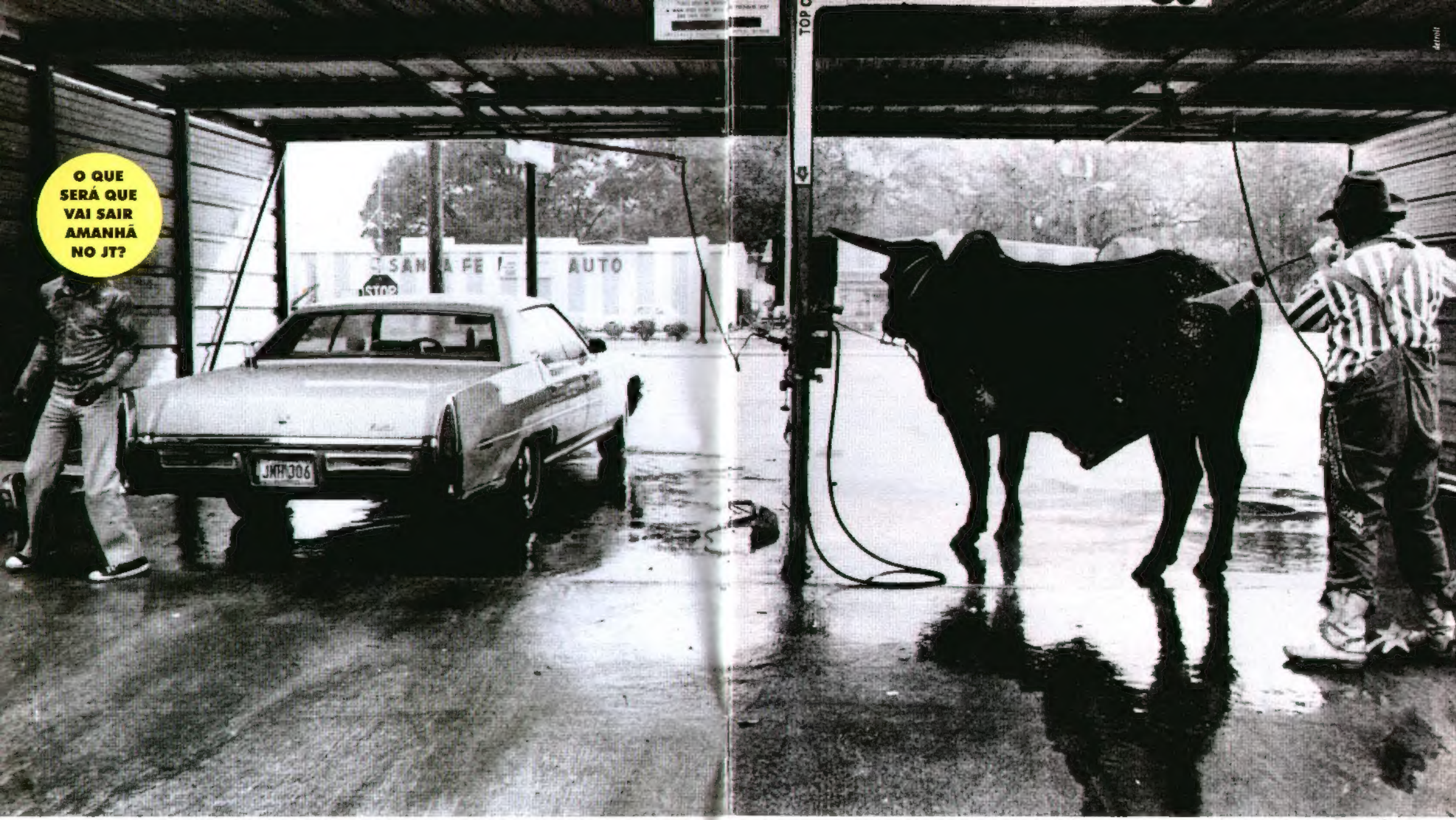
BODY COUNT
SUICIDAL TENDENCIES
JULIEN TEMPLE
MORRISSEY
RAMONES

ENTREVISTA EXCLUSIVA!

MADONNA

MAIS ESCANDALOSA DO QUE NUNCA

BLACK CROWES
RESSUSCITANDO O ROCK 70



Dólar? Ouro? CDB?
Ou um Elba?
Estas e outras dúvidas surpreendentes você só pode esclarecer no Jornal da Tarde. Além das informações econômicas mais traduzidas e das dicas de investimento, você tem o Jornal do Carro. Toda quarta-feira, com tudo sobre o mercado de automóveis. Leia o Jornal da Tarde.

Você vai se sentir muito mais seguro, independente de quem estiver na direção.

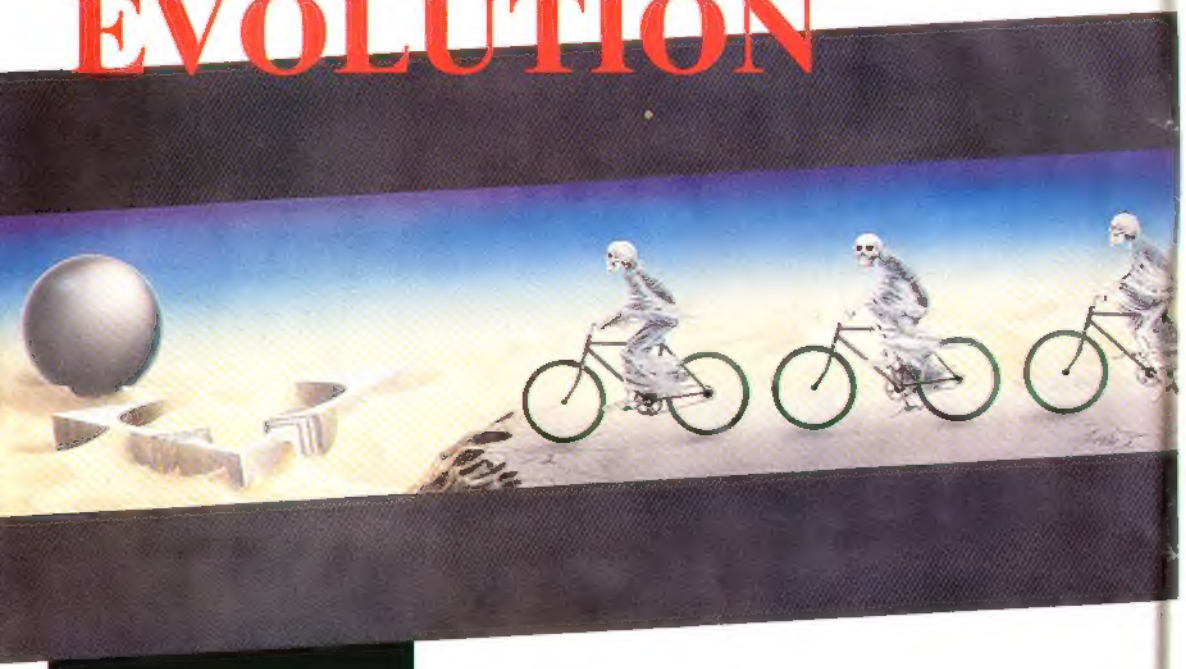
Passe numa banca ou assine: 858-9000.

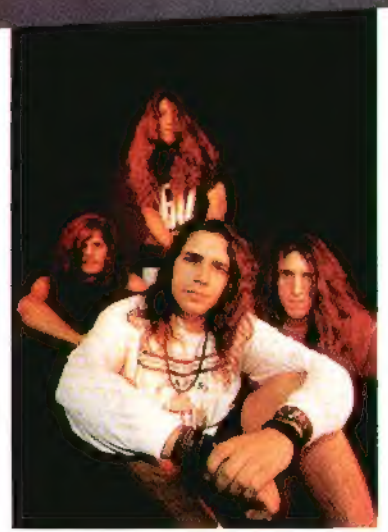
jornal da tarde

MAIS SURPREENDENTE QUE A NOTÍCIA.

JAPAN... GERMANY... HOLLAND... HUNGARY... USA... BRAZIL!

EVOLUTION





VIPER

NEW ALBUM IN CD/LP RELEASED BY GOLD ELDORADO

Como de costume, ela não saiu da imprensa no último ano, ou melhor, a imprensa não saiu de cima dela. Quem for atrás de cada linha publicada sobre ela, vai se cansar. O que é verdade ou mentira, pouco importa no fim do dia. Notícias de Madonna precisam continuar saindo, milhões querem ficar sabendo e assim a coisa vai. Madonna é uma notícia ambulante. Até quando a gente se cansa de saber de Madonna, isso vira notícia. "E assim se esquecem do essencial: sua música" dizem. Mentira. A música não é mais essencial. Madonna é notícia constante com alguma música no meio.

Com certeza, há mais gente querendo saber de Madonna do que querendo ouvir Madonna. Um fenômeno mais esquisito vem acontecendo: ela vem ganhando tantos fãs por causa das suas aprontações como por causa de suas músicas. Entre seus admiradores mais recentes está a "elite cultural" (incluídos aí acadêmicos e intelectuais como Camille Paglia; acaba de sair o livro *The Madonna Connection*, coleção de ensaios cabeçóides sobre o fenômeno Madonna).

A grande prova de que a música virou detalhe é o livro *Sex*, que virou um evento tão, ou mais em alguns casos, esperado quanto o próprio LP. O escândalo sobre o livro já foi devidamente noticiado no final de outubro, quando ele foi lançado; as fotos mais quentes, já devidamente publicadas (pirateadas, na verdade) pelos jornais. A BIZZ, que é mensal, compensa o atraso seguindo sua primeira diretiva (se não temos condições de dar antes, damos melhor; no caso, com a única entrevista de Madonna na imprensa brasileira) e presenteando seus leitores: cinco cópias de *Sex* serão dadas a vocês. A entrevista (ilustrada pelo mesmo Macarrão que fez o ótimo clip de estréia do Yo-Ho-Delic) e os detalhes do concurso estão na página 22.

Mês que vem: a segunda parte da entrevista com Madonna, o homem que inventou o som de Seattle, a volta por cima do Bon Jovi e uma mega-retrospectiva do ano. Até lá!

Fotos de capa: Madonna (Warner), Black Crowes (Paul Slattery/Reno)

6 SHOWBIZZ
Os shows do verão
14 FAST FOWARD
Suicidal Tendencies, Julien Temple
30 BLACK CROWES
Estilo 70, sucesso nos 90
35 ENTREVISTÃO
Axl Rose, parte 2
49 JUKE BOX
Merseybeats
50 AO VIVO
Festival de Reading, Ramones
58 CONEXÃO BRASIL
Gangrena Gasosa, Úteros Em Fúria
59 DISCOS
Morrissey, Roger Waters, Body Count
68 PARADA
Garth Brooks domina os EUA
70 LETRA
"Cop Killer", Body Count
72 CARTAS
Chove porrada na moçada da BIZZ
74 DISCOTECA BÁSICA
Bo Diddley

SHOWBIZZ

NENEH CHERRY
MOÇA CASEIRA

Ela foi talvez a primeira dessas "mulheres com atitude" tão comuns nos anos 90: confiante, feminina, com tudo sob controle e que não leva desaforo para casa. "Buffalo Stance", lançada no distante ano de 88, foi um dos grandes singles daquela época. O LP que o sucedeu, *Raw Like Sushi* não deixou por menos. Passaram-se três anos e, com exceção da faixa "I Got You Under My Skin" do projeto *Red Hot + Blue*, Neneh ficou na moita esse tempo todo. Não à toa. Ela aproveitou o dinheiro ganho como pop star e, entre outras coisas, montou na Suécia uma casa com estúdio. Foi lá que ela, junto com seu marido Cameron McVey, fez seu novo disco *Homebrew*. Entre as surpresas, uma exclusiva canja do Mr. REM, Michael Stipe. Pelo resultado, fica a lição: os popstars deveriam dar essa apropriada pausa de três anos entre um disco e outro, evitando o cansaço da criatividade e do público.

O NOVO DE NOVO

Finalmente o New Order chega aos três quartos de seu novo álbum prontos. Produzido por Stephen Hague (OMD, Pet Shop Boys e "True Faith", do NO), o disco provavelmente se chamará *Everyone Everywhere*.

SINÉAD ARRUMA BRIGA

Sinéad O'Connor em mais uma de suas atitudes "controversas" rasgou uma foto do papa em cadeia nacional de TV nos EUA. Depois Sinéad jogou a foto no chão e disse: "Combatam o verdadeiro inimigo". Choveram protestos dos telespectadores. Depois, num show-homenagem para Bob Dylan, em Nova York no meio de outubro, levou uma chuva de vaias do público e saiu em prantos do palco. Programado para cantar "I Believe In You", de Dylan, ela trocou na hora por "War", de Bob Marley (que havia cantado no tal programa), além de protestar contra o racismo. Os fãs do velho poeta do rock desaprovaram.

VERÃO QUENTE

Elton John e Guns confirmados; Genesis, Red Hot e Nirvana devem vir ao Hollywood Rock 93

Até o fechamento, estavam "confirmados" os seguintes nomes para o Hollywood Rock 93: Nirvana, Genesis, Alice In Chains, Red Hot Chili Peppers, Beastie Boys e Simply Red. O Pearl Jam não poderá vir porque as datas do festival coincidem com as gravações do seu novo disco. O Hollywood Rock acontece nos dias 15, 16 e 17, em São Paulo (Pacaembu), e 22, 23 e 24 no Rio (Apoteose). Mas daqui até janeiro é uma eternidade, então nada é certeza – a não ser a vinda de Elton John para tocar dia 26 de novembro no Rio e dia 28 em São Paulo; e a do Guns N'Roses na primeira quinzena de dezembro para tocar no Rio e em São Paulo, parte de uma turnê que inclui Santiago, Buenos Aires e Bogotá.

Falando em Nirvana, Frances Bean é o nome da filha de Kurt Cobain e Courtney Love. Nasceu no fim de agosto, três semanas prematuro, mas está bem de saúde.

VANESSA PARADIS

CHIQUE E FREAK

Bons cinco anos se vão desde "Joe Le Taxi", que revelou ao mundo a francesa Vanessa Paradis. Depois disso, ela investiu na carreira de modelo. Desfilou para os melhores estilistas, incluindo a Maison Chanel. Agora volta ao pop, ajudada pelo atual namorado, o freak 90 Lenny Kravitz. O álbum leva seu nome e inclui até uma cover de "Walk On The Wild Side", de Lou Reed.

OUÇA ESSA

"Acordar ou não? Oh! O que significa acordar?"
Humberto Gessinger: delírios de um gênio? Insônia? Pura babaquice?

"Se quando eu tiver 38 anos o Metallica acabar, não acho que vou ter o pique para começar outro projeto."
Lars Ulrich, Metallica.

"Chega de barulho. Vamos enterrar esse nome."
Lobão, de quem preferimos o silêncio.

"A música não fala sobre nada — é o maior monte de baboseira que eu escrevo em muito tempo."
George Michael sobre "Too Funky".

SEPULTURA INCANSÁVEL

Os mineiros e o poder! O Sepultura entrou a partir de outubro numa extensa turnê americana abrindo para Alice In Chains e Ozzy Osbourne. Nos dias 14 e 15 de novembro, o grupo terá o privilégio de participar do show de reunião do Black Sabbath (com Ozzy e tudo) em Los Angeles. Ainda em novembro, o Sepultura excursiona com Helmet e Ministry, incluindo uma data no Madison Square Garden, em Nova York.

Cafonice vende: *este* é o maior astro dos EUA

OBITUÁRIO

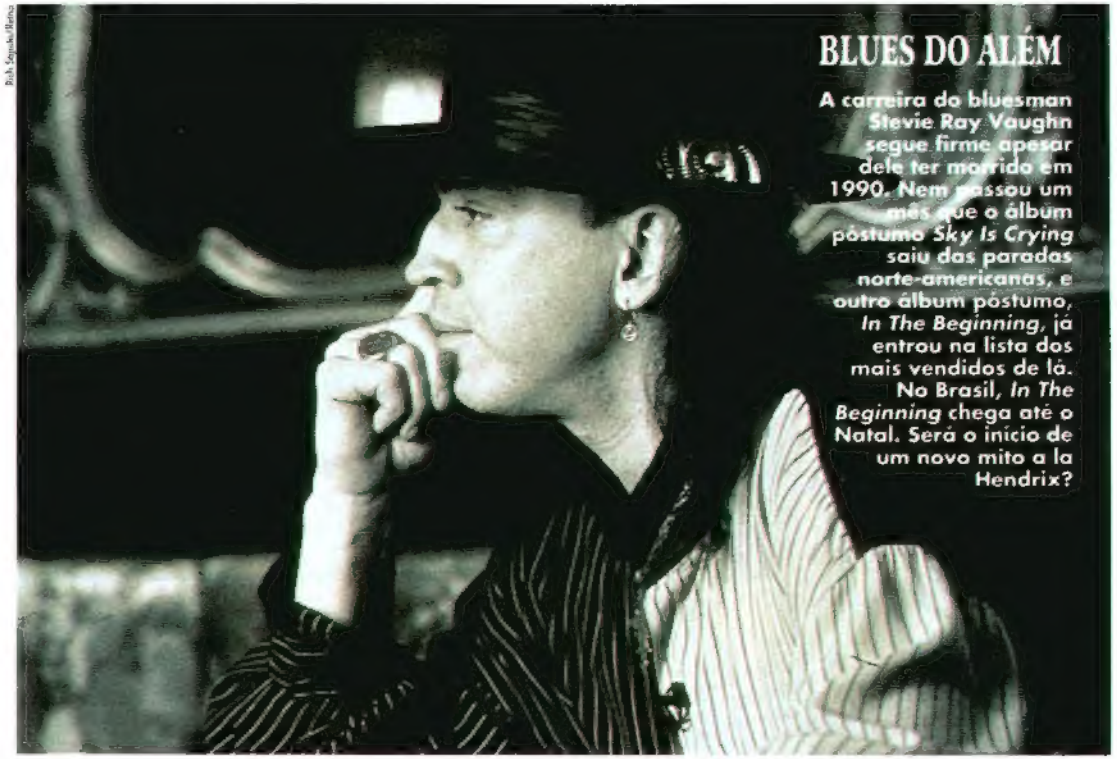
EDDIE KENDRICKS era o falsete dos Temptations, um dos maiores grupos de soul da história. Contratados da Motown, o quinteto teve seu auge nos anos 60, gravando clássicos como "Ball Of Confusion", "Just My Imagination" e "My Girl" (estourada de novo esse ano). A partir da década de 70, Kendricks desenvolveu carreira solo. Morreu de ataque cardíaco, aos 68 anos.

TONY WILLIAMS foi o principal vocalista dos Platters, o grupo de doo-wop mais famoso do pop, com hits como "Only You" e "The Great Pretender". Williams tinha 64 anos.

RECORDES NAS PARADAS

O grupo americano Boyz II Men bateu todos os recordes de permanência no primeiro lugar da parada americana. Seu single "End Of The Road" está há onze semanas no posto — nem Elvis nem os Beatles haviam conseguido tal feito. A faixa é da trilha de *O Príncipe das Mulheres*.

Não deixando por menos, o astro country Garth Brooks estava em outubro com *cinco* LPs nos cinqüenta mais vendidos dos EUA: entre eles *No Fences* e *Ropin' The Wind*, que venderam, respectivamente, nove e oito milhões. Seus dois discos nas dez mais são *The Chase* (em primeiro) e *Beyond The Season* (em quinto). É hoje o cara que mais vende nos EUA disparado. Outro mega-star country é o galã Billy Ray Cyrus que já deslanchou quatro milhões de sua estréia, *Some Gave All*.



BLUES DO ALÉM

A carreira do bluesman Stevie Ray Vaughn segue firme apesar dele ter morrido em 1990. Nem passou um mês que o álbum póstumo *Sky Is Crying* saiu das paradas norte-americanas, e outro álbum póstumo, *In The Beginning*, já entrou na lista dos mais vendidos de lá. No Brasil, *In The Beginning* chega até o Natal. Será o início de um novo mito a la Hendrix?

PÓS-PÓS-PUNK

Pergunte a qualquer trintão que se liga nas coisas: uma das melhores épocas do rock foi o fim dos anos 70 e início dos 80. O pós-punk/new wave estava a milhão com trezentas ramificações e estilos diferentes acontecendo. Diversas bandas inglesas daquele tempo estão dando as caras de novo. Veja:

BIRTHDAY PARTY A banda australiana que apresentou ao mundo Nick Cave voltou para um show em Londres. Está saindo uma compilação do grupo, *Hits*.

IAN DURY Rhythm'n'blues de bar, um dos caras mais bizarros e divertidos do pós-punk. Está excursionando de novo na Inglaterra.

JAPAN Tecnopop meio glitter, meio chique. O grupo, com exceção do vocalista David Sylvian, está tocando junto de novo como parte da banda No-Man em alguns shows.

KILLING JOKE Além de estar processando o Nirvana por plágio (coluna Londres, BIZZ 87), o grupo fala em volta, incluindo até o ex-baixista Youth, atualmente um bem-sucedido remixador e produtor de dance. A coletânea *Laugh? I Nearly Bought One* acaba de sair e o vocalista Jaz Coleman disse que quer comprar um exército com a grana do disco.

MADNESS

KILLING JOKE

MADNESS: Importante banda fusora de ska-pop-rock-reggae volta com turnê pela Inglaterra.

ORANGE JUICE Ótimo pop escocês recuperado em recém-lançada coletânea *The Esteemed Orange Juice*.

TELEVISION Bastião da new wave nova-iorquina lança seu terceiro disco, quatorze anos depois do segundo. O LP leva o nome do grupo, liderado por Tom Verlaine, que está em excursão.

LONDRES

O show de Nick Cave no Town & Country Club teve uma aparição surpresa: Shane McGowan veio dar uma força ao amigo e juntos cantaram 'Wonderful World', de Louis Armstrong. Como se isso não bastasse, houve até uma histórica reunião do Birthday Party, com Nick, Mick Harvey e Roland S Howard tocando 'Dead Joe', 'Wild World' e 'Nick The Stripper' • Kurt e Courtney Cobain estão processando o *The Sun* inglês, por ter publicado matéria dizendo que a filha do casal, Frances, já havia nascido viciada em heroína. • Fãs de Morrissey protestaram em frente a EMI, gravadora do cantor, furiosos com o ídolo e exigindo saber: ele é racista ou não? Vários do grupo eram negros e asiáticos. • Várias estrelas passaram um dia trabalhando em lojas, para arrecadar dinheiro em apoio à pesquisa da Aids. Boy George e Betty Boo acabaram vendendo chapéus na área de Covent Garden. • O EMF – que se dizem desiludidos com a indústria musical e começam acabar com a banda – lançaram seu novo LP *Stigma* com estilo, no Madame Jojo's, uma boate de travestis. • O Lollapalooza 93 promete incluir a Europa. • E Bill Wyman, é um Stone ou não? Segundo Ron Wood, "...se ele não estiver no estúdio quando começarmos a gravar, vamos colocar uma mulher no lugar dele." • O Nirvana já está caindo no esquecimento? O jornal *Melody Maker* ofereceu aos leitores a peruca loira que Kurt usou no festival de Reading. Era só ligar para a redação. O telefone permaneceu mudo.

AMAMARIA G. DE LEMOS

Johnny Rotten em 77: a maior das bandas punk prepara a sua volta

Silverstein Photo

CASA, SEPARA

Deve ser a primavera (mas no hemisfério norte é outono!). De qualquer forma a temporada foi pródiga em divórcios em alguns dos grupos mais famosos do mundo.

Os **Sisters Of Mercy** estão dando um tempo e o Mission parece estar se dissolvendo. Andrew Eldritch está trabalhando num projeto solo. Enquanto isso, o guitarrista Tim Bricheno está começando outra banda, CNN, com Craig Adams, que acaba de deixar o **Mission**. Outro integrante do Mission, o baterista Mick Brown, vem trabalhando fora da banda já há alguns meses.

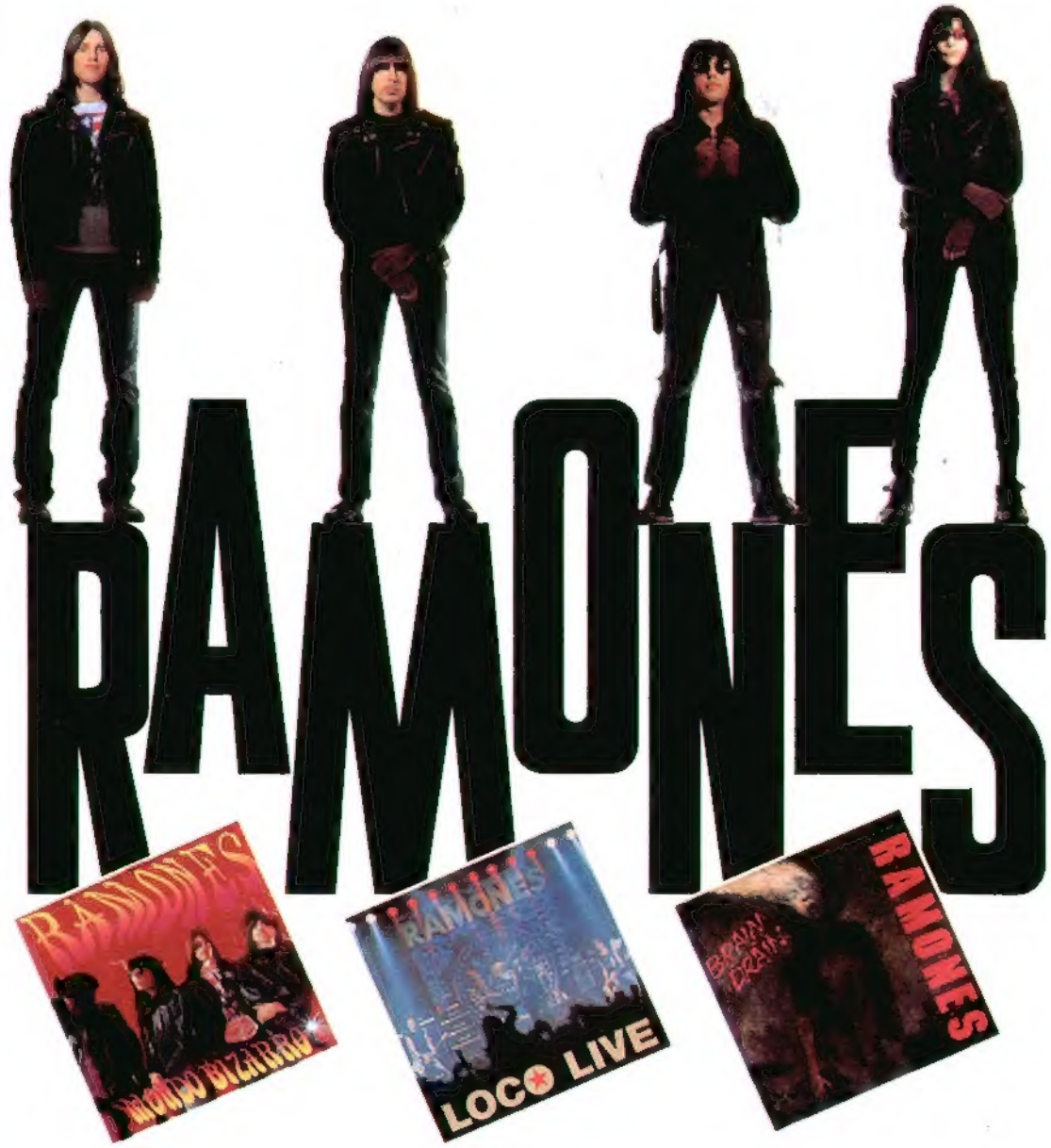
SNAP!

O rapper Turbo B deixou o **Snap!** Acontece que ele não concorda com a atual direção do grupo: pop com lances tecno na linha "Rhythm Is A Dancer". Honesto pelo menos ele é, afinal este é talvez o maior hit do Snap! — entrou nas cinco mais de *todos* os países da Europa, além de mega-estourado nos EUA, Austrália e América Latina. Turbo quer fazer rap hardcore e por enquanto convenceu a cantora Thea Austin (de "Rhythm...") a ir com ele.

O **Queen** também volta para regravar "We Are The Champions" em versão instrumental. Os lucros do single vão para um centro de ajuda a vítimas da AIDS.

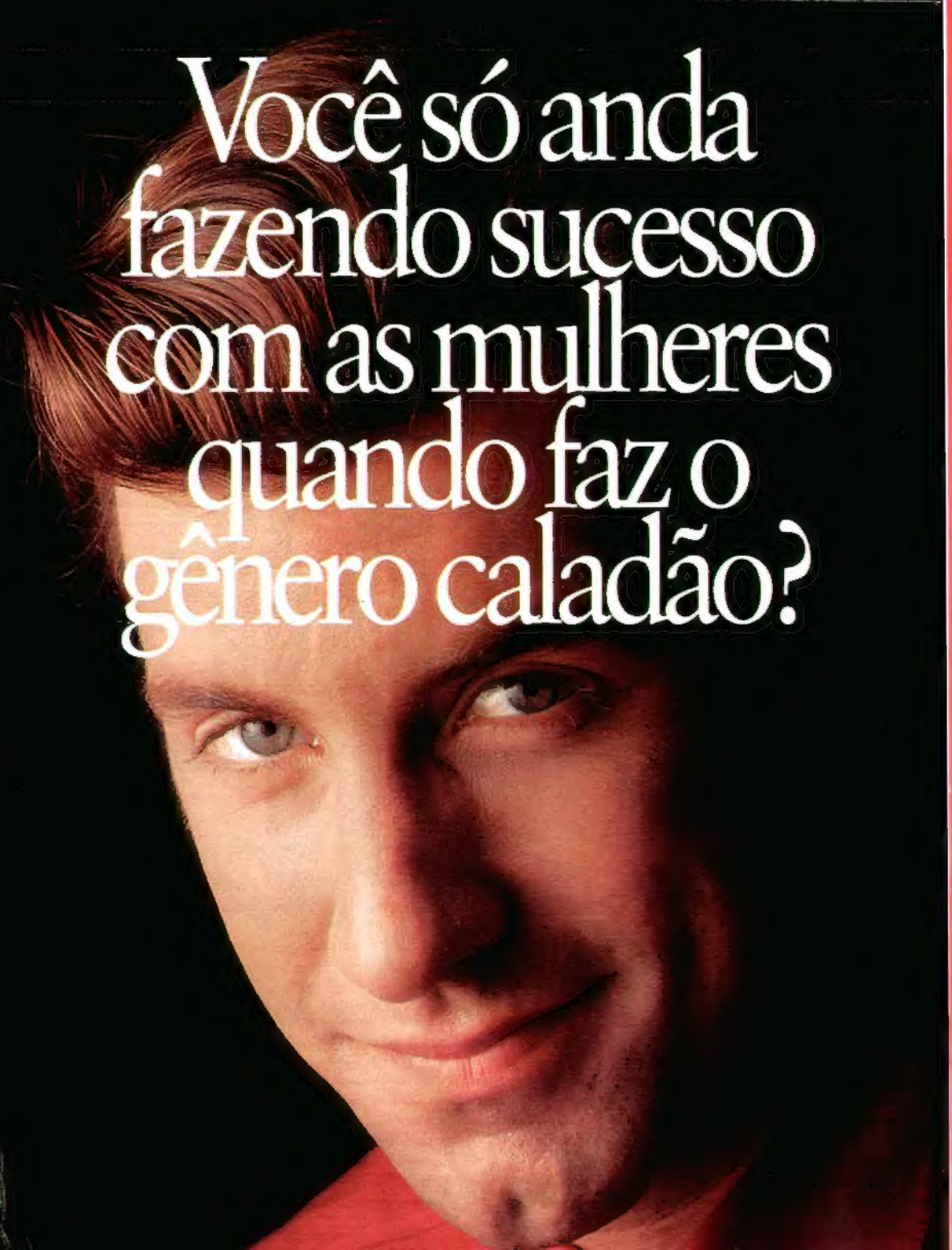
Celebrada banda dos meios undergrounds, o **Sugarcubes** encerrou o expediente. O motivo oficial foi o famoso "diferenças profissionais, sem detrimento da amizade." Seu último lançamento é *It's It*, uma coletânea de remixes dance por feras do gênero. Seu primeiro single, "Birthday", foi relançado com *oito* remixes, incluindo um tal "Jim & William Reid Remix", de autoria dos irmãos do Jesus & Mary Chain. Bjork não pausa para respirar e já está preparando sua estréia solo, produzida por Graham Massey (do 808 State) e Nellee Hooper (do Soul II Soul).

Para finalizar, uma boa notícia. Aproveitando o lançamento da compilação *Kiss This* (que inclui faixas inéditas) os **Sex Pistols** estão falando em reunião. Mas só para um show-reprise da sua famosa apresentação de 77, num barco sobre o rio Tâmisa. Quem é bobo que acredite.



NOVO LANÇAMENTO MONDO BIZARRO

CD, K7, LP EMI



É melhor você começar a ler o Estadão.

Diariamente, no Caderno 2 do Estadão, você encontra toda a agenda cultural da cidade, do país e do mundo. Os principais filmes, os últimos lançamentos em discos, os melhores espetáculos, quem cria e quem produz. Consumo, moda, gastronomia, literatura, o erudito e o popular, com textos redigidos num tipo de linguagem cada vez mais raro: o tipo claro e compreensível. E você ainda encontra Luis Fernando Verissimo, Rachel de Queiroz, Nirlando Beirão, Paulo Francis e muitos outros nomes que, como esses, tornam o Estadão um jornal obrigatório para quem faz questão de opiniões inteligentes e informações completas. Você, que já lê o Estadão, fique atento: quando ouvir algum amigo pedindo o telefone do cachorrinho para uma mulher, dê a ele o telefone da nossa Central de Assinaturas.

PASSE NUMA BANCA OU ASSINE: 9 (011) 858-9000.

ESTADÃO

É muito mais jornal.

rebeldia Suicida

suicidal tendencies

A divulgadora liga bem-humorada, mas não traz boas notícias. Mike Muir, do Suicidal Tendencies — com quem havia sido requisitada uma entrevista para a BIZZ, a propósito do álbum que marca o décimo aniversário da banda, *The Art Of Rebellion* —, não comparecerá pela razão expressa de que "não dá entrevistas a pessoas que falem inglês com sotaque espanhol". Em seu lugar estariam presentes o guitarrista Mike Clark e o baixista Robert Trujillo.

Não adiantou protestar e explicar que brasileiro não tem sotaque espanhol, já que a língua do país é o português: em hipótese alguma Mike daria entrevista. "Ele fica louco quando ouve alguém com sotaque espanhol", ela disse.

Dias mais tarde, uma funcionária da firma que gerencia os negócios do Suicidal liga para saber se a entrevista já havia sido acertada com a gravadora. Ela quer saber também se a BIZZ teria preferência em entrevistar alguém em espanhol na banda (EPA!). "Mike Muir", é a resposta, não poderia ser diferente. Ela não pestaneja — e confirma a entrevista com Muir. Bom, talvez a questão do sotaque não passasse de um mal-entendido.

Na véspera da entrevista, a mesma funcionária volta a telefonar se desculpando. Por um "problema de horário", Muir não poderia comparecer. Em seu lugar iriam Clark e Trujillo. Os dois chegam meia hora atrasados. Estão risonhos, embora calorentos, culpa dos ventos que sopram do deserto e deixam todo mundo um pouco mais alterado do que de costume.

Mike Muir não fala com jornalistas latinos. A banda conta por quê

Vocês podem definir o personagem-título da faixa que abre o novo disco, "Captain Stupid"?

MIKE CLARK São coisas bastante estúpidas, coisas ruins que existem dentro da pessoa e das quais ela precisa se livrar.

ROBERT TRUJILLO Você é seu pior inimigo. Acho que Mike quer dizer que muitas vezes as pessoas ficam falando mal dos outros, querendo pôr nelas a culpa, quando na verdade quem precisa se cuidar é você mesmo.

Que história é essa de Mike Muir não dar entrevista a pessoas que falam inglês com sotaque?

CLARK Seu sotaque até que não é mau, mas tem vezes que é difícil entender pessoas, como os alemães, que falam com um sotaque fortíssimo.

Então ele, de fato, tem problemas com pessoas com sotaque?

CLARK Muita coisa sai errado nas entrevistas. Se você não entende o que estão perguntando, pode acabar dando uma resposta errada.

TRUJILLO Dei algumas entrevistas a jornalistas brasileiros, e eles não entendiam o que eu estava falando (*risos*), nem eu entendia o que eles estavam falando.

A banda não considera o fato de que essa atitude pode ser interpretada como racismo?

CLARK Não considero isso racismo. É só que entender errado uma pergunta e responder a coisa errada pode ser danoso. Não acho que seja racismo, de forma alguma. E sei que Mike não é racista — a banda tem diferentes raças (*Trujillo é de ascendência latina, e o guitarrista Mike Rock, negro*).

Vamos tentar raciocinar do ponto de vista da pessoa que pelo menos se deu ao trabalho de tentar se comunicar com uma pessoa de outro país, aprendendo a falar a língua dele. Entenderam a coisa?

CLARK Só posso responder por mim mesmo. Se Mike se comporta assim, desconheço. Esse tipo de coisa nunca passou pela minha cabeça. Nunca conversamos sobre isso na banda. Se ele se comporta assim, não sei explicar os sentimentos dele.

Vinte e quatro horas mais tarde, liga a funcionária do escritório que atende o Suicidal Tendencies. Quer saber se "foi tudo bem na entrevista". Como resposta, ouve que "eles foram falantes, articulados e sinceros". Talvez não fosse a resposta que ela quisesse ouvir. Minutos mais tarde, liga a divulgadora da gravadora, constrangida. Os empresários haviam telefonado para ela pouco antes, aos gritos. Vociferavam que em hipótese alguma poderia ter vindo à baila a questão do sotaque, que tal coisa poderia antagonizar a banda. Muir em especial. Agora, a divulgadora estava ligando para se desculpar, argumentando que em momento algum deveria ter deixado a questão do sotaque tomar as proporções que havia tomado; não deveria nem ter tocado no assunto, ela concluiu.

Ela é elogiada por sua sinceridade e recebe agradecimentos por sua consideração. Ela não tem culpa no cartório. E seus artistas foram sinceros: sustentaram suas convicções, por mais tacanhas, imperialistas e anti-rock & roll que elas fossem.

JOSE EMÍLIO RONDEAU

ALTA ROTAÇÃO

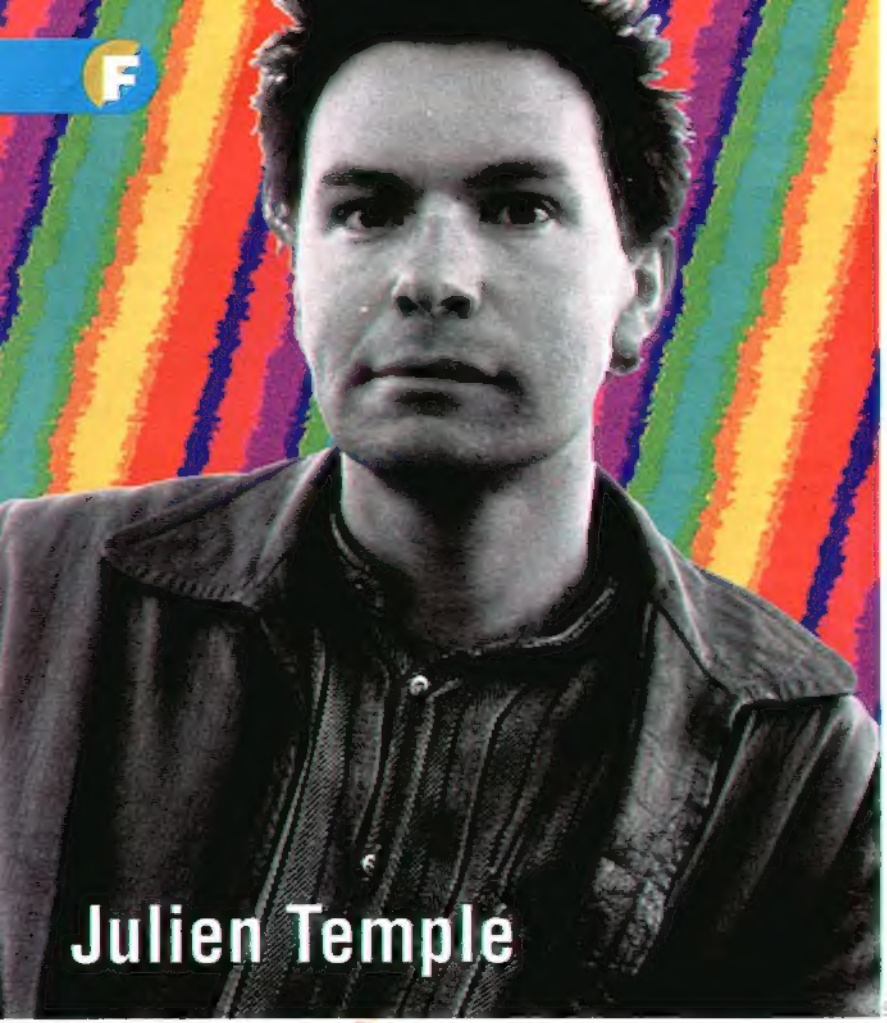
A REDAÇÃO RECOMENDA

O álbum duplo **Kiss This** é uma coletânea com 20 faixas dos **SEX PISTOLS** remasterizadas digitalmente por John Lydon. Mais que por sua importância como documento histórico, vale porque é rock & roll da melhor qualidade. *R.C.*

Em **Kingzobullshit**, o **De Falla** dá um passo adiante, enveredando pelos caminhos do samba e do raggamuffin ao mesmo tempo que retoma os valores pop dos primeiros discos. Tudo isso sem perder a animalice metal. É muito melhor do que qualquer coisa de rock brasileiro lançada este ano. *E.O.*

Esse é bom demais! O terceiro do **INNER CITY** recupera todo aquele talento revelado pelo seu primeiro disco, mas diluído no segundo. **Praise** é tecno como você dificilmente vai ouvir em pistas ou FMs: criativo, melodioso, com um forte lado soul/gospel. *C.R.*

Quase quinze anos depois do monstruoso *Let There Be Rock*, finalmente o **AC/DC** solta um ao vivo com o "novo" vocalista Brian Johnson – que pode perder em bebum e atitude para o velho Bon Scott, mas ganha na garganta. **Live** tem todos os clássicos de Angus e Cia. ("Back In Black" etc.), mais umas bobagens dos 80. Compre, roube, o cacete. *A.F.*



A imagem do rock

O diretor que levou o punk para o cinema diz que inventou o videoclip e quer fazer um musical apocalíptico

Quase tudo que você assiste hoje na MTV deve algo a Julien Temple. Foi ele quem sintetizou em vídeo as imagens da explosão punk e deleitou a yuppies com a estética arrumadinha do longa-metragem *Absolute Beginners*. Com 44 anos de idade, o diretor inglês fala sobre videoclips com a segurança de quem descobriu o ovo de colombo. "Não existia nenhum videoclip antes de eu começar a fazer *music video*. Eu comecei exatamente quando tudo começou, estava trabalhando com os Sex Pistols bem antes de se começar a fazer vídeos em grande escala. Posso dizer que não vi nenhum trabalho que pudesse me inspirar ou fazer algo semelhante."

Além de criar uma nova linguagem visual para a música em vídeo, Julien sempre esteve onde os fãs gostariam de estar, ou seja, ao lado de seus ídolos, viajando e acompanhando ensaios e shows.

Ele fala com orgulho sobre a época ao lado dos Pistols: "Eu era estudante de cinema numa escola na parte Leste de Londres, perto das docas e junto ao rio, onde existiam armazéns abandonados e velhas fábricas. Estava procurando alguns músicos para o filme que ia fazer na escola. Procurava gente que estava começando, então ouvi esse grupo ensaiando num armazém e percebi como eles mudavam o sentido das palavras dizendo 'eu te odeio' ao invés de 'eu te amo'. Eu perguntei se eles gostariam de participar do meu trabalho e depois de três semanas apareci para fazer a primeira filmagem. O primeiro clip foi 'God Save The Queen', em 1977".

A partir daí a sociedade estava feita, tanto que Julien resolveu fazer sua graduação no National Film School com um filme sobre os Pistols chamado *The Great Rock and Roll Swindle*.

A idéia de rodar parte do filme no Rio de Janeiro veio quando o grupo estava em crise. "Um queria ir para Paris, outro para o céu, e o outro para o inferno. Nós queríamos ir para um lugar diferente de Londres então eu escolhi o Rio de Janeiro", fala Julien com o tom de quem decidia algumas coisas pela banda.

Mas quem tomava as rédeas dos Pistols era Malcom MacLaren. Bem... até certo ponto, revela Julien: "Eu tinha muito respeito por ele, mas ele não era importante como pensava que fosse. Ele era o cara que falava com a imprensa mas o grupo era importante. Johnny Rotten (o John Lydon do Public Image) era o músico da banda e ele era realmente importante. Malcom não conseguiria criar um grupo como os Pistols. Ele pensa que criou tudo mas isso não é verdade. Ele dava algumas sugestões, detalhes de roupa e cabelo, mas quando sugeria demais o grupo se virava para ele e dizia: 'Vai se foder!'"

Julien deu o grande passo adiante quando os Rolling Stones e David Bowie viram o que ele estava fazendo com os Pistols e o convidaram para trabalhar com eles. Julien distanciou-se da estética punk e começou a investir no pop music, mas não renega o velho estilo quando afirma: "Você sabe, nós mudamos com a música mas eu acho que ainda tenho alguma ligação com o sentimento e a atitude do movimento punk. Ainda existem músicos assim e é bom trabalhar com quem tem essa atitude, como Neil Young, por exemplo".

Apesar de ter trabalhado com músicos tão diversos como The Kinks, Janet Jackson, Billy Idol ou Tom Petty, Julien fala como se estivesse em busca do movimento perdido. Para ele "o rap é o equivalente negro do punk". Não é um tipo de som que fala que a garota me ama ou coisa parecida mas é sobre a pressão da vida que se vive, o que se sente e os problemas que se tem. O rap está conectado ao mundo de uma forma muito forte. Ele se apropria das palavras que vendem coisas na televisão, informações, a linguagem comercial, a propaganda e as rearranja de forma que se tornem poesia. E as devolve às pessoas para que elas possam se sentir mais fortes contra essas mesmas coisas que as oprimem".

Depois do fracassado longa metragem musical com David Bowie, *Absolute Beginners*, Julien planeja filmar *Native Tongue*, uma história que se passa num futuro em Nova York onde guetos musicais se comunicam pela música, com muito rap, heavy metal, reggae e punk. Sua visita à São Paulo lhe deu inspirações visuais sobre esse futuro incerto e violento, onde tudo acontece e nada parece ter controle.

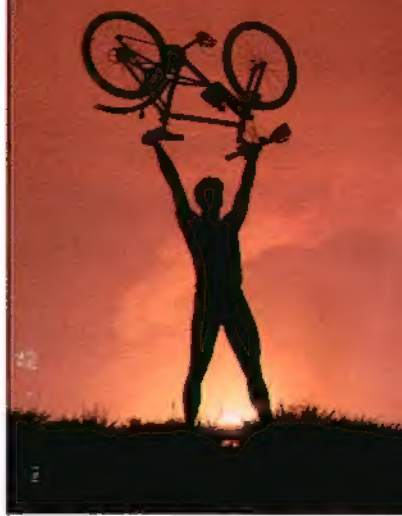
WALTER DE SILVA

Janet Jackson em "When I Think Of You"

David Bowie em "Jazzin For Blue Jean"

Sex Pistols em *The Great Rock'n'roll Swindle*

Para vencer seus desafios.



Malte, leite e muito chocolate Nestlé.
Esta é a receita da energia.
Você tem tudo para vencer com Smash.

Nestlé Smash

Energia para um dia de 25 horas.

chocolates Nestlé

adeus à inocência

Os pioneiros do punk no Brasil abandonam o estilo e embarcam na independência

Em 1986, o vocalista e letrista dos Inocentes, Clemente, se dizia desinteressado pelo esquema de gravadoras independentes. Reclamava da falta de estrutura, da falta de acesso aos meios de comunicação e lançava seu primeiro disco pela multinacional WEA. Depois de seis anos e três discos pela WEA, os Inocentes estão de volta à independência. *Estilhaços*, seu novo disco, está sendo lançado pelo selo Cameratti.

O que mudou? O Brasil? As grandes gravadoras? As independentes? Ou mudou a opinião dos Inocentes? "Mudou tudo", responde Clemente.

"Nosso último disco pela WEA (*Inocentes*, 89) não teve divulgação. As grandes não estão lançando nada. E a mentalidade das independentes mudou. A Cameratti tem um esquema legal de divulgação."

E não foi só a relação da banda com o mercado musical que mudou. Mudaram alguns dos integrantes: Ronaldo continua na guitarra, mas o baterista Cezar Romaro e o baixista Mingau (ex-365) são novos Inocentes.

Mudaram também as letras, que ficaram sem o espírito militante de antes: "Quando ficamos desligados do movimento punk ficou sem sentido aquele tipo de letra. Mas eu sempre fui um poeta". O que mais mudou, em relação ao Inocentes antigo, foi o som, agora muito mais rock & roll. "O que aconteceu foi que perdemos o trauma de ser uma banda punk. Antes não podíamos fazer um monte de coisas por não ser o que se esperava de uma banda punk. Era um bloqueio", diz o vocalista. "Eu não comecei tocando punk. Tocava rock. Ouvia Stooges, Aerosmith etc. Nós descobrimos que éramos uma banda punk pela imprensa. Descobrimos pela revista *Pop*. Agora estamos voltando ao rock'n'roll."

ROGERIO DE CAMPOS

Nos anos 80, a consagração dos yuppies fez com que homens e mulheres se transformassem em verdadeiros anúncios ambulantes. Num delírio de ostentação, quem não usasse a marca certa, bem exposta, quase uma placa de identificação, não tinha acesso aos lugares "certos", com as pessoas "certas". O importante não era o recado que se deixava escrito, mas a caneta que escrevia o recado.

Os anos 90, ao que parece, vão se transformar exatamente no oposto. O que mata a sede é a bebida, e não a garrafa. Saber se exibir é saber ser discreto. Ninguém mais quer vestir um rótulo. Não existe mais bula para andar na moda. As pessoas sentem que o cargo não faz o homem, que o hábito não faz o monge e o que interessa é colocar o seu jeito de ser na roupa que vestem.

Jô Soares.

JEANERATION
TEM UM TIPO QUE É O SEU TIPO.

Calça Jeans Overdestroyad.
Uma das oito
lavagens Jeaneration.

Camisa estampada
Esta e mais 46 estampas
diferentes

Lojas exclusivas Jeaneration:

SÃO PAULO - SP
Shoppings Iguatemi, Ibirapuera,
Morumbi e Continental.

FLORIANÓPOLIS - SC
Shopping Itaguaçu

BELO HORIZONTE - MG
Shopping Del Rey e Centro.

NATAL - RN
Natal Shopping.

ARARAQUARA - SP

E nas lojas autorizadas
em todo o Brasil

MADONNA

Pornografia

na sala de estar

NA PRIMEIRA PARTE DESTA ENTREVISTA REALIZADA NO SEU CHIQUÉRRIMO APARTAMENTO DE NOVA YORK, ELA FALA SEM PARAR SOBRE MÚSICA, CINEMA, OS ESCÂNDALOS MAIS RECENTES DE SUA CARREIRA E A ENORME DIFERENÇA ENTRE PORNOGRAFIA, *SEX* E *EROTICA*.

Esta não é a unica casa da Madonna. Ela tem outra em Hollywood e outra ainda, comprada recentemente num bairro — Horror! Escândalo! — gay em Miami. De qualquer maneira, a primeira impressão que este predio marrom-avermelhado do pré-guerra transmite é de ostentação grandiosa. Esta é, com certeza, uma das áreas residenciais mais nobres da cidade. No entanto, a porta de entrada do seu apartamento dá para um hall escuro que ela divide com mais tres pessoas.

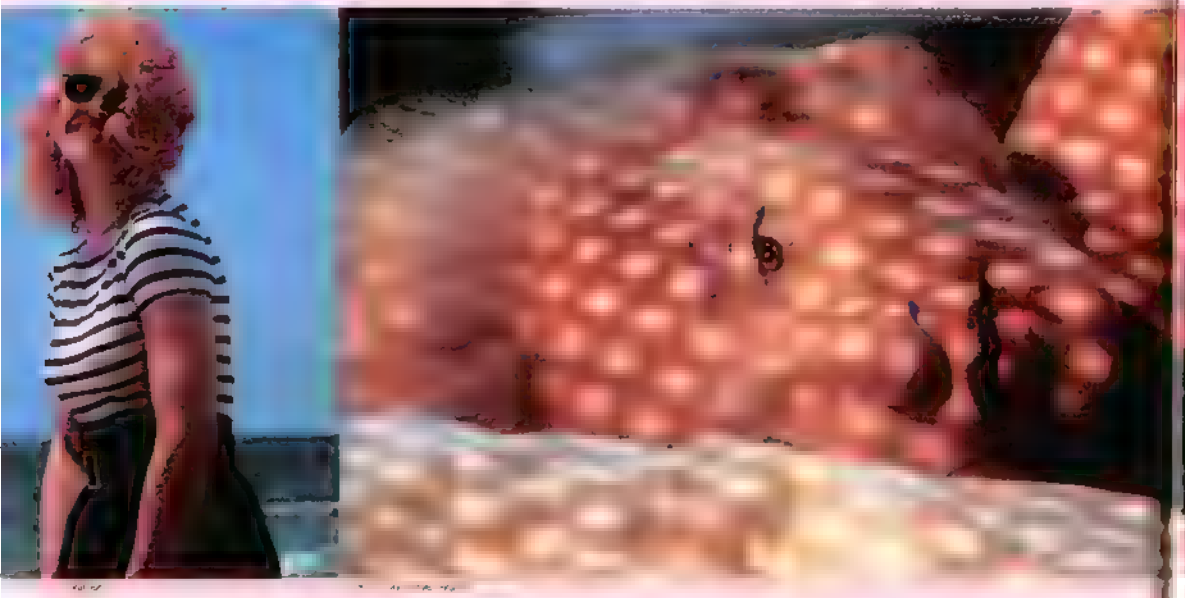
Quando chego, Madonna está na cozinha, onde, ao mesmo tempo, está fazendo pipoca e dando instruções para sua assistente Melissa devolver a proposta de capa para o proximo disco. Ela me oferece agua de uma enorme geladeira em aço inox e eu me sento ao lado da mesinha de café da manhã, em frente à televisão. Ela sugere então que eu deixe a cena de zona domestica e vá para a imponente sala de estar porque "é lá que faremos a entrevista".

Sua postura e porte, quando ela cruza o apartamento, têm um tom de insolencia punk. Encontra-la pessoalmente é uma experiência desmistificante. Madonna já assumiu diversas formas, vestiu muitos disfarces de obras-primas video-musicais na ultima década — querubim provocante, virgem recatada, prostituta atormentadora, ardente bailarina de flamenco, o arrogante menino de cabelos curtos usando a camiseta com a frase "Italianos fazem melhor", estampada no video "Papa Don't Preach", a personagem divertida e afetada em "Cherish", a ameaçadora ditadora do amor em "Express Yourself", a aventureira sexual de "Justify my Love" — mas aqui ela está sem nenhuma parafernalia.

Ao dar a mão para ela você percebe que as suas unhas estão pintadas de preto e sua pele parece estar desgastada e aspera. Sem a suave luz de foco e a base, dá para ver as manchas na sua testa e o efeito de tratamentos demais no cabelo, preso dos lados e repartido de lado, o preto das raizes contrastando com o amarelo cor-de-milho das mechas que se ajeitam ao redor do seu pescoço.

Seus olhos brilham, mas seu rosto tem um ar cansado, como se os anos de "fazer uma cara simpatica" tivessem cobrado seu preço.

Ela está usando uma camiseta sem manga, de xadrez vermelho, amarrada na cintura, com o nó alto o suficiente para deixar à mostra o famoso umbigo e a etiqueta Calvin Klein no elástico da sua calcinha, à mostra na altura da cintura, puxada alguns dedos acima do cos para aparecer por cima do black jeans baggy. Tem vários penduricalhos e correntes no pescoço dela, inclusive um com a foto do seu pai. Seu físico e definição muscular mostram as compensações de anos de *body-building*. Não é legal ficar encarando, mas depois, quando ela tenta resgatar uma pipoca que caiu entre seus generosos seios, e



impossivel não dirigir os olhos para o seu colo. Um sutiã de couro preto mantem no lugar os seios lustrosos, de contorno perfeito, tipicos de quem faz musculação.

Quando seus labios, cobertos com um batom excessivamente vermelho e tristonho, com contorno preto, sorriem revelando um dente de ouro reluzente com a letra "D" (de Dita Parlo, a atriz de cinema mudo dos anos 30 que Madonna interpreta nas sessões de Sex), o efeito é decisivo. Essa é outra Madonna, usando a máscara de um personagem diferente. Se a palavra "mulher-macho" pudesse alguma vez ser usada para ela, agora seria o momento apropriado.

Faz lembrar a famosa citação de Joan Jett "Garotas têm culhões so que eles são mais em cima"

Não é uma surpresa tão grande

Madonna afirmou agressivamente sua crença, não tão sem fundamento, que a "xoxota manda no mundo" através da brincadeira de machão no video "Express Yourself". Ela já havia dito para entrevistadores que, quando menina, queria tanto ser um menino que ficava de pé na privada de pernas abertas e fazia xixi para trás. Sua participação constante no programa humoristico *Saturday Night Live* nos ultimos dez anos — no papel de princesa Diana, como a sensual Madonna de collant e suspensorios flertando com o Wayne e Garth de *Quanto Mais Idiota Melhor*, para promover seu documentario *Na Cama Com Madonna*, e mais recentemente, como uma caricatura da dona de casa judia – deixa claro seu talento para a mimica e a interpretação que perpassa seu trabalho.

Mais tarde, quando você relembra que seu irmão, Christopher (diretor artistico do turnê *Blond Ambition* disse, "Minha irmã e sua propria obra de arte", ela soa quase irritada

"E, e verdade, eu sou. Veja o que Cindy Sherman (*fotografa*) faz. Qual a diferença entre o que eu faço e ela faz? Ela pega tantos tipos diferentes, tantos personagens diferentes, muda de peruca e de maquiagem e as fotografa. E ela se transforma em todas essas pessoas diferentes. Todo mundo considera isso arte nobre."

"Qual a diferença entre o que eu faço e o que o Robert De Niro faz? De Niro engorda 100 quilos para fazer um filme, todos esses 'atores de método' fazem isso. O que eu faço não tem nada de diferente. Eu assumo tipos, personagens e sentimentos diferentes para meus videos. Para tudo o que faço."

Na sala de estar, sento numa poltrona em frente à porta. Atras de mim tem dois alto-falantes gigantes e janelões abertos. Madonna senta-se perto de uma mesa de cafe, as sombras projetadas por uma luz palida dao um toque gotico à sala antiga e nossas vozes ressoam das paredes e do pe direito alto. Sua conversa é entrecortada pelo riso esquisito que se interrompe pouco antes de se tornar uma risadinha de colegial, e pelo uso constante da palavra "entendeu?"

Fora o barulho do trânsito, o som mais frequente na sala é o do telefone tocando praticamente sem parar durante a entrevista. Varias das chamadas são de Willem Dafoe, que co-estrela com Madonna o thriller inédito *Body of Evidence*, do diretor Abel Ferrara, e Mary O'Donnell, a jovem atriz que tornou-se sua amiga intima durante as filmagens de *Uma Equipe Muito Especial*. São interceptadas por Melissa num escritorio do outro lado do corredor.

Vindo da sua malhação matutina diaria, Madonna manda ver na pipoca que enche uma tigela gigantesca, e me oferece assim que se ajeita na poltrona

"Estou explorando mais uma das minhas obsessões por pipoca. Sempre ponho algo diferente nela. Desta vez pus canela, então você não precisa se sentir culpado se não aguentar comer. Eu adoro, você provavelmente vai odiar."

Madonna chegou a musica quase por acaso. Quando foi para Nova York era uma dançarina. Na dança ela fervilhava, descobria seu corpo e expressava suas emoções, uma válvula de escape que insiste em celebrar nas suas musicas, da terminalmente viciante "Into The Groove" à batida Chic atualizada de "Vogue". Através da dança ela explorava a parte da sua personalidade reprimida, tanto na escola, onde as freiras católicas a mantinham na linha, como em casa, onde ela havia assumido um

papel maternal como irmã mais velha, depois da morte de sua mãe.

"O impulso inicial que levou a tudo isso se você quiser dar uma psicanalisada, é que eu queria ser amada. Onde começou tudo isso? Eu estava estudando dança, pensando em interpretar, estudar interpretação e fazendo audições para teatro musical. Eu ouvia de música clássica a balé de Motown, que eu cresci ouvindo em Michigan, à Debbie Harry, que estava começando naquela época. Eu era uma grande fã dela."

Você não pensa as vezes no que teria acontecido se você nunca tivesse saído de Bay City, Michigan?

"E, eu penso nisso direto. Acho que estaria casada, com cinco filhos. Quando vou visitar Michigan e vejo aquelas pessoas com as quais cresci, elas são assim. Mas isso nunca teria acontecido comigo."

A cultura pop de Madonna tem-se nutrido da destilação das imagens e mensagens inerentes não só ao rock ou a *disco*, mas em mundos além destes. Isto é importante. Madonna tornou-se a mulher mais famosa no mundo por se recusar a aceitar os limites que o rock impõe as mulheres.

Através do instinto e do estudo (devorou vorazmente as performances de Katherine Hepburn e Marilyn Monroe no cinema, a arte de Frida Kahlo, a literatura de Ann Sexton) ela abraçou uma gama muito maior de experiências e influências do que seus críticos e até seus heróis estavam preparados para reconhecer.

"Já fui inspirada por todo tipo de gente, seja um personagem de um filme, um escritor, um pintor, um personagem num livro que alguém escreveu. Grandes personalidades me inspiram. De Martha Graham a Frida Kahlo a... tantas pessoas diferentes já me inspiraram, meu professor de balé me inspirou, ele morreu de Aids. Eu o adorava e vou adorá-lo para o resto da minha vida. Foi o primeiro homem gay que conheci; ele morava no centro-oeste e era aquele tipo de homossexual super-afetado. E foi uma das primeiras pessoas que me disse que eu não precisava ser igual a todo mundo, entendeu... não tenha medo de ser diferente, você é especial. Entendeu? Ele me ensinou a ser corajosa."

Madonna sempre andou com garotos e homens, seus irmãos em casa, seus primos da costa oeste nas férias. Quando começou a dançar com o pessoal de John Flynn, disse que se sentia inadequada porque só se apaixonava por homens gays. Foi através de um namorado em Nova York que ela finalmente descobriu a música.

"Esses caras eram irmãos e tinham um conjunto chamado The Breakfast Club. Comecei a sair com um deles e entrei na história de escrever letra de música só por curtição. Nunca, nem de leve sonhei em ser cantora na infância. Pensava em ser bailarina ou atriz. Nunca pensei nisso. Eu não era música, amava música, mas não era um dos meus sonhos."

"Comecei a ficar junto com ele nos ensaios e disse que queria aprender a tocar guitarra, sei lá, é uma história tão antiga. Tropecei nisso desse jeito, por amor. Quando me deu o estalo, foi mágico, como se eu tivesse sido possuída. Assim que aprendi a tocar guitarra e trocar acordes, não tinha mais volta. Eu me lembro quando escrevi minha primeira música; me senti possuída, escrevi automáticamente. Sempre escrevi poesia e diários, então tinha frases prontas e tal na minha cabeça, coisas que [illegible]."

"Daí para frente foi uma música por dia. Eu estava num ambiente perfeito para isso porque os caras moravam numa sinagoga velha. Eles moravam na parte de cima e passavam o dia na rua e me deixavam sozinha no estúdio. Eu era a própria criança numa loja de doces, tocava um pouco de bateria, um pouco de guitarra, aprendi a tocar o teclado sozinha. Eu estava brincando com máquinas, era como se o mundo inteiro se abrisse para mim."

As clássicas canções pop de Madonna são feitas num piscar de olhos, não mais do que 15 minutos. Ela fica frustrada quando leva mais tempo.

"Ah, é, componho na boa. Mas é esquisito, às vezes me leva meses para escrever uma, é um pesadelo o tempo que me leva para acabar. Quer ver, tem uma música no meu disco que acabei de conseguir escrever o segundo verso, e eu estou trabalhando nela há um ano. Outras músicas, as que acabam sendo as melhores, vão no estalo (ela estala os dedos)! Você nem pensa, ela vem."

Você escreve em imagens?

"Penso bem cinematograficamente quando escrevo. Sempre penso no visual."

Então a idéia do vídeo nasce ao mesmo tempo que a música?

"É, sempre penso em cenários e historinhas, por isso foi tão fácil para mim escrever o livro, porque penso nas coisas de forma muito visual, muito narrativa. Escrevo músicas como escrevo contos, são sempre sobre algo que aconteceu."

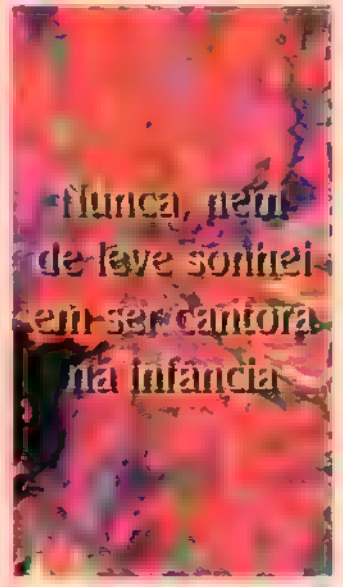
Sobre o que é seu livro? Podemos chamar de pornografia?

Madonna recosta-se na cadeira, sentindo-se afrontada por um instante mastigando pipoca.

"Não, é erotismo."

Qual a diferença?

"Acho que pornografia é uma palavra que implica abuso de alguma forma ou alguma espécie de objetificação. Por falar nisso, não considero *Playboy* uma revista pornográfica. Mmmmm, não vejo nada pornográfico em fotos de mulheres bonitas posando nuas. Se alguém está metendo um tiro no peito de uma pessoa nua, isso é pornográfico. Implica alguma espécie de violência, invasão, abuso, entendeu?"



Os títulos do disco e livro sugerem que eles estão relacionados.

"Bem, a única coisa que une os dois é que tem um CD no livro que é um versão remixada da faixa-título do disco, é a única coisa que eles têm em comum."

Levando em conta o que você fez até hoje e sua imagem pública, parece que a exploração da sexualidade é o assunto central do seu trabalho.

"É um assunto que me interessa muito. Não é o único, mas é um assunto que acho muito importante porque a sexualidade das pessoas está no centro de tudo o que elas fazem, são e criam e como se relacionam."

Mas há algum limite em até onde você pode ir na sua exploração. A sexualidade entra em algumas áreas que podem ser consideradas inaceitáveis — incesto, bestialidade, pedofilia, onde fica o seu limite?

"Eu nem penso nisso. Não acho que um pintor fique se questionando 'Até que ponto vou nisso?' Acho que você tem uma idéia, um *feeling*, uma expressão de algo e não vê aonde te leva. Não penso em fronteiras, só na minha inspiração inicial e onde quero ir. Minha fronteira é a minha honestidade, a sensação de algo real. Se deixa de ser algo no qual eu acredite, ultrapassei a fronteira."

Seu pai viu o livro?

"Não. Não pretendo mandar o livro para o meu pai, se é isso que você quer saber."

Mas ele vai vê-lo, vai estar em tudo quanto é canto — na TV, jornais, revistas.

"Não, ele não vai ver. Ele pode até ver algumas fotos, pode ligar a TV e ver fotos minhas com faixas pretas cobrindo meus seios. Tenho certeza que ele desliga a TV."

Você não fez isso, ao menos em parte, para excitá-lo?

"Se estou fazendo o livro para excitar meu pai? Nem a pau."

E que você tem falado freqüentemente sobre buscar a aprovação dele.

"Querer sua aprovação é diferente de querer excitá-lo."

Não sei, não sou um psicólogo, mas...

"Bom, eu sou. Não, não, não. Não, se eu buscasse a aprovação do meu pai, não teria feito um livro erótico porque meu pai não aprovaria. Já passei da fase de precisar chamar a atenção do meu pai. Acho que tem uma diferença entre o fato de não me comportar na escola e ser mandada para casa e trabalhar para caralho feito escrava neste último ano e meio para essa porra de livro. Não tem jeito. Eu poderia pensar em maneiras mais fáceis de chamar a atenção do meu pai, entenda assim."

Você vê a sexualidade refletida na estrutura da sociedade, nas suas bases de poder? Nas coisas que te perturbam na sociedade americana?

"Existe sexualidade em toda parte. Todo mundo exibe alguma forma de sexualidade, cada um lida com ela de um jeito. Mmm, então não sei direito o

que você está perguntando, vejo sexualidade em todo canto. Tem muita gente que tem vergonha de tudo na propria vida. Tem vergonha das suas fantasias, seus desejos mais intimos. Fazem uma coisa, quando na realidade queriam estar fazendo outra. Por isso você tem tanta gente por ai que é infeliz, bitolada, homofóbicos, por que eles têm medo dos seus sentimentos, então eles saem por ai dizendo para os outros como devem ser, como devem levar suas vidas. Mas, e claro, existe também muita gente que não é assim, e esse tipo de gente nos dá alguma esperança."

As letras que acabaram resultando em *Erotica* começaram a tomar forma durante as filmagens de *Uma Equipe Muito Especial*. Madonna escrevia durante os intervalos. Depois da personagem muito próxima de sua esperta personalidade em sua estréia *Procura-se Susan Desesperadamente*, Madonna tem sido rainha dos fiascos cinematograficos, como *Quem é essa Garota?* e *A Surpresa de Shanghai*. O caso de *Na Cama Com Madonna* foi diferente, claro, mas apesar dos furos, sua perseverança e determinação em transformar os minidramas dos seus videos em magia celulóide têm sido irrestrita

Mas Madonna não veio com o rabo entre as pernas para cair nas graças dos chefões de Hollywood. Ela conseguiu quebrar a resistência de Tom Cruise e Kevin Costner quanto ao seu nome para uma posição de destaque no Movimento de Conscientização sobre a Aids, deixou seu produtor louco quando ela resolveu manter a cena, em *Na Cama Com Madonna*, na qual ela goza de Kevin Costner quando ele diz que o show dela é "bem feitinho", e quando teve um quebra-pau com Oliver Stone. Talvez essa não seja a melhor política para quem pensa em desenvolver uma carreira no cinema.

"Eu já desenvolvi uma carreira no cinema", ela responde, obviamente irritada. "E quem é Kevin Costner?"

Um dos homens mais poderosos em Hollywood

"Bem, ele não me intimida."

Sair de um mundo onde você tem controle absoluto de tudo para entrar num mundo onde você não é nada mais do que um componente a mais entre outros, deve ser dificil para você. Os filmes são frustrantes para voce?

"Não, mas eles estão ficando cada vez menos, porque estou entendendo cada vez mais. Estou ficando cada vez mais envolvida no desenvolvimento de filmes a partir da ótica do produtor, encontrando atores, vendo projetos sa irem de uma idéia e se tornarem um roteiro. Não é algo que você pode dizer, egal, eu tenho uma idéia, vou entrar no estúdio, gravar, e lançar', entendeu? Um filme leva anos para ser feito, tem milhões de pessoas envolvidas, e todo mundo tem que dar sua opinião, é superfrustrante. Não há uma gratificação imediata."

Uma Equipe Muito Especial foi uma experiência agradavel?

"Algumas coisas foram, outras não. Fiz excelentes amigos e aprendi a jogar baseball. Essas foram as duas coisas boas."

A balada fraca e melosa, "This Used To Be Playground", gravada para o filme, tem pouco a ver com o disco novo.

"É totalmente separada. Eles queriam que eu fizesse uma musica para o filme, consigo fazer isso fácil, fácil. Chamo isso de dever de casa."

Então é um filme que deve ser visto?

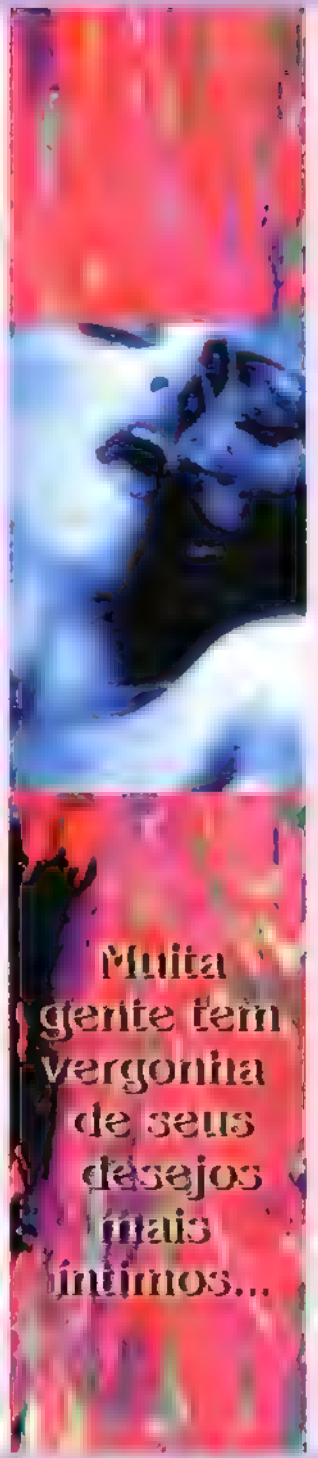
"Ah, acho uma gracinha, não é *E O Vento Levou*, não é *Dr. Jivago*, não é nenhuma obra-prima. É divertido, leve, tem cenas engraçadas, é bonitinho."

Isso não é um pouco forçado ou falso?

"Depende de quem conta a história Algumas pessoas têm sua visão pessoal da América. Se alguem contasse a história da minha vida de forma realista não haveria nada de forçado nem falso. Acho que a historia, na qual o filme se baseia, é uma ótima historia de como um grupo de mulheres formou um bom time de baseball na década de 40. Elas, apesar das dificuldades, acreditaram que conseguiriam fazer aquilo. Quer dizer, a história é fascinante e incrivel, mas eu acho que ela ficou açucarada. Acho que se eu tivesse dirigindo o filme teria feito o maior barulho em cima do fato delas não terem continuado, mas eu não era a diretora, então."

GAVIN MARTIN

continua na proxima edição!



As Camisetas Estampa Total (CT) e os Bermudões Estampa Total (BT) estão disponíveis nos tamanhos M e G e nas referências abaixo

CT Estampa Total Cr$ 110.000,00

BT Estampa Total Cr$ 120.000,00

LANÇAMENTO CAMISETAS E BERMUDÃO COM ESTAMPA TOTAL (frente, costas e mangas)

NEW ROCK

MC Manga Curta Cr$ 90.000,00

ML Manga Longa Cr$ 100.000,00

BO Bone Cr$ 45.000,00

CL Calça Moletom Cr$ 135.000,00

LANÇAMENTO CARTEIRAS EXCLUSIVAS Cr$ 40.000,00

Referência das Calças (CL) e dos Bonés (BO)

CL1-BO1
CL2-BO2
CL4-BO4
CL7-BO7
CL9-BO9
CL10-BO10
CL11-BO11
CL12-BO12
CL13-BO13
CL14-BO14
CL15-BO15
CL16-BO16
CL17-BO17
CL18-BO18
CL19-BO19
CL20-BO20
CL21-BO21
CL30-BO30

CA1: METALLICA
CA2: GUNS N'ROSES
CA4: IRON MAIDEN
CA7: SEPULTURA
CA8: RED HOT CHILI PEPPERS
CA15: PANTERA

COMO COMPRAR:

NEW ROCK

Cr$ 40.000,00

TOTAL DA COMPRA Cr$

NOME

END: Nº

CEP: FONE

CIDADE: ESTADO:

ASSINATURA

MOD	REF	COR	TAM

BLACK CROWES

OS BONS LADRÕES

Banda caipira visita o Tunel do Tempo, volta de calça boca-de-sino, provoca polêmica e recoloca o bom e velho rock & roll nos primeiros lugares das paradas americanas

Cópia malfeita e descarada de um misto de Rod Stewart e Mick Jagger. Rapinagem safada e sem imaginação dos sons manjadíssimos dos anos 70, requentados e vendidos como novidade. Ratos de brecho que não vestem nada mais moderninho que um cafian, uma batinha e um jeans saint tropez com boca-de-sino.

Os Black Crowes estão mais que escaldados com a saraivada de xingamentos e acusações disparadas por seus detratores. O quinteto de Atlanta, Georgia, tem apenas dois álbuns na praça (*Shake Your Money Maker* de 1990, e *The Southern Harmony And Musical Companion* lançado alguns meses atrás), mas já é capaz de inspirar os sentimentos mais divergentes entre um grupo crescente de admiradores e seus maiores antagonistas. Quem estará com a razão? E será que a banda se remoe de angústia diante de uma situação dessas?

A turnê americana do Black Crowes para promover *The Southern Harmony And Musical Companion* tinha começado duas semanas antes desta entrevista com o guitarrista Rich Robinson, feita num quarto de hotel em Minneapolis, depois de a banda ter passado por Japão e Austrália. Fundador da banda com seu irmão, o vocal stafaquir Chris Robinson, Rich não se esquivou um momento sequer das pedradas. Por mais violentas que elas fossem.

A banda selecionou lugares relativamente pequenos para se apresentar durante esta turnê, quando poderia tranqüilamente ter optado por ginásios, com a certeza de que esgotaria a lotação. Por que foi tomada essa medida? Medo da recessão?

Tenho certeza de que em diferentes paradas da turnê poderíamos ter escolhido casas maiores para tocar, mas preferimos dar um passo de cada vez. É muito melhor escolher o lugar onde vamos tocar conforme o ambiente e não necessariamente o tamanho do lugar. Isso é o que mais nos interessa. E em alguns lugares estamos "estacionando" a turnê por algum tempo, para realizar mais de uma apresentação num mesmo teatro – como ocorreu em Minneapolis, onde fizemos três shows; em St. Louis fizemos dois; em Nova York faremos quatro; em Boston, Filadélfia e Atlanta fizemos três, cada; dois em Detroit.

"Vídeos com meninas peitudas não têm nada a ver com música"

Esse tipo de esquema é, de alguma forma, mais vantajoso para a banda?

Se tocássemos nos lugares grandes, venderíamos muito mais ingressos. Já que estamos tocando nos lugares menores e não podemos deixar metade do nosso público na rua, fazemos múltiplos shows em determinadas cidades.

Esta é a primeira vez que vocês estão excursionando com dois novos integrantes, o tecladista Ed Harsh e o guitarrista Marc Ford. Você percebeu alguma mudança notável nos shows com a entrada desses dois novos membros?

Ed Harsh já tinha excursionado conosco, portanto ele já havia se ambientado bem. Marc era um de meus guitarristas favoritos, e eu tinha gostado do que ele havia feito no Burning Tree, e foi por isso que o convidamos a participar dos Crowes.

Lendo o que sai escrito sobre a banda na imprensa, encontra-se sempre uma referência ao fato de que o Black Crowes seria uma volta a sonoridades e visuais dos anos 60 e 70. Como você reage a esse tipo de afirmação?

É a maior babaquice. Acho que as pessoas daquela geração dos anos 60 e 70, que hoje estão à frente da indústria fonográfica, tentam até hoje recuperar alguns dos seus "dias de glória". Essa gente acha que seu tempo é que era bom, que naquele tempo é que se fazia o melhor. Essa é a gente que comanda a indústria do disco, que anda uma droga! O que é que nos fazemos de mais? Meu cabelo é comprido? Gosto dele assim, e daí? A escolha é minha.

"As coisas mudaram por causa do Guns, do Nirvana e de nós"

Musicalmente tocamos música do jeito que ela deve ser tocada nesse contexto. Não acho que computadores tenham muito a ver com música (os *BC* não usam sintetizadores nem teclados digitais, tampouco samplings). Computadores são uma ciência exata, e isso não tem nada a ver com arte. Thelonious Monk, por exemplo, quando gravava, nunca tocava uma de suas músicas mais que duas vezes. Se não desse certo em dois takes, ele deixava a música de lado. E é assim que a música deve ser: fruto da espontaneidade.

Não temos porra alguma a ver com anos 60 ou com os bastões do rock; vestimos o que bem entendemos e tocamos do jeito que quisermos. Nossa música é vazada. O que não é válido, eu acho, é muito da música dos últimos dez ou quinze anos.

Parte do problema é que muita gente se preocupa mais com o visual de seu vídeo do que com aquilo que deveria estar dizendo com sua música. Não me agrada fazer um vídeo que mais parece um comercial de calças jeans, com sete milhões de pontos de edição, meninas peitudas de biquíni – não consigo entender o que isso tem a ver com a música.

Por outro lado, há quem diga que estamos vivendo um dos períodos de maior efervescência no rock desde o movimento punk. Você concorda?

As coisas estão mudando, depois de muito tempo de estagnação. A Indústria está mudando, por causa, em parte, do sucesso de bandas como Guns N'Roses, Nirvana e nós. Acho que nós estamos provando que você não precisa obedecer a um tipo de fórmula para fazer sucesso.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

AS VÍTIMAS

Quem são as bandas dos anos 70 que estão na raiz dos Black Crowes

No momento, uma banda que copie o Motorhead, por exemplo, passa discreta em seu roubo, tanta gente fazendo o mesmo. Ninguém nota. Mas aparece Black Crowes fazendo um rock & roll muito influenciado pelas melhores bandas do início dos anos 70 e chama a atenção. Muito natural. Engraçado é que alguém ainda se preocupe em achar originalidade na música pop, onde roubar é a palavra de ordem.

As duas bandas mais citadas como "vítimas" dos roubos dos Black Crowes são os Faces e os Rolling Stones da época de Mick Taylor (discos como o *Exile On Main Street* e principalmente *Sticky Fingers*). Mas a estes dois nomes poderiam ser acrescentados grupos como o Free, o Humble Pie e o Aerosmith. A principal semelhança do Black Crowes com o Faces está nos vocais de Chris Robinson, que lembram muito o estilo de Rod Stewart da época

Faces e Black Crowes dos anos 70

em que este cantava rock. Como Rod Stewart sempre copiou cantores de soul de lugares como a Geórgia, sede dos Black Crowes, fica empatado.

Chris Robinson nega que imite Rod Stewart: "Eu admito que roubo descaradamente o Steve Marriot (vocalista do *Humble Pie* e *Small Faces*), nunca nem pensei no Rod". E na lista que fez para o jornal inglês *Melody Maker*, com os doze discos que teriam mudado sua vida, Chris Robinson colocou o *Exile On Main Street*, junto com discos de Bob Dylan, Syd Barrett, Sam & Dave, Dream Syndicate e até o jazzman John Coltrane. Mas não colocou nenhum do Faces. Talvez porque não goste das comparações. Não deveria se preocupar, afinal nenhuma pessoa de bom senso criticaria um jogador de futebol por tentar jogar como Pelé.

ROGÉRIO DE CAMPOS

COM UMA BOA CANTADA VOCÊ PODE LEVAR A MADONNA PRA CASA

CONCORRA A CINCO LIVROS *SEX* E CINCO COLEÇÕES DE DISCOS

É tudo muito simples. É só imaginar que você foi parar em alguma festa bacana em Beverly Hills ou Nova York e, de algum canto, lá está Madonna, sozinha, com cara de tédio e olhando na sua direção. Com uma frase inteligente, divertida, esperta, diferente (ou tudo somado) você tem boas chances de levar Madonna para casa. O QUE VOCÊ DIRIA? O QUE VOCÊ DIRIA? É o que queremos saber. Contanto que não seja algo como "Não conheço você de algum lugar", mande sua cantada de mestre p.r. PROMOÇÃO MADONNA — Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05477, São Paulo/SP

AS CINCO MELHORES CANTADAS RECEBERÃO, CADA UMA, UMA LUXUOSA EDIÇÃO DO GLAMOUROSO LIVRO *SEX* MAIS SEIS MAGNÍFICOS LPS DE MADONNA (*MADONNA, LIKE A VIRGIN, TRUE BLUE, YOU CAN DANCE, LIKE A PRAYER* E O NOVÍSSIMO *EROTICA*). A APURAÇÃO SERÁ EM DEZEMBRO E OS RESULTADOS SERÃO PUBLICADOS NA BIZZ DE FEVEREIRO DE 93

REGULAMENTO

1. Esta promoção é de natureza artístico-cultural, promovida pela revista BIZZ e aberta a qualquer pessoa que resida em território nacional.

2. Para participar, basta criar uma "cantada bem original" para a cantora Madonna e enviar para "Promoção Eu quero levar a Madonna para casa" Av. das Nações Unidas, 5777 - 4º andar Depto. de Promoções, CEP 05479-900.

3. O Concorrente pode participar com quantas "cantadas" quiser, mas apenas 1 delas será premiada.

4. A escolha das 05 "cantadas" mais criativas será feita por uma comissão julgadora composta por profissionais da Editora Azul, (no dia 18/12/92 às 15:00 hs., na sede da empresa).

5. A decisão da comissão julgadora é soberana e irrecorrível.

6. O prazo máximo para o envio dos trabalhos será 15/12/92, valendo a data de postagem do Correio.

7. Pela cessão dos direitos autorais, as 05 melhores "cantadas" receberão como prêmio: O álbum fotográfico *SEX* importado e uma coleção de 06 discos da cantora Madonna.

8. Os ganhadores serão avisados por telegrama e terão seus nomes publicados na edição de fevereiro da revista BIZZ. Os demais trabalhos, premiados ou não, se tornarão propriedade da Editora Azul e não serão devolvidos.

9. Os prêmios serão entregues na Editora Azul ou no domicílio dos contemplados.

10. Não poderão participar funcionários ou parentes de funcionários das empresas envolvidas nesta promoção.

11. Os trabalhos deverão vir acompanhados de nome, endereço, cidade, Estado, CEP, telefone, profissão e idade.

BIZZ

JOVEM PAN²

Eu, AXL

Entrevistão Especial

Parte 2

Desta vez ele conta porque Izzy Stradlin saiu do Guns N' Roses e mergulha nos traumas do passado

"O único jeito que eu sentia tesão em sexo era se eu fosse o "bandido"

Continuamos do ponto em que paramos na edição passada. Axl me telefonou depois de um pequeno intervalo...

No começo da sua turnê — primeiro com Skid Row, depois com Soundgarden — o show parecia calcado no *Illusion*. A maioria das musicas eram de discos novos. E depois, mais perto do final da turnê, parecia ter mais musicas do *Appetite For Destruction*. Por que isso?

Era o que sentíamos nessas noites. Tocamos o que deu vontade. Quero dizer, em San Diego abrimos com "It's So Easy", e nunca mais fizemos isso.

Você ainda não disse por que Izzy Stradlin deixou o GNR. Você poderia explicar o que aconteceu e, mais importante, qual o sentimento que tem por Izzy?

Eu me sinto como se ele tivesse cagado em cima de mim. Limpei a sujeira e ainda não me recuperei disso. Por um tempo pensei que o Izzy quisesse ser mais independente, mas o Guns N'Roses decolou rápido, e ele fazia tão parte disso que foi duro tomar uma decisão. Haviam certas responsabilidades com o Guns N'Roses que o Izzy não queria encarar. Basicamente, não queria trabalhar tão duro em certas coisas como nós fazíamos. Aparecia só na hora de entrar no palco, ficava puto porque ele estava atrasado, tocava, ai puxava o carro. Houve vezes em que, quando acabávamos o show, passava cinco minutos e ele já tinha ido embora. Não socializava com a banda, e tinha um sério problema em ficar sóbrio. Izzy sempre foi muito compulsivo e impulsivo, e apesar de não abusar mais de várias substâncias, ainda não chegou ao motivo do porquê de ser tão exagerado. Não solucionou isso, então, ao invés de se drogar, beber e farrear, ele se mantém ocupado viajando, andando de bicicleta e comprando um monte de brinquedos. Não há nada de errado com isso, exceto que não fui capaz de fazer as coisas que eram requeridas pelo Guns N'Roses. Fazer o Izzy trabalhar duro num álbum era como arrancar um dente. Todo mundo tinha bode disso. Ninguém ria ao estúdio enquanto ele estivesse lá, porque ninguém queria lidar com ele. Ele tocava algo fora do tom, e se nos pedíssemos para repetir dizia: Por quê? Eu acabei de fazer isso." Izzy, em geral, não me apoiava. Ele era bastante preocupado com seu tempo livre, e não entendia muito do que preciso para fazer meu trabalho. Pelo que sei, ele era vagabundo e egoísta. Houve momentos em que senti sua falta, e gostaria de ter tido capacidade de te-lo suportado, mas para mim ele era um cuzão. Sempre fui fã de seu trabalho, mas ele que se foda — você pode publicar isso. Mesmo que nós voltemos a ter amizade, não vou me arrepender do que eu disse nesta entrevista, porque é isso que sinto. Estou contente de termos feito musicas juntos e estou contente que ele foi embora.

Ele realmente te machucou, bem?

Você quer saber o que me magoou de verdade? Quando ele ia aqui a minha maldita casa e sem tipo, "O que há de errado, cara?". É bem estranho

"Fazer o Izzy trabalhar duro num álbum era como arrancar um dente"

Eu sabia que ele estava vindo. Pude sentir literalmente seu carro chegando enquanto me vestia. Fui lá fora e me senti, porque Izzy não poderia estar realmente chegando na minha casa. Eu não consegui fingir que era seu amigo, não depois do que ele fez para mim. E ele apareceu. E aqui como se não tivesse feito nada, quando nos abandonara quase hora num. Não era como se alguém estivesse deixando o grupo porque não estava aguentando mais. Ele cagou na banda. Izzy chamou todos os membros da banda e tentou virá-los contra mim, dizendo que era eu quem estava pisando com ele, e não foi isso que aconteceu. Ele disse um monte de merda nas minhas costas. Tentou jogar pesado e nos atingir na sua saída, e isso realmente é de foder.

Quer falar sobre outro ex-membro da banda, o baterista Steve Adler?

A lenda é que nós o mandamos embora sem motivo, e que eu era o ditador por trás disso tudo. A verdade é que eu provavelmente lutei um pouco mais para mantê-lo no grupo, porque eu não estava trabalhando com ele diariamente como o resto da banda. Eles ficaram cansados de não fazerem seu trabalho porque o Steve não era capaz. Li entrevistas onde ele disse que era um cara limpo. A maior parte do tempo, não. É o tipo de pessoa que quer todas as coisas na mão. Em um certo ponto, só para manter a banda unida, era necessário dar ao cara uma parte dos meus direitos de publicação. Esse foi um dos maiores erros que já fiz em minha vida, mas ele blefou bem, dizendo que não ia permanecer na banda. Nós estávamos preocupados com o fato de não podermos gravar o primeiro álbum, então eu fiz o que senti que deveria ser feito. Paguei bastante para manter o Steve no Guns N'Roses. Paguei um milhão e meio de dólares, dando 15% dos meus direitos de *Appetite For Destruction*. Ele não escreveu bem uma nota, e me chama de egoísta, filho da puta! Steve tem sido capaz de viver bem com esse dinheiro, comprar um carregamento de drogas e advogados para me processar. Se e quando perder a ação que move contra nós, ele terá que pagar esses advogados, se é que terá algum dinheiro sobrando, com grana que veio do Guns N'Roses e de mim próprio. Neste ponto eu nem me importo com o que vai acontecer com Steve Adler, porque ele conseguiu sair da minha vida, fora do meu caminho e preocupação completamente. Do qualquer jeito, me sinto mal por ele ser uma pessoa tão gravemente danificada, mas é a sua própria escolha que o mantém desse jeito. Não há nada que possamos fazer agora. Nós o levamos a clínicas de reabilitação. Ameaçamos seus fornecedores de drogas e o ajudamos quando cortou os pulsos. Até perdoei quando ele quase matou minha esposa. Tive que passar uma noite com ela numa Unidade de Tratamento Intensivo porque seu coração parou graças ao Steve. Ela estava histérica, e ele aplicou nela uma dose de "speedball". Ela nunca tinha tentado esse tipo de merda antes, aí o cara vai lá e aplica nela uma mistura de cocaína com heroína? Mesmo assim, faria qualquer coisa por ele. Eu o impedi de ser morto por membros da família da minha esposa. Salvei-o de ir à julgamento, porque até sua mãe queria que ele pagasse pelo que fez. E o filho da puta se vira contra mim? Eu quero dizer, tudo bem, eu sou uma pessoa difícil de se lidar e sou foda de se entender — e eu tive minha parte nos problemas —, mas Steve se beneficiou muito mais do seu envolvimento comigo do que eu com ele. Steve tinha muitos fãs, mas ele era de foder. E eu tenho que mantê-lo na minha vida? Vai se foder!

Agora que falamos sobre isso, o que você acha de mostrar o outro lado da moeda: os

"Eu perdoei Steve Adler quando quase matou minha esposa. Eu o impedi de ser morto por membros da família dela"

"Amo Slash.Esse lance de um ficar apertando a garganta do outro não tem acontecido a mais ou menos um ano e meio"

caras novos, especialmente o guitarrista Gilby Clarke?

Gilby é incrível, é um prazer de se ter ele em volta. Ele trabalha bem o palco e a multidão. Também nos dá um senso de normalidade no rock n'roll — se é que existe algo assim. Gilby tem um jeito de entender as coisas e de lidar com situações inesperadas que deixa a viagem mais tolerável. Suas ticas, como sendo alguém de fora do GNR, nos ajudou bastante. Ele tem suas opiniões do que está acontecendo conosco e isso ajuda a nos dar uma perspectiva diferente, porque o Slash, o Duff e eu estamos no GNR por tanto tempo que às vezes não vemos coisas que as outras pessoas veem. Ele passou por tanta coisa nos outros grupos, que têm uma educação apropriada do rock n'roll. Agora é parte do Guns N'Roses.

Ele é um "membro" dos Guns N'Roses?

Essa coisa de ser "membro" é meio interessante. Li uma entrevista em que o Matt (Sorum, baterista) dizia que se não chegasse a ser membro, não estaria no Guns N'Roses. A verdade é que Matt é um membro do Guns N'Roses, mas isso não quer dizer nada. É coisa tipo gangue de clube noturno. Nós somos todos membros dessa gangue. Matt é um membro do GNR, e sua opinião é levada em consideração. Levando em conta isso, Gilby é um membro também. Dizzy é um membro da banda. Como todos os cantores de apoio, e parte de metal, tecladistas... Encaramos que todos nós somos membros do Guns N'Roses. Mas a linha básica é dirigida por Slash e eu. Então levamos ao Duff qualquer coisa que estivermos discutindo, para ver se ele acha legal. O Guns N'Roses é basicamente Slash, Duff, Doug Goldstein e eu, mas há muitas outras pessoas envolvidas que são partes de nossas vidas e parte de nossas famílias.

Você acha que o Matt vai ficar chateado quando ler isso?

Seria bom que ele não ficasse. Amo todo mundo da banda. É botar para quebrar e sentir o calor e o astral no palco. Nesse ponto são os doze de nós que estamos no palco colocando tudo para fora.

Vocês são em doze?

Tem o Teddy, tem o Dizzy, a Roberta, Tracy, Lisa, CeCe, Anne, Gilby, Matt, Duff, Slash e eu. Foi o Slash que juntou essa gaiera, que fez todo o trabalho de base. Ele trabalhou tão bem, que ainda não estou acreditando que isso aconteceu. Estou feliz por fazer parte disso. É uma coisa grandiosa, e nós poderemos chamar mais alguns dançarinos, que nem aqueles que tínhamos nos velhos tempos de Troubadour (bar/teco em Los Angeles). Temos levado isso em consideração.

Quando você e Slash não estão um apertando a garganta do outro, vocês são realmente uma força que deve ser considerada.

Deixe-me dizer algo sobre esse lance. É um ficar apertando a garganta do outro. Isso não tem acontecido faz mais ou menos um ano e meio. Eu amo o Slash. Somos pelos lados de energia, mas nos complementamos. Um anima o outro a trabalhar, e assim nos complementamos. Tivemos um desentendimento em Dayton (Ohio), porque tanto eu, como Doug, pensamos que ele havia dito alguma coisa para mim no palco. Essa foi a noite em que cortei minha mão ao chegar no osso. Nós temos monitores atrás do palco e enquanto eu estava lá, dando uma treta, minha mão, pensei ter escutado ele dizer algo escroto para mim. Enrolei uma toalha na minha mão e estava me sentindo tipo "vamos acertar isso, assim posso terminar logo esse show". Voltei ao palco e fiquei escroto com ele, e disse que ia quebrar a sua maldita cara na frente de 20 mil pessoas. Foi uma estupidez fodida. Eu estava errado e me desculpei no momento em que me liguei que não estava com a razão. Uma pessoa que me apoia como ele, é uma mão que não quero morder.

O tributo à Freddie Mercury foi superlegal. Como foi tocar junto com lendas como Queen e Elton John?

Foi a experiência mais reveladora da minha vida. Foi surpreendente. Quando nos encontramos pela primeira vez com Brian May no verão passado, fiz detalhes. Nenhum deles queria deixá-lo sair da sala. Ele é uma das pessoas mais legais que já conheci. Quando cantamos "Bohemian Rhapsody", nós não havíamos ensaiado. O Brian me pediu para fazer isso naquele dia e eu me senti bem. Conversei com o Elton antes do show, e ele estava intranqüilo pelo fato de se encontrar comigo — você sabe, sou supostamente o cara mais homofóbico da Terra. Quando nós conversamos, eu estava sentado mais sério, e disse a ele o quanto sua música significava para mim. No final, ele estava tipo "Opa". No palco, eu tentava me mostrar o mais respeitoso possível. Eu estava olhando, e se você olhar de perto, pode ver algumas veias quanto amor e respeito tenho por Elton. Havia um contato olho a olho rolando. Foi impressionante. O John Norris da MTV ficou dizendo "Esse pode ser a última vez que você vê Elton John com Axl Rose juntos no palco". Não que eu tivesse alguma coisa com isso.

Vamos conversar sobre música.

Tudo bem. Uma das minhas bandas favoritas é o U2. Eles não eram, mas são agora. Eu costumava não entender os. Não conseguia ver o mundo que eles cantavam. Amor, dor e comprometimento. Somente em algumas músicas, como "With Or Without You", eu podia relacionar e entender. Esse foi o som que ouvi um pouco antes de ter uma overdose por causa de meu relacionamento (com sua ex-esposa), que estava fodido. Mal podia ver as coisas que eles estavam cantando. Eu acreditava naquilo em teoria, mas a verdadeira expressão não via de maneira alguma. Agora posso ver algo de diferente na música do U2, e isso não tem nada a ver com o jeito que eles atuam ou como estão se vestindo. Existe um sentimento diferente na música. Acho que a música "Você" é uma das melhores canções já escritas. Agora posso entender por que as pessoas gostavam do U2 há anos atrás.

"Eu posso conversar sobre a vida, o amor e a felicidade, mas embaixo disso existe um pensamento doentio"

"Conversei com Elton John, e ele estava intranqüilo — você sabe, sou supostamente o cara mais homofóbico da Terra"

Uma amostra do paraíso em meio ao inferno existencial

"Em vez de ser eu mesmo, eu era produto do ambiente, e isso foi algo que o GN'R jogou de volta na cara das pessoas"

O U2 nunca fez algo como "One In A Million".

Minha opinião é que as pessoas não podem se identificar com essa canção. Ela inspira pensamentos e reações que acordam as pessoas, fazendo-as lidar com seus próprios sentimentos de racismo, discriminação e sexualidade.

Mas Axl Rose disse "viados" e "crioulos".

Muitas outras pessoas também já disseram isso.

É, mas é bem fácil se sentir cheio de direitos e apontar o dedo para você.

Escrevi uma música que era bastante simples e vaga. Era um tipo de pintura que eu estava pintando para mim mesmo, porque essa é a maneira que escrevo música. Tente ir a um museu e não ver pinturas que mostram dor, sofrimento e confusão. Eu acho que mostrei isso de maneira satisfatória. Definitivamente esse som era um mecanismo de sobrevivência. Era uma maneira para expressar minha raiva e o quanto vulnerável me sentia em certas situações que ocorreram em minha vida. Não é uma música que eu escreveria agora. O tema é bastante genérico e generalizado, e eu pedi desculpas por isso na capa do disco. Voltando no tempo e lendo aquilo, não era a melhor desculpa, mas era a melhor que eu podia fazer naquele momento.

Levando em conta todo o buchicho que rolou em "One In A Million", alguma vez você chegou a se arrepender de ter dividido isso com o mundo?

Estou no muro com essa música. É bastante poderosa. Sinto que, tão longe quanto a liberdade artística e minha responsabilidade a essas crenças permitam, esse som deveria existir. Essa é a única razão pela qual não puxei isso da prateleira. Liberdade e criatividade nunca deveriam ser censuradas. Se soubesse que as pessoas fossem se machucar por causa dessa música, então eu estaria errado.

Muitas bandas tendem a se envergonhar da honestidade e da dor que sai de suas músicas, especialmente aquelas músicas que lidam com suas relações amorosas. Não é muito macho se sentir machucado.

Isso é sobre enfrentar a sua dor, e não há muitas pessoas que querem fazer isso. Isso é bastante normal. Resisto e enfrento uma luta sem fim para evitar expor algumas partes da minha pessoa para mim mesmo.

Quando as pessoas leem que você faz terapia e trabalha seus problemas, esses termos são bastante vagos.

Estou continuamente aprendendo que, quando estou deprimido, há uma razão para isso que não estou sabendo. Poderia ser algo que aconteceu muito tempo atrás, e tenho carregado uma base disso desde então. Esse pensamento-base não foi exposto desde que aconteceu, e nunca foi curado. Enterrei tão fundo que eu nem sei que está lá. Eu posso conversar sobre a vida, o amor e a felicidade, mas embaixo disso existe um pensamento distorcido. Ou raivoso. Ou medroso. É algo que eu ainda estou trabalhando. Através de voltar vagarosamente para trás.

Como?

Existem vários métodos, mas basicamente é entender como você se sente e o que realmente é importante, localizando o assunto e, aí, com ajuda do meu terapeuta, eu trabalho no sentido de liberar meu inconsciente. A menos que seu eu verdadeiro saiba isso, por que você gostaria de se separar disso? A maior parte das pessoas são fechadas. Quem é que sabe como voltar ao passado e curar a própria dor? Ter ajuda e ser capaz de aceitá-la é bem mais forte e algumas vezes muito mais fácil. Mas de vez em quando é bem mais difícil. Quero dizer, quem quer precisar de ajuda? Acha alguém em quem confio, e assim fica fácil de trabalhar. Os métodos não são necessariamente importantes, o que realmente conta é chegar lá e sanar o problema. Um psicólogo pode extrair isso melhor do que eu poderia. Fazendo isso, eu poderia queimar algumas pessoas. Pode parecer meio estranho, mas está funcionando. Tenho certos problemas emocionais, mentais e físicos, e não quero viver com eles mais do que eu devo. Sou obcecado em sobrepor isso. A única maneira que uma pessoa pode dizer se precisa de ajuda é quando não importa o quão feliz você esteja, no fundo sabe que está uma merda. Eu tenho estado assim por muito tempo, mas agora não me sinto mais um merda.

Isso é uma mudança notável — para melhor — na maneira como você se segura.

Ainda carrego alguns elementos do punk; mas, se vivesse assim agora, estaria caminhando para trás. As pessoas precisam passar por estágios diferentes. Um grupo formado por caras de 19 ou 20 anos que dizem que "tudo é uma merda" tem o direito de se sentir desse jeito, e também tem o direito de se expressar. Mas existe vida após os 21, se você pode viver tudo isso — o que é uma bosta para todos nós. Quem é que sabe? Eu poderia me sentir realmente deprimido e ter uma overdose na próxima semana; mas não penso assim, isto é, espero que não.

Você leva seu psicólogo junto nas turnês?

Algumas vezes, quando sinto que posso precisar de ajuda. Se nós não estivéssemos em turnê, eu me concentraria mais em resolver meus problemas antes de excursionar, mas isso tem sido impossível. Os álbuns precisavam ser trabalhados. Não é por-

"Através de terapia de regressão, descobri que meu pai verdadeiro abusou sexualmente de mim"

que eu os escrevi, mas sinto que "November Rain" e "Estranged" têm a chance de ser mesclados na cultura musical. Então vou lutar por isso e tentar espalhar para o máximo de pessoas possíveis. Fico mordido quando ouço uma bela faixa de um disco e o autor diz: "É, mas o público não sentiu isso". Eu falo: "O que você quer dizer com isso?" O público também não gostava de "Jungle" e agora está.

Recentemente você foi à público na revista *Rolling Stone* falar sobre abusos que sofreu na sua infância.

Eu tenho minha parte de pauladas, pedras e facadas; de pessoas tentando me fisgar por qualquer razão. Gostaria de ser mais "acionário" do que reacionário. Sou bastante danificado, e não quero que as pessoas tenham pena de mim. Em vez de eu ser eu mesmo, eu era um produto do ambiente, e isso foi algo que o GN'R jogou de volta na cara das pessoas em todo mundo. "Você não gosta de nós?

"Quando você alimenta alguém com merda, e ele tem os culhões de dizer a você que gosto tem, isso cria problemas"

Axl entre Izzy e o... Stevens, Keith Richards e Ron Wood.

Então vai se foder! Você ajudou a nos criar. Sua maneira de fazer as coisas ajudou a sermos o que somos. Não tínhamos escolha. Não podíamos ser diferentes." Quando você alimenta alguém com merda e ele tem os culhões de dizer a você que gosto tem, a maior parte das pessoas encana com isso. O povo não sabe como suportar uma criança que não sabe como aceitar ajuda.

O que você quer dizer com isso?

Se uma criança sofre uma agressão, e alguém oferece ajuda, e o menino foge, a punição não é arte o efeito desejado. Em vez de ajudá-lo e tentar [illegible] até ele, dizem "você tem que trabalhar seus problemas agora." Você está me entendendo? Isso não funciona. Palavras de comando tipo "cale a boca! Fique sentado," não funcionam se você está tentando ajudar alguém ferido. Sofri uma lavagem cerebral na Igreja Pentecostal. Não sou contra igrejas ou religiões, mas acredito que a maior parte das religiões enganam a humanidade. Minha igreja estava lotada de hipócritas cretinos que molestavam e abusavam de crianças. Eram essas as pessoas que estavam "encontrando" Deus, mas que ainda estavam danificadas e passando isso aos seus filhos. Eu tinha que ir à igreja de três a oito vezes por semana. Estava aprendendo a Bíblia na escola enquanto era espancado e minha irmã molestada. Podíamos assistir a TV uma vez por semana, ao meu padrasto jogava a TV fora, falando que era obra do demônio. Não me permitiam ouvir música. As mulheres eram coisa do demo. Tudo era demoníaco. Eu tinha uma visão distorcida da sexualidade e das mulheres. Me lembro da primeira vez que tomei uma porrada por estar olhando uma mulher. Não me lembro o que estava olhando nem que idade tinha, mas era uma propaganda de cigarro com duas garotas de biquíni saindo d'água. Eu só estava vendo TV – sem pensar em nada, só olhando — e meu pai deu um murro na minha cara, e eu voei no chão. Alguém pode dizer "Cara, passe por uma dessa!" Ah é? Vai se foder. Quatro ou cinco, esse incidente ficou no meu inconsciente. Em qualquer lugar que houvesse alguma forma de sexo, como um beijo, nos não podíamos olhar. A lavagem cerebral do meu pai foi tamanha que começamos a nos virar para nós mesmos. Nós nos escravizamos. Minha mãe dizia que tudo isso acontecera porque ela era muito insegura, incapaz de ficar sem um padrasto. Ela me via ser dilacerado profundamente e por não estar nem aí para mim, minha irmã e meu irmão. Sempre senti uma grande ansiedade em voltar e ajudar a minha mãe. Me sentia obrigado, mas agora não me sinto assim. Ainda sinto raiva, mas estou tentando vencer isso. Enterrar o problema não funciona mais. Eu enterrei por muito tempo. É por isso que já uma espécie no final do vídeo de "Don't Cry". Arruinou a vida de quase todos dessa igreja virar uma merda por causa da própria hipocrisia [illegible] os.

Que efeito isso teve nas crianças?

[illegible] nos deu uma boa opinião sobre Deus. Confundiu as coisas. A Bíblia me forneceu a coisa "abaixo" e isso distorceu meu ponto de vista. Meu pai trazia um besouro para casa, mas o que eu queria mesmo eram dos hambúrgueres do McDonald's. Fomos ensinados "você deve temer a Deus". Não acho isso saudável. Posso te dizer que não sei o que Deus é ou deixa de ser, mas não tenho medo Dele. Me sinto muito melhor assim. Não tenho mais medo dele, não sinto que serei punido por ele com os obstáculos que ocorrem na minha vida. Só estou parecendo meio careta, não é isso. Eu sou mordido [illegible] não sou contra pessoas. Não gosto de ver pessoas miseráveis nem pessoas se matando enquanto dizem que estão felizes. Com ajuda da terapia de regressão descobri que meu pai verdadeiro, não meu padrasto, abusou sexualmente de mim. A raiva mais poderosa era a raiva de um garoto de dois anos, porque era dor. Nada pode me amedrontar porque já vi o inferno. Fui morto aos dois anos e vivi através disso. Me sento mal por 28 anos. Meu padrasto entrou em minha vida quando eu tinha três ou quatro anos, e não conheci meu verdadeiro pai até os 17 anos. Fui separado de mim mesmo na mais tenra idade. Meu padrasto, com suas confusas mensagens — uma mistura de amor e ódio —, se certificou para que eu não me juntasse. Ele me amava num minuto, ao no outro me batia. Tive que aprender como lidar com essas duas personalidades. Dei dois passos à frente e dois para trás, mas [illegible] essas que são novas para [illegible] mas não vou deixar que o meu medo me impeça de progredir.

Como você acha que seus traumas de infância afetaram sua vida sexual?

Eu não consegui estar sexualmente numa boa com alguém, porque eu estava montado de uma maneira que me sentia como se estivesse fazendo algo de errado. Mesmo se fosse alguém que eu gostasse. O único jeito que eu sempre tesão em sexo era se eu fosse o "bandido". Ao fiquei cansado de ser o bandido. Amo a pessoa que sou agora. Por que sempre tenho que manter um nível baixo de estima pessoal para me sentir bem? Não me sinto legal sentindo como se fosse um pedaço de merda, e não quero me sentir como um pedaço de merda. Mesmo se isso tivesse entrado na minha cabeça alguns anos atrás, através da leitura sobre abusos e fazendo o trabalho em que estou agora. Descobri que é assim que isso funciona. É uma coisa bastante estranha de se lidar. Sabe como é, sou um homem crescido. Isso foi há muito tempo. Suponho que eu tenha dado a volta por cima. Talvez. *DEL JAMES*

Tradução partes I e II: Ronaldo Mascarenhas

INFORME PUBLICITÁRIO

Para "tocar" o som.

O som pode ser moldado. Organizado através das ondas sonoras em formas e texturas. O som pode ter gosto, cheiro e profundidade, graças a instrumentos musicais de alta precisão, fruto da união do mais cuidadoso trabalho artesanal com a tecnologia de ponta. Tradição e futuro unidos para tornar a arte de tocar ainda mais rica e universal. Mas para conseguir isso, você precisa ter uma parceria perfeita com seu instrumento. Nas próximas páginas, conheça um pouco do que se faz de melhor para você extrair o máximo de sua música.

EVOLUA!

EXPORT PRO

Lembra a primeira vez que você tocou bateria? Com certeza você evoluiu muito de lá para cá. Parad dles, rutos solos, viradas. UFA! Já faz um tempão.

Como você, sua bateria também tem que evoluir, possibilitando uma maior alternativa de timbres, medidas, acessórios etc.

Assim é a nova PEARL EXPORT PRO, a evolução da "EXPORT" a bateria mais vendida no mundo todo. Agora os tambores são construídos com o interior de madeira 100% Birch de alta densidade, o que torna o som e o ataque muito mais profundos, realçando os graves e eliminando o excesso de harmônicos.

A série EXPORT PRO tem dois modelos de bumbo 20" e 22" e mais de 10 combinações de tontons e surdos, na medida exata de seu som e estilo. Caixa de aço maciço 14"x 6,5", ferragens com pés duplos, peles Remo exclusivas e um pedal e uma máquina que com certeza não vão te deixar fubar naquela super virada.

O mais avançado design, o melhor acabamento e 11 (ONZE!) cores para você escolher.

A PEARL também apresenta sua linha de pratos de alta qualidade, ideais para o iniciante, o profissional e para quem quer completar o seu set. Chinas, Splashes e muito mais.

Este é o seu próximo passo, PEARL EXPORT PRO. A qualidade PEARL evoluindo com você. Sempre.

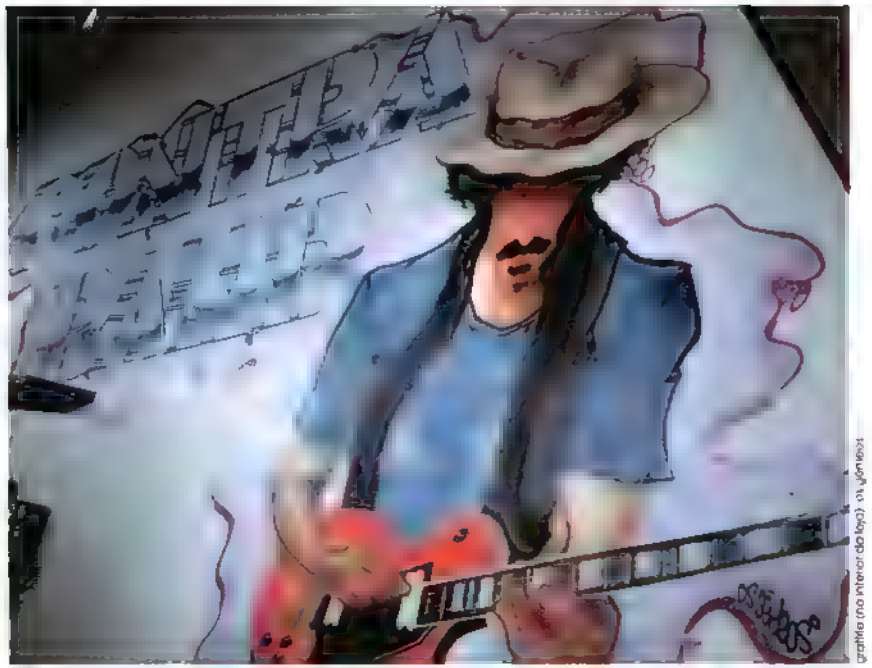
Pearl
the best reason to play drums

REPRESENTANTE EXCLUSIVO MUSICOS BRASIL PERCUSSION INSTRUMENTAL

Rua Teodoro Sampaio, 825 - CEP 05405 - FAX: 282-6443 - São Paulo - SP

LEGAL

MONDO



grafite (no interior do logo) de gênios

Agora você não precisa ficar falando baixinho e olhando dos lados para comprar instrumento musical importado. Chegou CONTRA BAND, uma loja que traz as marcas mais conhecidas e os últimos novidades da área musical. Na CONTRA BAND você tem garantias na compra, nota fiscal (para fazer seguro do seu instrumento), assistência técnica e a certeza de estar adquirindo um ótimo produto das mãos de quem você pode confiar. A CONTRA BAND tem também um padrão de atendimento nos mesmos moldes das melhores lojas do Japão e Estados Unidos, com 3 salas especialmente projetadas para você testar seu equipamento com toda tranquilidade. Venha conhecer a CONTRA BAND. É Legal.

CONTRA BAND
O SEU INSTRUMENTO LEGAL

AV. BRIGADEIRO FARIA LIMA, 1464 - SÃO PAULO - SP - FONES: (011) 212-3360 E 814-2791

Você Só Precisa Escolher o Seu Mestre

A MPO está com descontos promocionais em toda a sua linha de fitas de vídeo. Agora, você só não vai aprimorar a sua técnica se não quiser
Promoção por tempo limitado.

01☐ 02☐ 03☐ 04☐ 05☐ 06☐ 07☐

08☐ 09☐ 10☐ 11☐ 12☐ 13☐ 14☐

15☐ 16☐ 17☐ 18☐ 19☐ 20☐ 21☐

Promoção válida até 30/11/92

Nome _____

Rua _____

Bairro _____

Cidade _____ CEP _____

Estado _____ Fone _____

Assinatura _____

Desejo receber a(s) seguinte(s) fita(s)

Cod.	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11
Quant.											

Cod	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
Quant.										

☐ Estou enviando junto com este cupom pagamento em cheque nominal à MPO

Vídeo - Rua Urbanizadora, 140 - CEP 01252 - SP/SP - Fone: (011) 263-1522 / 263-1557 / 62-7608

☐ Prefiro pagar pelo cartão de crédito: ☐ Credicard ☐ Visa ☐ Dinners

Nº do Cartão _____ Válido ___/___/___

Preço unitário: Cr$ 309.000,00 Total: _____

Fitas: Guitarra Fusion (Dupla) Cr$ 469.000,00

Valor Total Cr$ _____

Frete e imposto incluso

MPO VIDEO

(Se preferir peça pelo telefone)
(011) 263-1522 - 263-1567
(011) 62-7608

KAWAI

A segunda maior indústria de instrumentos musicais do mundo!

ONE FINGER AD-LIB®

FS-640

- 61 teclas normais
- 100 sons
- 30 ritmos
- Estéreo
- Música de demonstração

US$ 400
(dólar oficial)

FS-690

- 61 teclas normais
- 100 sons
- 100 ritmos
- Estéreo
- Gravador
- MIDI
- Sintetizador de Som
- Pattern Maker
- Memória de registro

US$ 500
(dólar oficial)

Laoni

Distribuidores

São Paulo - SP - Zona Leste
Olla & Dias - (011) 295-9199

São Paulo - SP - Zona Norte
Concerthus - (011) 267-5138

São Paulo - SP - Zona Sul
Casa Manon - (011) 542-5166

São Paulo - SP - Centro
Transcom - (011) 221-1872

São Paulo - SP - Zona Oeste
Distax Musical - (011) 261-5909

Campinas - SP
Toledo - (0192) 42-7966

São José dos Campos - SP
Traviata - (0123) 22-7133

São José do Rio Preto - SP
Tok - (0172) 32-0688

Sorocaba - SP
Scalla - (0155) 42-2695

Rio Claro - SP
Jog - (0195) 24-3888

Rio de Janeiro - RJ
Casa Milton - (021) 264-8585

Vila Velha - ES
Louwan - (027) 229-5297

Belo Horizonte - MG
A Serenata - (031) 271-1313

Salvador - BA
Foxtrot - (071) 358-8313

Brasília - GO - DF
Musimed - (061) 225-6820

Curitiba - PR
F Sartori - (041) 232-5171

Blumenau - SC
Musical Systems - (0473) 37-1310

Porto Alegre - RS
Milson's - (051) 226-3088

Campo Grande - MS
Imusic - (067) 382-6008

Belém - PA
Thot - (091) 228-1402

METEORO
Equipamento de Som Profissional

22 DE NOVEMBRO É O DIA!

PARABÉNS

O dia 22 de novembro é uma data especialíssima para todos nós que, de uma forma ou de outra, estamos ligados a qualquer dos segmentos ligados à música. É O Dia do Músico!

A METEORO é uma empresa fundada por músicos e que tem como objetivo principal o próprio músico, razão da sua existência pois pouca importância teria a METEORO, se por trás de cada equipamento não existisse o artista, para, com sua sensibilidade extrair o máximo de qualidade.

Alguns músicos parecem se constranger de sua profissão e nós, da METEORO, queremos que no Dia do Músico o orgulho destes nobres artesões da cultura seja resgatado, e que todos os músicos quando questionados sobre sua profissão, digam com orgulho: - Sou Músico!

Parabéns aos Músicos do Brasil e do Mundo.
São os Votos da Família Meteoro

Se algum dia, ao subir no palco, o publico lhe for indiferente, não desanime, pois o sol ao nascer proporciona o mais belo espetaculo do planeta enquanto sua platéia dorme.

J PF INDUSTRIA E COMÉRCIO DE COMPONENTES ELETRÔNICOS LTDA.
Rua Angelo Del Vecchio, 1,2 e 3 - Jd. Paraventi - Fone (011) 913-0973 Guarulhos - SP. - CEP 07120-210

THE MERSEYBEATS

Muito antes de a cena musical de Liverpool do início dos anos 60 ter se tornado o centro da atenção do mundo todo, ela já era influente a ponto de inspirar jovens músicos da região a seguir os modelos locais. The Merseybeats, habitualmente considerados como parte importante dessa cena, também representa a primeiríssima geração de músicos influenciados pelos Beatles, que, sem ter ainda nenhum disco gravado, eram os heróis maximos de Liverpool.

Tony Crane, Billy Kinsley, Aaron Williams e John Banks formaram os Merseybeats em meados de 62, numa esperta apropriação do nome dado àquele estilo musical, "merseybeat", relativo ao rio que corta a cidade e que era também o nome do principal jornal musical da cidade.

No mês em que "She Loves You" dos Beatles era editado, agosto/63, saia o primeiro single dos Merseybeats, "It's Love That Really Counts", cover das Shirelles que definiu o estilo da banda — as baladas iriam predominar, ao contrário dos números rápidos que os grupos rivais preferiam. Em janeiro/64 foi editado "I Think Of You", seu maior hit. Em seguida Kinsley saiu para a entrada do carismatico John Gustafson, vindo do respeitado The Big Three. Adotaram um traje inspirado nos bailarinos espanhóis, que foi largamente imitado — os coletes, calças justas e camisas de mil babados foram aparecer até na nossa Jovem Guarda. Kinsley voltou um ano depois, indo Gustafson para a carreira solo. Os Merseybeats ficaram reunidos na formação original até janeiro/66, quando se separaram depois de gravar seu melhor single, "I Stand Accused", que seria revivido por Elvis Costello no LP *Get Happy!*. No ponto mais baixo de suas carreiras, Kinsley e Crane resolveram continuar, abreviando o nome para The Merseys e usando como banda de apoio The Kirkbys, que mudaram o nome para Fruit-Eating Bears, sendo um dos primeiros a usar duas baterias e jogo de luzes. Então, algo inesperado aconteceu. Chris Stamp e Kit Lambert, managers do Who, assinaram com os Merseys, que, bem promovidos, voltaram as recepções histéricas das fãs e ao sucesso com o superhit "Sorrow" (cover dos McCoys), mais tarde regravado por David Bowie. Os Merseys ficaram juntos por mais um ano, gravando três singles, incluindo o original "So Sad About Us", de Pete Towshend. Dois músicos importantes envolvidos com os Merseys nessa época: Joe Molland (futuro Badfinger) e Jimmy Campbell (gravou quatro LPs solos entre 69-72). Os Merseybeats fizeram um sucesso modesto, mas, pela sua história, entusiasmo e até por um saudável "amadorismo" na administração da carreira, são os que melhor representam aquela época mágica. Talvez por isso, George Harrison incluiu uma frase de "Sorrow" em "It's All Too Much". Kinsley reapareceu nos anos 70 com o Liverpool Express, Gustafson com o Roxy Music e Crane se apresenta até hoje com The New Merseybeats. A mágica não se dissipou totalmente.

RENÉ FERRI

DISCOGRAFIA SELECIONADA

LP BEAT... AND BALLADS (Edsel 1982 — Inglaterra)

A o vivo

Donita Sparks (L7)

Mark Arm (Mudhoney)

20th READING FESTIVAL
Richfield Avenue (Reading)

Tudo bem. O Rock In Rio já entrou para o Guiness pelo maior público reunido em um show. Lollapalooza tem um itinerário monstro, que cobre trocentas cidades. Ainda assim não existe um festival de música maior que o de Reading. Não é nada fácil tentar reunir 65 bandas e mais de uma dezena de comediantes num mesmo evento, onde três shows (dois musicais e um de vaudeville) acontecem simultaneamente. Todo o carnaval acontece num descampado no meio do nada onde se reúne uma média de 40 mil indivíduos, e aí se incluem, além da molecada, uma turba de comerciantes, alguns velhos lunáticos, algumas crianças e bebês de pais lunáticos e cachorros de donos igualmente lunáticos. Tudo isso em três dias, que São Pedro mostra todo o seu sadismo mandando uma chuva que molha até a cueca.

Quem abre o espetáculo no palco principal é a banda californiana Redd Kross — um pastiche de glam rock que, se não atrai o respeito do público, pelo menos é engraçado.

O grupo seguinte é o Fatima Mansions, que mescla riffs de guitarra punk com teclados tecnopop. Uma mistura para lá de esquisita.

Dez pontuais minutos depois do apagado show do Milltown Brothers, entra em cena o Mega City Four, quatro pseudo-grebos de Farnborough soltando um rock [illegible] sem brilho, mas o pretexto ideal para entusiasmar a moçada.

A seguir vem o show mais curto e um dos melhores do dia. PJ Harvey munida de uma guitarra e amparada por um daqueles baixos que faz mudar a batida cardíaca. PiL é o próximo da lista, e a apresentação evidencia a ocorrida aqui, guardada a proporção das cusparadas.

Na sequência entram The Charlatans e o fenômeno de histeria causado pela banda é algo de gargalhar.

The Wonder Stuff é quem fecha o primeiro dia. Canhões de raio laser iluminam o céu. Miles Hunt está devidamente embriagado e Vic Reeves comparece para a versão de "Dizzy". Típico show para inglês ver. Es[illegible]

Sábado começa cedo e com dor-de-cabeça. Therapy? não é remédio ideal, mas desperta qualquer cristão, assim como Buffalo Tom que vem a seguir. Ja Thousand Yard Stare, a banda que dá sequência, funciona como sonífero.

Após a Roll ns Band, sem a menor cerimônia, anuncia a entrada de Henry Rollins. O público fica chocado com a figura do poeta punk com físico de atleta e complexo de gorila. Por todo o show ele pula e grita palavras de ordem ao som de [illegible] que só de [illegible] deixa cansado.

Quando todo mundo acha que [illegible] levam o primeiro lugar do dia chega coisa melhor: Smashing Pumpkins. Riponguos e totalmente à vontade, [illegible] na terceira música [illegible] [illegible] "Pega o que quiser, faça o que quiser", tasca sua guitarra em três microfones e sai do palco como se fosse o fim. Ninguém entende nada. Segundos depois ele volta, diz que se excitou antes do tempo e continua o show. Na verdade, no fim, ele volta a transformar a guitarra em taco de beisebol, acertando microfones e pedais. Não satisfeito, ele destrói e derruba toda a bateria.

A banda que continua o espetáculo é o total oposto. The Farm, convidada em substituição ao Hiphophrisy, representa o lado mais [illegible] dos ingleses. O público sabe disso e joga tudo que pode no palco.

Com Manic Street Preachers, a banda seguinte, a palhaçada recomeça. No final, Nick Wire arrebenta sua guitarra e a joga ao público. E a acaba acertando um segurança, que segue para o hospital com a cabeça rachada.

Meia hora de espera e o EMF, a banda da molecada *crusty*, aparece. A penúltima banda da noite, como no dia anterior, surpreende. Ride sempre foi uma banda com a qual mantive um pé atrás. Hoje os dois estão bem na frente.

Mais meia hora de espera e Public Enemy entra no palco. A mesma zoeira do EMF se ensaia, mas desta vez ao som de hip hop desbocado.

Domingo começa mais lento ainda e com uma ressaca animal. Ninguém sabe ao certo se o Nirvana vai tocar. Para piorar, cai uma chuva [illegible] que transforma o descampado na maior pocilga do mundo. The Mel[illegible] abre o [illegible] dia de espetáculo [illegible] expectativas e confirmam: eles definitivamente são o Black Sabbath versão [illegible]. Screaming Trees vem a seguir, mas sem tanto carisma.

A chuvarada dá um tempo e o Pavement aparece. Se alguma vez a revista *MAD* oferecesse um prêmio a bandas de rock, essa seria das mais cotadas.

Para quem pensava que o ridículo [illegible] surge o Björn Again, a cover paródia do ABBA. Travestidos como os suecos, a banda vai ganhando a aprovação do público pouco a pouco. No final, fica todo mundo chafurdando na lama ao som de "SOS".

Depois dos Beastie Boys deixarem tudo a desejar, o L7 invade o palco. Todas pintadas para guerra, tocam "Wargasm", "Pretend We're Dead" e outras faixas [illegible] [illegible] no palco e praxe para quebrar a frieza entre banda e público. Mas quando Donita recebe uma [illegible] de cerveja na têmpora, não deixa por menos: enfia a mão dentro do shorts e tira um modess manchado. "Co[illegible] [illegible] seus [illegible] da puta", e a grita [illegible] de reiniciar o show. [illegible] [illegible] entra Teenage Fanclub. Para quem não ensaia uma nota antes de enfrentar [illegible] até que os escoceses se saem bem. E mais: apresentam o show dentro do show: Eugenius, conhecidos como Captain America até o [illegible] pela Marvel Comics [illegible].

Seattle ainda acena com Mudhoney e hoje eles nunca [illegible] tanto [illegible]. A chuva de lama [illegible], que chegam a parar o show.

A noite cai quando Nick Cave & The Bad Seeds aparecem. Parece a calmaria antes da tempestade. O público para de [illegible] garotinhas de açúcar aparecem na plateia e seguem Nick com o olhar a cada nota.

São 10:10 quando Kurt [illegible] entra no palco empurrado numa cadeira de rodas e portando uma peruca prateada. Ele balbucia [illegible] começo de uma música e cai. O público [illegible] de rir. É o começo do show e o fim dos boatos que diziam que o Nirvana tiraria o time de campo no último minuto. Eles seguem num show impecável e nessa hora não importa mais a chuva, a lama ou o frio. O público não para para respirar nem quando Chris Novoselic decide contar uma piadinha besta antes de detonar outra. O festival acaba num longo e primitivo solo do nano dos EUA que parece mais tributo a Hendrix, claro, do que pretensão.

JOSÉ JÚLIO DO E. SANTO

A

De todos os ritmos alienígenas que se infiltraram na música brasileira, provavelmente o soul seja o que melhor se misturou com a realidade tupiniquim e ganhou uma cara latina mais descarada. Essa semana rede shows é atestado definitivo disso.

Abrindo as noitadas, o Grêmio Recreativo Amigos Do Samba Rock Funk Soul sob o comando de Skowa ideazador do projeto esquentou a platéia com versões de clássicos do repertório do gênero.

Na primeira noite, casa lotada para assistir o Tim Maia pós-bossa nova fazendo um showzão e uma Lady Zu literalmente perdida no tempo e no espaço. Ainda inspirado no lançamento de seu disco ao vivo o pai da matéria repassou o melhor de seu repertório acompanhado pela platéia nos refrões e reclamando do som na medida habitual. O que surpreendeu foi a muda felicidade e boa disposição do cantor em estar ali, o que acabou virando regra para todos que passaram pelo palco no fim de semana.

Na sexta, Claudio Zoli deixou claro que é um guitarrista de primeira, tem boa voz, mas carisma zero. Ed Motta pouco ligou para o nome do projeto e atacou num show de jazz impecável, digno de ir abrasileirar as noites do festival de Montreux. E isso não é um elogio. Ca entre nós, Ed, esse papo de Ed Motta e viagem das tuas idéias.

Sábado, dia de festa. E o Sesc com um décimo da rotação das outras noites. Justo na reunião de Hyldon e Cassiano.

O primeiro conquistou os presentes com simplicidade, maneirice e um repertório recheado de canções primorosas. Já Cassiano transformou a noite em algo quase sagrado. Reinventando seus temas e entortando tudo com genialidade única, conseguiu até mesmo expulsar 80 por cento do público, tamanha a inventividade e prodígio de seus vocais e arranjos. O pessoal indo embora e ele lá, com um sorriso de uma nação divina estampado na cara. Seu show é uma das melhores coisas que passaram pelos palcos brasileiros em todos os tempos, no entanto ele tem que amargar a sina de gênio incompreendido.

O último dia ferveu de gente para ver Carlos Daffé e, principalmente Jorge Benjor, o cara que sintetizou a linguagem do soul brasileiro na mão direita da guitarra. Daffé botou a galera para cantar e se empanturrou de satisfação. Benjor fez aquele showzão *sambalelê* contagiante de sempre, com toda a avalanche de hits que tem na manga. Conseguiu enlouquecer o público e fazer desta a nota [illegible] do festival.

CARLOS EDUARDO MIRANDA
e CLAUDIA SOUZA LIMA

SOUL, MAS QUEM NÃO É?
Sesc Pompéia (SP)

DIE TOTEN HOSEN
Woodstock (SP)

Não tem nada melhor do que ganhar um presente inesperado. Sabe quando você mete a mão no bolso daquela calça velha e encontra aquela grana que julgava perdida? Pois é, o show que o Die Toten Hosen fez no Woodstock em São Paulo, foi uma dessas agradáveis surpresas.

Ainda desconhecida no Brasil, a banda é idolatrada na Alemanha. Já gravou nove LPs e abriu excursão até dos Rolling Stones. Essa fama não vem de graça, os poucos felizardos que se arriscaram saíram recompensados com um show energético e divertido.

Como qualquer boa banda punk, o Die Toten Hosen não tem frescura e "one, two, three, four" (ou *eins, zwei, drei, vier*) três acordes e muita velocidade. Às vezes lembra Toy Dolls pesado e dançante.

O show misturou músicas próprias da banda, cantadas em alemão, com covers de clássicos do punk, gravados no LP *Learning English Lesson One*, lançado aqui pela EMI. Teve "Blitzkrieg Bop", dos Ramones, "Baby, Baby", dos Vibrators, "Do Anything You Wanna Do", do Eddie And The Hot Rods, "If The Kids Are United", do Sham 69, e outras.

A festa estava boa, mas uns penetras indesejados apareceram: eram um bando de skinheads neonazistas sósno Brasil para ter nazista mulato) que gritavam *Sieg Heil* e outras idiotices. Ignorados pelo vocalista Campino, os filhos bastardos de Hitler se mandaram e a festa prosseguiu numa boa. Foram duas horas de pogo e siam dancing amigáveis. Ninguém se machucou, todo mundo se divertiu. Como deve ser uma festa punk.

ANDRE BARCINSKI

RAMONES
CANECÃO (RJ)

Pela primeira vez achei que ia morrer. Abençoado e feliz, claro! Afinal estava num show dos Ramones.

Momentos antes de ver minha vida passar como um filme diante dos meus olhos ao som de "I Don't Wanna Go Down On The Basement", fui acometido por um surto de consciência na forma de uma cotovelada despropositada de um cabeludo. E foi num relance que vi um sujeito ser alvejado por um projétil enfumaçado.

Praticamente não tive escolha entre respirar o gás lacrimogêneo ou ser espremido e pisoteado pela multidão enlouquecida. Durante "Psycho Terapy" fui sendo levado pela massa sem saber para onde ia.

Enquanto isso, no palco, a artilharia era incessante. "1, One Two, ...Three, ...Four..."

Mesmo com a visão embaçada pelo efeito do gás, vi cenas que pareciam saídas de um filme catástrofe. Um rapaz que não devia ter mais de 20 anos descolou o maxilar em uns 25 graus para a esquerda e andava amparado se defendendo como podia da turba enfurecida. Logo atrás de mim um clone de Mike Patton escalava um lugar reservado a equipe técnica e, pisando em cima da mesa de som do P.A., alcançava um lugar mais habitável.

No meio de "Beat On The Brat" o gás já havia se espalhado. Visivelmente transtornados — principalmente Joey, que não conseguiu completar as duas últimas músicas — os quatro cabeludos do apocalipse foram resgatados para o *backstage* no meio de "Rock'N'Roll High School", impossibilitados de continuar o show.

A zoeira agora era generalizada, e eu precisava de qualquer maneira reidratar-me. A apavorada garçonete, acostumada a shows do Wando e do Lulu Santos, nem deu por falta dos chopps que iam sendo surrupiados pelo caminho e que me salvaram a vida naquele instante.

Novamente preparado para enfrentar ensandecida massa de *kitler teens*, rumei a porta principal, pois nenhuma porta de emergência tinha sido aberta. Só então acenderam as luzes da pista enquanto, com o rosto coberto, consegui subir as escadas que davam acesso à saída.

Enfim salvo! Sentia novamente minhas pernas e fui direto para a área externa da cervejaria. Aproveitando a confusão, ou quem sabe após ter-la provocado, alguns trogloditas de coturno e suspensório detonavam uma após outra as pobres cadeiras do Canecão sem que ninguém movesse uma palha para evitar.

Apesar da balbúrdia não houve uma briga sequer. A intenção de todos era puramente se divertir excluindo, claro, os carecas, que deviam achar que o marceneiro que fez as cadeiras era "traidor do movimento" ou algo assim.

No lado de fora, tal qual numa arena romana, umas quinhentas pessoas dependuradas nos postes de iluminação, nos *outdoors* internos e empé, ao redor de um elevado, vibravam a cada porrada que os seguranças desferiam com um grosso cassetete nas costas de cinco vitaminados representantes dos "carecas of" (sic).

Enquanto a galera lá fora gritava "mata! mata!" e dava gargalhadas vendo o Renato Russo sair empurrado com os olhos mais vermelhos que os que Bob Marley costumava ostentar dirigindo gestos obcenos para quem quisesse ver, chega um dos organizadores no microfone e avisa: "Calma! Isso é gás lacrimogêneo. O show recomeçará em 10 minutos". Nesse momento metade do público estava do lado de dentro do Canecão assistindo semi-atordoado ao alegre quebra-quebra promovido pelos pouco-telhas, e a outra metade entrenda com uma hilária esculhambação de uma fã do grupo americano com o *promoteur* brasileiro: "a sotação desta merda é 2100 pessoas, vocês não podiam deixar entrar esses quase quatro mil que estavam aí! Que que você tá fazendo aqui fora? Devia estar lá dentro respirando todo aquele gás."

Algumas pessoas que se precipitaram para a rua no auge da confusão tentavam voltar arrependidas, sem posse do canhoto que poderia garantir o retorno e alguns bicões à tiracolo.

Bzzzmmm... Ruído dos amplificadores sendo ligados... Todos correndo lá para dentro a tempo de ver o reinício do show com "My Brain Is Hanging Upside Down". A música não poderia ser mais propícia. Só os Ramones podem te fazer esquecer em menos de dois minutos como é ver um show desses no terceiro mundo. Dai em diante foi a detonação sonora habitual promovida pelos caras. Como se nada de errado tivesse acontecido. Saindo do Canecão, ninguém mais comentava a bomba de gás.

ALEXANDRE ROSSI

MICHAEL JACKSON
Wembley Stadium (Londres)

De todos os boatos e meias verdades criadas e requentadas todos os meses sobre Michael Jackson a mais interessante é a história do show de Cardiff. Segundo testemunhas — oficiais e não-oficiais — Michael desmaiou três vezes... sem interromper o show! Existe alguém mais profissional do que ele? Não. Porque o palco é e sempre foi sua vida. E a vida, Michael, como anda?

O cenário é Wembley Stadium o rosto de Jackson e o nome de um refrigerante famoso estão em todos os cantos. O público é mais velho e mais branco do que eu esperava. Depois de meia hora de soul (muito James Brown, que o jovem Michael estudava cuidadosamente), o suspense vai aumentando ao som dos Beatles. Os telões se acendem. Michael com guarda costas. Michael no Japão. Michael com um exército inteiro! Mas é aquela figura no palco, imóvel. É ele? É um boneco? Só mesmo um rápido *moonwalker* debaixo de uma chuva de faíscas para nos provar o contrário. "Prepare-se" o telão nos avisa.

Para quê? De *Dangerous* o show não tem nada, só o nome. É o velho formato banda no escuro, dançarinos/cantores "enterrando" a voz de Michael, várias trocas de roupa. "Got To Be Starting Something" é desastrosamente rápida e em "Human Nature" a estrela se digna a fazer conosco com sua voz infantilizada.

A sessão balada prossegue com "I Just Can't Stop Loving You" a voz de Siedah Garret massacrando qualquer possibilidade de sutileza — e "She's Out Of My Life" onde Michael abraça uma fã, que entra em estado de choque.

"Agora vamos tocar umas músicas velhas!" É mesmo quem só existia em pensamento na época do Jackson Five canta junto com "I Want You Back". O estádio inteiro suspira quando o telão mostra cenas dos Jacksons brincando e cantando, ao som de "I'll Be There". Michael, era uma criança linda, mas você realmente acredita que, sem as plásticas e as descolorações, ele teria a mesma posição de hoje — o único ícone negro do mainstream? "Jackie, Tito, Jermaine, Marlon, Randy... I love you all". Corro ao banheiro mais próximo antes que meu jantar de duas horas atrás faça contato com o mundo dos vivos.

O resto do show é uma tentativa — não inteiramente bem-sucedida — de recriar o mundo de um dos melhores vídeo-artistas que a MTV já conheceu. Em "Thriller" o palco sobe e Michael desce ao submundo povoado de monstros e caveiras dançantes. Perfeito. Melhor que isso só mesmo "Billie Jean", quando sua famosa voz finalmente se fortalece e atravessa o muro dos backing-vocals. Durante "Beat It" ele voa sobre o público em uma grua, e em "Black Or White" convoca sua guitarrista metaleira para um longo solo.

É só a gente começar a se divertir que Michael logo estraga tudo com um pouco de sentimentalismo: em "Heal The World" ele não poupa despesas e traz um globo e várias crianchas "étnicas".

O final que diz tudo — ou muito pouco, pois é este o segredo de Michael Jackson, sempre nos deixa tentando adivinhar o que se passa dentro de sua cabeça, de seu rancho na Califórnia, de seu minizoológico, de seu quarto. Sozinho no palco ele canta "Man In The Mirror" e grita "Something's Got To Change" repetidamente e com paixão. "É um pedido de ajuda" me informa um jornalista inglês, falando de sua aparência frágil, da mão na virilha (as crianças adoraram) do rosto — segundo alguns jornais — deformado. Enquanto isso Michael veste um macacão e sobe num foguete. Acredite ou não, ele vai para fora do estádio. Uma voz grave anuncia: "Senhoras e senhores, Michael Jackson deixou o estádio". O estádio? Michael Jackson deixou o planeta!

ANA MARIA G. DE LEMOS

BARÃO VERMELHO
Palace (SP)

Chegando ao Palace o que se encontra é uma turma de adolescentes bem-vestidos, de cabelos cuidadosamente aparados, e mocinhas lindas e perfumadas. Nada parecido com o que se espera do público de um show de rock'n'roll. Talvez os shows do Barão Vermelho em lugares menos requintados (e caros) atraiam outro tipo de gente, mas o que temos aqui é uma platéia que tem a cara da banda. Rock para não roqueiros.

As luzes se apagam e os telões bombardeiam a platéia com propagandas de companhias aéreas e outros produtos para quem tem os bolsos cheios de dinheiro. Bem típico!

A galera se agita enquanto a cortina abre ao som de guitarradas firmes e uma levada de bateria temperada com as habituais percurssões "abrasileirantes" de Peninha. É isso que se vê daí em diante. Um grupo com dois fortes pontos de apoio e um estilo "já ouvi isso em algum lugar". Mas não ouviu. Eles têm o poder de sintetizar a idéia do que seja "rock brasileiro", exatamente da maneira que ela parece se configurar no inconsciente de seu público.

O problema é que a metade grunge dessa concepção de música começa onde todos os grupos de rock acabam. Um quase pastiche do estilo, onde foram parar Eric Clapton, Dire Straits, Rolling Stones e outros velhinhos transviados. O Barão é assim, desde a música até o visual.

Frejat esbanja caras e bocas enquanto Guto Goffi insiste em calças "tigresa" colantes e Fernando Magalhães ostenta sem a mínima vergonha uma camisa cheia de babados. Os caras só se salvam de uma tostada geral no filme por fazerem tudo com a maior honestidade. Acreditam mesmo no que fazem e estão pouco se lixando para esse tipo de comentários. Isso já vale pontos suficientes para os caras ganharem respeito.

O repertório que apresentam é o que se podia esperar: ênfase nas músicas do último disco e alguns hits dos dez anos de carreira. Previsível como passar nos telões os clips de "Bete Balanço" e "Pedra, Flor E Espinho" durante a execução das mesmas. E a galera se esbalda enquanto os dois guitarristas e o baixista Rodrigo Santos se enfileiram na frente do palco naquela pose tradicional. Todo mundo cantando junto rocks e baladas.

Exatamente nas baladas, quando Frejat cata o violão, é hora de correr para o bar. Numa dessas ouço uma conversa atrás de mim. O papo: "Nossa, o Peninha está mal! Ele até acendeu um incenso no camarim. Nunca vi ele fazendo isso". No ato meu detector de notícias pisca em alerta. Não consigo descobrir mais nada. Alguns dias depois, em um estúdio, ouço o comentário de que um técnico de luz do Palace teria sido morto por eletrocução em um *spot* de luz durante a passagem de som do Barão. Versão posteriormente confirmada pela gravadora. Pontos para a banda que exibe profissionalismo e não deixou transparecer nada durante o show.

Até aqui é tudo festa. Todo mundo se divertindo. Ao show acabar a galera, é óbvio, pede bis. A banda volta com a homenagem panlovdiana a Cazuza, "O Poeta Está Vivo" — uma das coisas mais lamentáveis que já se compôs neste país. Obra-prima da pieguice, com letra metida a besta escrita por Dulce Quental. Coisa tipo "quem não tem Cazuza, caça com Dulce". Frejat e a galera que me desculpem mas é hora de sair fora. Essa música eu não escuto nem que me paguem.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

SHOPPING BIZZ

DISCOS • INSTRUMENTOS • ACESSÓRIOS • DISCOS • INSTRUMENTOS • ACESSÓRIOS

LONDON CALLING

DISCOS, CDs E VÍDEOS

A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES

SEMANALMENTE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA E EUROPA

RARIDADES DE: U2 • RAMONES • SISTERS • DOORS • CURE • PET SHOP B. • DEPECHE • CULT • SABBATH • NEW ORDER • MADONNA • PURPLE • BAUHAUS • ETC.

ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO PAÍS

SOLICITE CATÁLOGOS

FONE: (011) 223-5584

R. 24 DE MAIO, 116 - RUA ALTA - LOJA 15
E NOVA LOJA NO Nº 29 - EX-MUSIC STORE
CEP: 01041 - CENTRO - SP

PAI DO ROCK

INSTRUMENTOS MUSICAIS • NACIONAIS E IMPORTADOS • NOVOS E USADOS

R. TEODORO SAMPAIO, 865 PINHEIROS - SP CEP 05405

PROMOÇÃO! NA COMPRA DE INSTRUMENTOS E ACESSÓRIOS VOCÊ CONCORRE A 4 DIAS NA [illegible]

Aqualung RECORDS LTDA

PROMOÇÃO CDs IMPORTADOS

FAÇA JÁ SUA ENCOMENDA DE NATAL

TODOS OS TÍTULOS DISPONÍVEIS

R. 24 DE MAIO 62 1º ANDAR LJ 258 GALERIA DO ROCK F 222-0284

OS SEUS ÍDOLOS FALANDO A SUA LÍNGUA.

LETRAS TRADUZIDAS BIZZ

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

INDIE RECORDS & VIDEOS

CD • CDV • VINIL • VHS • IMPORTADOS (USA-EUROPA-JAPÃO)

ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO BRASIL

Av. Pedroso de Morais 1053 SP / Tel: (011)816.1220 Fax: 815.9882

LANÇAMENTOS ZOYD MUSIC:

PIN UPS THE GASH PROJECT KILLING CHAINSAW

R. 24 DE MAIO, 116 - S/LOJA 16 - SAO PAULO - SP CX. POSTAL : 9451, CEP 01061 - 970 BRASIL
TEL: (011) 222 4921 LPs E CDs NOVOS E USADOS, IMPORTADOS E RAROS. SOLICITE CATALOGO. FAX: (011) 255 1460

GALERIA MUSICAL

KORG Di Gregio Zildjian TAMA del vecchio KRAFT OCTAGON Santo Angelo ALESIS STUDIO ELECTRONICS Ibanez BOSS ROCK BAG Fender Jennifer TAKAMINE Tagima PEAVEY Pearl Giannini.

RUA TEODORO SAMPAIO, 763
CEP 05405 - SÃO PAULO - SP

COMPRA VENDA TROCA

TELEVENDAS PARA TODO O BRASIL

I.P.A. INSTRUMENTOS MUSICAIS
FONE (011) 282 5653
FAX (011) 64 3430

PROPORSOM instrumentos musicais
FONE (011) 64 6916
FAX (011) 853 0816

CENTRAL DISTRIBUIDORA DE INSTRUMENTOS MUSICAIS
FONE (011) 883 5080
FAX (011) 815 0880

METAL MACUMBA

Segundo o evangelho do Gangrena Gasosa, "você que é heavy e só acredita nos diabos lá de fora/fique sabendo que aqui no Brasil/tem diabo bom também/Egum. Tranca-rua Exu Caveira/Paulo Ricardo, Renato Russo, Lulu Santos, Vó Manuela, Collor De Mello, MC Batata, Sete Flechas..." Eles trazem "Despachos From Hell" e institucionalizam mais um ramo no baobá do rock: o saravá metal. Vestidos de Exu Caveira (Paulão), Pomba Gira (Luciano), Caboclo Sete-flecha (Jorge Doente), Tranca Rua (Cid Abilly) e Logum Ede (Felipe), esses cinco malucos de Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro, vão além da mera originalidade teatral. Debaixo de uma saraivada de guitarras barulhentas, suas letras são tão provocantes quanto bem sacadas. É mais ou menos como se o metal tivesse surgido no Brasil e derivasse de uma cruza dos descobridores europeus com os negros africanos. *CLÁUDIO CAMPOS*

FÚRIA BAIANA

No começo deste ano, um ensandecido hard rock com pitadas de funk invadiu as ondas alternativas do rádio na Bahia. O rock atendia pelo nome "I'm Bad" e a banda era a estreante Úteros Em Fúria.

Formado pelos guitarristas Emerson Borel e Apu, Evandro Botti no baixo, Mário Jorge na bateria e Mauro Python nos vocais, o grupo existe faz cinco anos, mas foi há dois anos que ganhou nome, tirado de uma manchete do *Planeta Diário*.

Herdeiros de uma casta baiana que já deu ao rock brasileiro grupos como o Camisa De Vênus, o Úteros Em Fúria está trancafiado num estúdio de Salvador finalizando o primeiro disco. "Nosso lance é fazer rock'n'roll puro e simples, como deve ser feito na verdade", define Emerson Borel.

LUIZ CLÁUDIO GARRIDO

ZINES

- [illegible] e gótico num trabalho bem-acabado. Para o reposicionado chegado ao assunto ler em dias nublados, sentados nas tumbas de qualquer cemitério por aí. Encomende para: Promoções Culturais Black Sundays — Rua Bambaré, 98. CEP 04278—060. São Paulo/SP.
- ABSOLUTE CONTROL — Techno, EBM, e mais outras pancadas eletrônicas em um zine profissionalíssimo. Encomende para: Fábio Sperieri, Alameda Jaú, 1512. CEP 014120—002. São Paulo/SP.

RÁDIO

Quem toca numa banda de garagem e estiver a fim de ser ouvido no litoral paulista nesse verão, é pedido e mandar a fita demo para o programa Garagem 95 da 95 FM, de Santos. Apresentado por Johnny Hard, ele vai ao ar todos os domingos às 18 hs. Envie para: 95 FM, Rua Euclides da Cunha, 05, 7º andar, Cj. 702. CEP 11065-100. Santos/SP.

REVOLUÇÃO NO PLANALTO

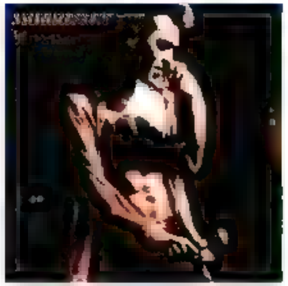
Desde 84, com o Escola De Escândalo, o guitarrista Fejão é um dos músicos mais respeitados do rock candango. Com o fim do Escola e depois de uma rápida passagem pelo Fallen Angel, ele assumiu os vocais do Dungeon. "Heavy rock sem ser necessariamente rápido", define. As letras, em inglês, falam de problemas sociais e paranóias urbanas. No som ecos de Rush, Van Halen e Deep Purple, mas o Dungeon é muito mais do que isso. Quatro demos funcionaram como impulso para o primeiro disco, com produção própria e nove faixas. Fejão, fora do heavy, é um apaixonado por disco music. "Chic, Kool & The Gang e Earth, Wind & Fire são o máximo", afirma. Podem ter certeza que eles serão a grande revelação de 93.

CARLOS MARCELO

DISCOS

DISPONÍVEL EM: CASSETE / COMPACT DISC
AVALIAÇÃO: INDISPENSÁVEL / BOA PEDIDA / VALE CONHECER / NÃO FAZ FALTA / MANTENHA DISTÂNCIA

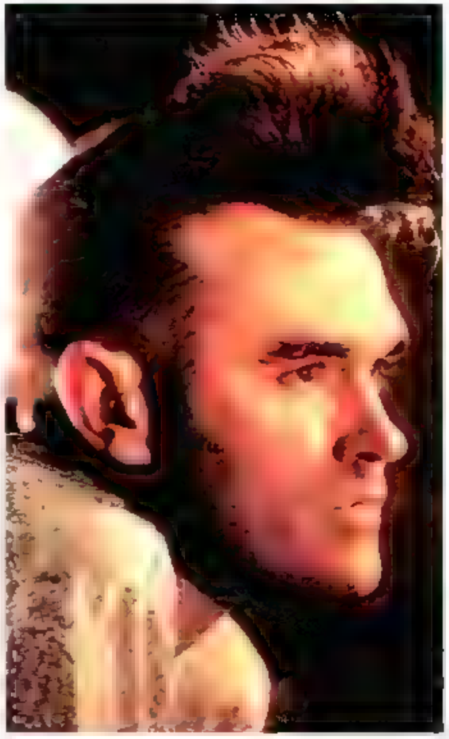
SMITHS
Best Of Smiths Vol. 1 & Vol. 2
(Warner)
MORRISSEY
Your Arsenal
(Parlophone/EMI-Odeon)



Foi em 82: na Inglaterra, o tom era dado por nomes como Culture Club, Duran Duran, Spandau Ballet e Soft Cell. Homens de maquiagem, sintetizadores, kitsch estudado, *poseurs* com atitude, David Bowie no altar — o *disco* desovando seus primeiros herdeiros musicais. O pop inglês era todo pose, glamour eletrônica e dance negra americana.

Mas ao mesmo tempo, tinha muita gente morando em COHABs cinzentas, putas da vida, se recusando a enterrar o legado punk e achando que aquele pop tinha muito pouco a ver com a vida real na Inglaterra. Não tardou e essa multidão de angustiados de quarto e cultivadores de depre arrumou alguém que captasse todo esse sentimento e o transformasse em música: Stephen Morrissey.

Não podia ser mais perfeito: um ex-bibliotecário, fã de New York Dolls e apologista de uma tradição popular britânica que ia de Petula Clark à Copa de 66 e que a era do vídeo clip e da comunicação moderna teria "destruído". Para completar, ele vinha de Manchester, poluído centro do norte inglês decadente. Morrissey odiava sintetizadores, Madonna, dance music e os EUA.



A sorte de Morrissey é que ele achou uma boa banda para musicar suas letras de desilusão, senão ele estaria condenado a ler poemas para meia-dúzia de gatos pingados (na verdade, o contrário também pode ser dito da banda). Nesta banda se destacava o guitarrista Johnny Marr, um dos músicos mais inventivos da década de 80. Marr foi talvez o único que entendeu e soube transformar o clima e o espírito das letras de Morrissey em música.

De 82 a 86, os Smiths lançaram uma sucessão de singles magníficos e LPs impecáveis (*The Smiths*, *Meat Is Murder* e *The Queen Is Dead*). A crítica em geral os endeusou, muitas músicas se tornaram hits e um gigantesco e doentio fã-clube se formou. A partir de 87, a bola murchou com o irregular disco *Strangeways Here We Come* e uma voraz indústria que passou a ver lucro em cada suco que os Smiths pudesse colocar na rua. Entre 87 e 88, saíram as compilações *The World Won't Listen* e *Louder Than Bombs* e o ao vivo *Rank*. Todas têm faixas em comum com estes *Best Of*... são edições melhores e mais completas mas estão fora de catálogo no Brasil. O mesmo vale para a coleção de singles e gravações inéditas da primeira fase do grupo, o indispensável *Hatful Of Hollow*. Com certeza, velhos fãs dos Smiths mais antigos tem tudo que está aqui, mas para os marinheiros de primeira viagem o disco é uma introdução bem organizada e essencial — tem desde o primeiro single, o raro "Hand In Glove", até a popular "You Just Haven't Earned It Yet Baby" — embora pobre em acabamento (sem encarte, dados biográficos etc.). Mas é música pop de primeira linha: imediata, criativa, energética e com refrões muito cantáveis.

Os Smiths se separaram em 87.

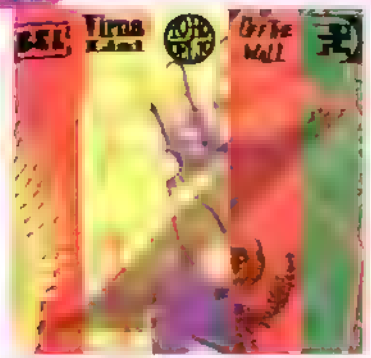
Morrissey lançou-se em carreira solo sem nunca conseguir resolver seu grande problema: manter os altíssimos padrões que ele mesmo havia estabelecido com os Smiths. Seus discos, com exceções de faixas, eram tiros n'água que deixavam saudades dos Smiths.

O problema básico era achar a parceria ideal. Pois é bem capaz que finalmente ele tenha achado Mick Ronson, guitarrista da banda glitter Mott The Hoople, e que trabalhou com Bowie (*Ziggy Stardust*, *All The Young Dudes*) e Lou Reed (*Transformer* e *Berlin*). Não bastasse essa escola de Ronson ser perfeita para pop-rock de qualidade, é o elo que o une a Morrissey, fã do fenômeno ultra-inglês que foi o glitter. A diferença da parceria com Marr é que este convertia em música as imagens de Morrissey e Mick Ronson faz ótima música de acompanhamento para sua voz.

O disco tem rockões pesados, psychobilly, baladas pop de primeira, guitarra alta e distorcida e músicas rápidas. Parece que Morrissey levou nos canos doses elefantinas de adrenalina e acordou das lamúrias sarnposas que predominavam no seu trabalho solo. Vai surpreender até os mais bodeados de Morrissey. Só faltam mais hits para tocar no rádio.

O achado do ano. Toque bem alto.

CAMILO ROCHA



YO-HO-DELIC, VIRNA LISI, BANDA BEL, OFF THE WALL E BEIJO AA FORÇA 1

(Tinitus)

Preste atenção: o único lugar onde bandas novas tem chance no Brasil de hoje é nos selos alternativos. O Tinitus é de um *insider* da indústria, Pena Schmidt, que por muitos anos foi olheiro da Warner e produtor de entre outros Ira!, Inocentes e Ultraje.

Os selos são "alternativos" ou "independentes" porque não são ligados a nenhuma das grandes gravadoras, as "cinco irmãs". Mas os grupos alternativos não são alternativos a nada. Primeiro, porque são acessíveis a qualquer um, não dificultam a vida do ouvinte. Segundo, porque as majors abandonaram completamente o mercado pop-rock, dinossauros à parte. Se não há um mainstream, um grupo de bandas que dominem o mercado, não pode haver nada "alternativo" a isso.

As bandas de que falamos agora são tão desconhecidas quanto eram Titãs, Paralamas e Legião em 85, quando a BIZZ nasceu. Podem repetir a trajetória desta trinca. Espero que não: se há um exemplo estratégico a ser seguido, é o dos idiossincráticos Engenheiros do Hawaii... mas isso não vem ao caso.

Saibam vocês que o Off The Wall é bom de ouvir na praia. Quem gosta de Titãs pode encontrar muitos pontos de interesse em bandas tão diferentes como Beijo AA Força e Virna Lisi. Que o Yo-ho-delic não merece tanto bochicho quanto tem recebido, mas fará felizes fãs dos Red Hot Chili Peppers. E que os Paralamas fariam bem em prestar atenção no pop-samba da banda carioca Bel. Saibam igualmente que a qualidade de som desta coletânea é uma porcaria.

O que novamente não é o ponto. O ponto é: pela primeira vez desde que esta revista foi fundada, está havendo uma substituição geracional de leitores (que tinham 17 em 85, têm 25 hoje e estão mais preocupados em pagar as dívidas que em rock) e, até que enfim, uma troca da guarda no pop brasileiro. Renato Russo, Herbert Vianna, Arnaldo Antunes, Lobão estarão sempre conosco, da mesma maneira que Gilberto Gil, Chico Buarque ou qualquer ídolo dos nossos pais; e como esta geração 70 "MPBista", a geração 80 "roqueira" não tem mais qualquer sintonia com a maioria do público teen. O rei está morto. Viva o rei.

ANDRE FORASTIERI

SUICIDAL TENDENCIES

The Art Of Rebellion

(Sony Music)

A temporada de Mike Muir e Robert Trujillo com o Infectious Grooves parece ter amaciado um pouco o fino do ST. Este disco, se comparado com os petardos funosos do começo da banda, parece até pop. Mas não vá pensando que os caras viraram uns bundões. Por mais que tenham amaciado, ainda são melhores do que os grupos que tentam seguir seu estilo adrenalínico. Ale os teclados malucos de "Accept My Sacrifice" e os guitarros enfeitados que permeiam o disco pagam bem nos ouvidos dos reis do skate rock.

E.O.

TEMPLE OF THE DOG

(A&M/PolyGram)

Chris Cornell, do Soundgarden, chamou o baterista de sua banda, Matt Cameron, e, juntos com Stone Gossard, Jeff Ament e Mike McCready (todos do Pearl Jam) montaram um projeto. Stone e Jeff já tinham tocado no Mother Love Bone junto com Andrew Wood (do Malfunkshun e amigão de Chris). Antes ainda, os dois tinham sido parte do Green River, banda seminal (e bota sêmen aí) idolatrada por Mark Arm, que por sua vez formou o Mudhoney etc. etc. Enfim, dessa tremenda esbórnia de músicos e bandas agregadas de Seattle, que mais parece novela mexicana, surgiu o Temple Of The Dog.

Nos dois últimos meses de 90, gravaram esse álbum homônimo em tributo a Andrew, morto por overdose em março do mesmo ano. As duas primeiras faixas, o blues "Say Hello 2 Heaven" e a demorada "Reach Down", são explicitadamente em sua homenagem. É o álbum inteiro remete ao lado deprê das drogas, caso da balada "Times Of Trouble". Uma coisa nobre, dirão alguns. O problema (se é que dá para se chamar assim) é que o álbum mais parece um tributo ao Led Zeppelin. Se no Soundgarden Chris tenta imitar o vocal de Robert Plant, aqui, por vezes, ele consegue. Para quem duvidar da semelhança, vá direto à "Four Walled World", ou mesmo "Your Saviour", com Eddie Vedder no back (ele ainda aparece em outras três faixas, incluindo "Hunger Strike", megahit da MTV). No fim das contas, é um bom lançamento para se conhecer a nova geração heavy, metal *ma non troppo*.

J.J.E.S.

BABY ANIMALS

(Imago/BMG)

Pronto! O mundo já tem seu novo Pretenders. E com a cara dos 90. Mais peso, mais pop, mais tudo. A cantora Suze DeMarchi é muito mais gostosa. O som também já entra mais fácil no ouvido, tipo "bateu, gostou." Produzidos por Mike Chapman então... é tiro e queda. A perfeição mainstream típica dos grupos australianos aparece também nas letras dichezapas: "Novo demais para saber/velho demais para ouvir/você vive sua vida em devaneio", canta Suze em "Early Warning". Tudo bobinho, mas é coisa fina para tocar no rádio e na MTV.

C.E.M.

LULU SANTOS

Mondo Cane

(PolyGram)

Mondo Cane é uma prova que de rock e mercado Lulu Santos entende, e que apesar dos mais de 15 anos de carreira, ainda não demonstra qualquer sinal de cansaço. No começo tem "Um Vício" "E com a mesma rapidez/ que você chega aos céus/ o inferno passa a ser seu lar" explica em sua límpida definição do amor. O disco prossegue com honestos slos, baladas e modos. "Ecos Do Passado" marca a passagem para uma sonolidade mais pesada, com base no sua guitarra e no bateria de Christian Oyens. Esta canção, mais "Fevereiro", "Maquinas Macios" e "Hormônios" fecham o bloco "sujo" do disco. Lulu Santos e adotado do rock. Namora a Califórnia, flerta com Seattle, sai com Manchester e acaba nosso do Rio, ao som de sambas e bossas, mas sempre com ouvido no pop.

C.F.

SHAKESPEARES SISTER

Hormonally Yours

(London/PolyGram)

Os anos 90 estão cheios de discos de "mulheres com atitude" (L7, Hole, Queen Latifah, Sinéad O'Connor, Madonna — a mãe de todas — etc.) Nessa linha o segundo LP das SS e um dos mais panfletários. Essas Thelma & Louise do pop são Siobahn Fahey, ex-Bananarama, e Marcella Detroit (lindo nome), que trabalhou até com Eric Clapton. O disco tem Kate Bush, T.Rex, dance, rhythm & blues, soul e funk numa apresentação pop coesa e bem acabada (embora nada alcance a classe da faixa "You're History", de seu primeiro disco). Está longe de ser maravilhoso, mas do jeito que álbuns pop vão hoje em dia, é uma bola dentro.

C.R.

TESTAMENT

The Ritual

(Warner)

Chuck Billy e sua galera chegam ao seu disco "complexo". Provavelmente culpa de repetir o mesmo metal Bay Area por tantos anos. A espera em volta do próprio universo da tantas voltas que acaba gerando um subestilo, um híbrido de skate rock com o mais babaca som de arena. Não chega a ser ruim, mas fica difícil suportar por 40 minutos as melódicos guitarras de Alex Skolnick. Justamente no meio dos maiores porcadarias essas frituras incomodam. Quando o negócio é balada, como em "Return To Serenity", eles conseguem ser ongnos e candidatos, com classe a uma voguinha nos dez mais de qualquer FM fuleira.

C.E.M.

STONE ROSES

Turns Into Stone

(Silvertone/BMG-Ariola)

Depois de três anos do ressurgência do *hype* de Manchester, este coletânea de todos B-e faixas bônus é lançado sem a mínima expectativa. Muitas outras bandas que vieram depois, caso dos Charlatans e do Ride, conseguiram mais sucesso que o Stone Roses, mas vale lembrar que foram eles quem recomeçaram a utilizar guitarras wah-wahfizadas e percussão groovy em melodias pop. O melhor dessa compilação são "One Love", "Somethings Burning" e "Simone", responsáveis pela fama (descabida) do SR como revivalista do psicodelismo.

J.J.E.S.

SINÉAD O'CONNOR

Am I Not Your Girl?

(Chrysalis/EMI-Odeon)

Essa careca é uma figura notável. Uma das poucuíssimas pessoas que, já com o sucesso e grana merecidamente conquistados, luta pelo que acredita sem medo de queimar o filme. Sinead O'Connor não é Madonna, mas também faz o que quer.

E o que ela quer hoje é surpreender as pessoas com um álbum que subverte todo o seu currículo de hits. Não é pop, muito menos rock. *Am I Not Your Girl?* é um disco de jazz dos anos 50. E dos melhores, contando com a participação de 47 músicos e quatro arranjadores. Essa big band, sob forte influência de Nelson Riddle (que junto com a mafia, colocou Frank Sinatra no posto que ocupa hoje) arrasa em "Love Letters" e "Secret Love", esta última com Sinead encarnando uma Doris Day irada. Pelo repertório escolhido, é difícil imaginá-la como uma pessoa alegre. Exemplos disso são a standard de "Insensatez" de Tom Jobim e Vinicius de Moraes (as duas versões de "Don't Cry For Me Argentina" (a instrumental, num jazz uptempo mais inesperado de uma música que já nasceu estragada) e "Success Has Made A Failure Of Our Home", um country & western reformado aqui com um arranjo de metais desesperados que torna a faixa a melhor do álbum. Para terminar, um speech sobre a mentira e os mentirosos, em voz calma, mas exalando mais revolta que Jello Biafra e Henry Rollins juntos. Pode ter sido um grande passo em falso em termos financeiros, mas é preciso muita coragem. E muito bom gosto.

J.J.E.S.

IZZY STRADLIN

And The Ju Ju Hounds

(Geffen/BMG)

De onde saiu esse tal de Izzy Stradlin? É algum ex-integrante do Black Crowes? Um velho rocker? Não, esse Izzy é mesmo aquele guitarrista mais ou menos discreto que fazia pose de junky no Guns N'Roses. Ouvindo seu primeiro trabalho solo, nem da para imaginar que seja obra de um ex-Guns, de tão legal que é.

Izzy Stradlin And The Ju Ju Hounds é um Guns N'Roses depurado de toda a bobagem metal, da mocinha histerica do sensível Axl, e das firulas *poseur* de Slash. Depurado da pseudo-rebeldia pseudo-adolescente pseudo-punk. Sobrou só o rock & roll. Quem quer mais?

Izzy aproveitou que é rico, tem moral e juntou uma banda mais do que legal. O guitarrista, por exemplo, é Rick Richards, ex-Georgia Satellites. O baterista Charlie Quintana foi dos Cruzados e tocou com gente como Bob Dylan e Nick Lowe. Bastaria isso para um disco excelente. Mas Izzy foi além e arrumou convidados como o lendário tecladista Nicky Hopkins (*sideman* em alguns dos melhores momentos dos Stones e The Who), Ian McLagan (ex-tecladista do Faces) e o Stone Ron Wood, que interrompeu a gravação de seu novo disco solo para dar sua colaboração na cover que Izzy fez de "Take A Look At The Guy", uma música do primeiro disco solo de Wood.

Izzy é o responsável pela maioria das melhores músicas do GNR, de "Paradise City" e "Patience" a "Don't Cry" e "You Could Be Mine". Mas a julgar por este seu primeiro disco solo, Izzy guardou o melhor para depois de cair fora do Guns. O disco abre com "Somebody Knockin", um excelente rock & roll com refrão ganchudo. A faixa seguinte, "Pressure Drop", uma cover do clássico reggae de Toots And The Maytals, já teve uma versão pelo Clash. Só que a versão de Izzy tem pouco de reggae: é um rock tão rapido que Izzy quase não consegue cantar a letra. Uma versão anfetamina de uma música criada sob efeito de maconha. "Bucket Of Trouble" também tem essa rapidez quase punk. "Shuffle It All", "How Will It Go" e "Come On Now Inside" são as baladinhas inevitáveis. Gradientes, porém quase honestas.

Apesar da excelência desse disco, os fãs mais exaltados do Guns podem ficar sossegados. Izzy claramente não veio para tomar o lugar de sua ex-banda. Tem pretensões mais interessantes.

ROGÉRIO DE CAMPOS

PRAGA KHAN e outros
Technomania
SIMON HARRIS e outros
Technoline
CHANNEL X e outros
Technorave
(Toco/PolyGram)

Ate outro dia (88), tecno eram trocos legais e alienigenas de Detroit como Derrick May, Reese e Model 500. Depois passou a ser os "bleeps" de ingleses como UFO. Hoje e um vasto universo proprio, a parte do dance e house tradicionais, com direito a subgêneros (jungle tecno, tecno-ragga), e regionalizacoes: ingles batidao de hip hop ultra-acelerados, belga marqueno pos-new beat). Como sempre, algumas coisas boas vão surgindo (Moby, Bizarre Inc, Future Sound Of London) enquanto porcarias se amontoam numa velocidade assustadora. Inteiramente essas coletâneas optaram pelo tranqueira com raras exceções. C.R

CHERYL LYNN, EMOTIONS, WHISPERS e outros
Flash Dance
(Epic/Sony)

O grande diferencial entre dance e disco e o alcance pop. Enquanto dance gosta do aura underground, inovadora e esquisito (e muitas vezes pretensosa), disco era diversao pura com retrato na mosca, feito para ser aproveitada pelo maximo de pessoas possivel, principios sagrados do pop). Faixas como "Get To Be Real", "Boogie Wonderland", "Best Of My Love" etc., são como os dias em que Deus acorda de bom humor. Tem tambem dos otimos singles pos-disco: "It's Raining Men" e "A Night To Remember". C.R

GAROTOS DA RUA
Blues Climax 900
(Overseas)

E duro ser roqueiro furreio no Brasil. O cara acaba suando atras de gravadora e tentando uma vaguinha na midia de qualquer jeito. Foi nessas que o Garotos Da Rua lancou um LP pelo BMG lá no meio dos 80, com o hit "Sabe O Que Acontece Comigo". Hoje, gravando independente e com apenas um integrante original – o cantor e guitarrista Bebeco Garcia – eles estão de volta com esse disco ao vivo que mostra que rock n'roll que corre forte nas veias não seca tão facil. O mais maluco é que o grupo meio conheca, meio gaucho, acabou gravando seu novo disco em um barzinho da cidade de Lages, interior de Santa Catarina, em pleno 31 de dezembro de 91. Revelou baiana esse C.E.M.

GIANT
Time To Burn
FIREHOUSE
(Sony)

Meu emprego e legal! Ouvir discos e comentar. O problema e ser obrigado a escutar umas molecices como esses dois ai. Eles devem era so fazer as musicas para propaganda de cigarros. Nada de fazer LP. Vai que algum DJ resolve começar a tocar essas coisas no rádio... Já pensou você em casa tranquilão, liga no FM e dê-lhe Giant e Firehouse? Ah, ja e assim? Socorro! Pior ainda se você conseguir entender as letras. É so coisa de baboca hirando umas de rebelde. Agora, se você é fã não vou nem discutir. E.O

SARCÓFAGO
Crush, Kill, Destroy
(Cogumelo)

Os caras foram ate hoje menos prezados pela imprensa brasileira mas fas eles têm aos montões. Seu death metal não fica devendo nada para os fodões do estilo como Entombed e Carcass. Este EP apresenta as animalescas "Midnight Queen" e "Secrets Of A Window", já lançadas nos primeiros LPs remasterizados e as ineditas "Crush Kill, Destroy" e "Little Juice". Prato cheio para consolidar a imagem do grupo no mercado externo e alimentar os ouvidos da legião de seguidores tupiniquins. C.E.M

FERNANDA ABREU
SLA² – Be Sample
(EMI-Odeon)

Ja dizia Chacrinha: "Neste mundo nada se cria, tudo se copia". Parece que Fernanda Abreu leva isto muito a sério, cometendo ate o prodigio de copiar – ou será samplear? – a si mesma. Musicas faladas no estilo Fausto Fawcett e trechos obvios de classicos funk, soul sao jogados de qualquer jeito como tapa-buracos na falta de alguem que realmente entenda de dance para criar os arranjos. A produção funky dotada de Liminha e toma grande candidato ao troféu "Lincoln Olivetti 92". Pobre Fernanda: bonitinha e divertida, mas muito mal acompanhada. K.W

MELISSA ETHERIDGE
Never Enough
(Island/PolyGram)

SOPHIE B. HAWKINS
Tongues And Tails
(Columbia/Sony)

Ainda que aparentemente Melissa e Sophie usem a mesma estratégia — visual apetitoso e pop padrão — é possível fazer distinção entre os trabalhos das duas cantoras. Melissa leva adiante seu pop meio caipira. A imagem e o que sera dance music num saloon country do interior dos EUA. O album début de Sophie traz uma produção menos quadradona, mas os baixos interessantes não conseguem vencer os bobos. O apelo sexual tambem segue caminhos diferentes. Sophie é mais comportado em disco. Melissa vai fundo nas letras. "Meet Me In The Back" é um insinuante convite a sodomia. J.J.E.S.

DANIELA MERCURY
O Canto Da Cidade
(Sony)

O que falta para essa moça se transformar no primeira grande estrela internacional a sair do Brasil? Nada. Ela é sexy, sabe cantar e dançar, tem "credibilidade de rua" anos de experiência como backing e comandante de trio elétrico e exala pura alegria de viver tropical. Para melhorar o potencial comercial, ela é branquinha/italianinha e tem por trás uma supermulti.

A Sony calculou assim: primeiro posso para o mundo e estouro no Brasil. A estratégia tem dois gumes. Para o disco calar nas FMs, Liminha leve de amansar a fera: limou o pé percussivo no quilombo de Daniela e capinchou no polimento. A imagem acompanhou a mudança: os shows são tão coreografados quanto os de Marisa Monte e a garota-bicho dos trios elétricos dá agora aula de chiquê no programa do Clodovil. Funcionou, com direito a uma semana de previsível babação de ovo da midia (você viu Daniela aqui antes e sem fricotes, para variar).

O problema inevitável é que essa metamorfose diluiu justamente o principal capital internacional de Daniela, a selvageria nativa embalada em cantoria. Enquanto não se descobre no que dá esse raio de marketing todo, do para-e-cantando o disco – mas só se for cercada de moças de biquini, com o sol a pino e cerveja gelada no bucho. P.S. a capa é uma droga. A.F

OLIVIA NEWTON-JOHN
Back To Basics
(Mercury/PolyGram)

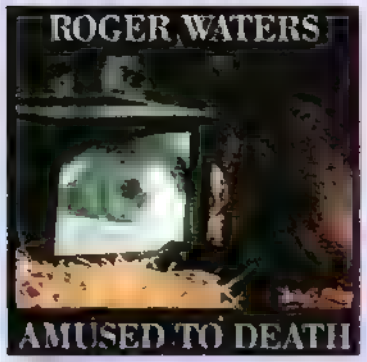
Só fazendo força do para imaginar essa mais careta e bundona que a simpatia "gente como a gente" de ONJ. Mas ate que ela tem algumas musicas legais, como atesta esta compilacao. São elas, as três do glamouroso tratado de rock & roll Grease, a calorosa "Physical" e a simpática "A Little More Love". "Xanadu" — um show de luzes em forma de musica — não, muito menos as baladas de sua fase country pré-Grease. Há quatro faixas novas completamente dispensaveis, incluindo "I Need Love", produzido pelo outrora inventivo Giorgio Moroder. C.R

BODY COUNT
(Warner)

Ice-T cometeu o máximo no cada vez mais explicito flerte entre rap e metal. Ele é esperto, sabe que seu rap não basta para garantir a atenção da midia branca e o jeito é apelar para o rock. Mas é um oportunista com categoria. Com o Body Count, ele detona um hardcore furioso, uma metralhadora alucinada que atira em todas as direções. Não deu outra! Assim como as balas foram, tiveram resposta em forma de represalias generalizadas contra a banda. Aquela história da polícia do Texas reclamando de "Cop Killer" e forçando a gravadora a retirar a faixa do disco. Então você já sabe: nada de "morra, morra, morra porco". foda-se a polícia", na edição brasileira.

Tambem nem precisava disso para os caras ganharem o troféu Culhões do Ano. As outras letras são do mesmo calibre e destilam porções equivalentes de veneno. Em "KKK Bitch", Ice-T bombardeia: "Ela ficou alucinada no banheiro do camarim/chupou meu pau como uma porra de um aspirador/Disse: 'Eu te amo, mas meu pai não brinca, ele é a chefão fodido da KKK (*Ku Klux Klan*)'". "Evil Dick" (algo como "caralho diabolico") é sexo, sexo e sexo. "*Evil Dick* gosta de lugares quentes e úmidos/*Evil Dick* não liga para rostos/*Evil Dick* gosta de lugares jovens, apertados e pequenos...", canta o rapper — dando uma de Wando.

O legal é que o Body Count não fica so em letras polêmicas. O grupo resgata um dos maiores valores do punk: a fuleragem. Ninguém toca bem, mas todo mundo toca com raiva. O que já e mais do que bom em se tratando de rock'n'roll. A essência do gênero está na furia. "Body Count Anthem" eleva essa teoria à potencia maxima. Numa *over* de guitarras saturadas e ritmos travados, o som arrouba os alto-falantes com o grito de guerra dos caras. "Body Count's In The House" e "Body Count" fecham a triade com o nome da banda. A primeira é o elo-perdido entre o trabalho solo de Ice-T e a pancadaria do grupo. A segunda é um punk rock tipico com letra de rap – "Eu ouço isso toda norte/mais um troteio/a tensão cresce/junto com a contagem de corpos". "Voodoo" lembra Cramps, no tema e na levada *groove*. Só que muito mais pesado. Entre um petardo e outro, vinhetas "politicamente incorretas" ou simplesmente absurdas costuram tudo. Ouça no talo que a treta com os vizinhos é garantida. *EVIL OTTO*



ROGER WATERS
AMUSED TO DEATH
(SONY)

Não é de hoje que o efeito opiaceo da televisão vem sendo enfocado pelo rock. Que o digam os Stooges ("T.V. Eye"), Frank Zappa ("I'm The Slime"), Bob Dylan ("T.V Talkin' Song"), John Mayall ("Television Eye"), Lou Reed ("Video Violence", "The Original Wrapper") e Bruce Springsteen ("57 Channels And Nothin' On"). Ou, como os integrantes do Nirvana anunciaram cinicamente em nome de sua geração, "aqui estamos, agora nos entretenha"..

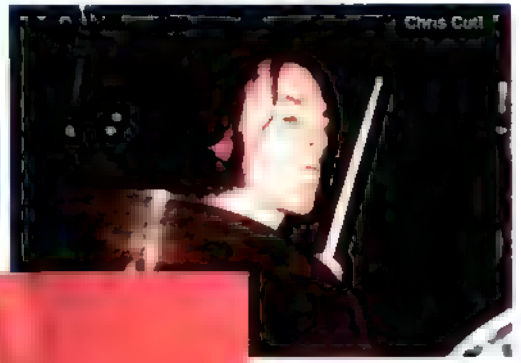
Somando sua voz ao coro dos descontentes, o ex-Pink Floyd Roger Waters apropriou-se do tema para construir seu terceiro album solo. Conforme já havia feito nos LPs *The Final Cut* e *The Wall*, o compositor fundamentou sua visão musical em reflexões acerca do comportamento humano. Assim, em *Amused To Death*, ele investe contra a alienação, devassando um mundo onde trivialidades do dia-a-dia se mesclam a toda sorte de aberração e insensatez graças ao poder nivelador das telas de TV. Ai, essa massaroca de ondas hertzianas não só adquire comunicabilidade como se torna forma de diversão das mais rentáveis.

Controle remoto na mão, Waters nos bombardeia com uma serie de flashs do "maior espetaculo da Terra": o assassinato de uma jovem chinesa na praça da Paz Celestial, em Pequim ("Watching T.V."), crianças sangrando como porcos nas ruas de Tripoli ("Last Home Tonight Part 1"), a voracidade caça-niqueis dos telepastores ("What God Wants Part 2"), cenas de uma guerra cirurgica ("The Bravery Of Being Out Of Range"). De acordo, a música que acompanha estas imagens alterna-se entre o epico e o subliminar, somando pontos com a guitarra alucinada de Jeff Beck e aquela que se tornou uma marca registrada de Waters: o uso reiterativo de efeitos de som.

Numa epoca em que o massacre da Casa de Detenção entra em nossas casas junto a sorteios de loteria e o compacto de um jogo de futebol, o festim sensorial exposto por Waters ganha desconcertante atualidade. Detratores podem chamá-lo de obsessivo, velho hippie deprimido etc., mas, pelo ouvido em *Amused To Death*, suas observações sobre homo-sapiens (sic) continuam marcadas por uma perplexa lucidez.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

DANÇA DOS "CABEÇAS"



A ReR Brasil, braço nacional da ReR Megacorp continua fazendo das suas e lançando no país a nata da vanguarda européia.

A edição em CD de **Perfect Worlds**, álbum de 87 do grupo germânico **CASSIBER** — e de iniciativa brasileira, com tradução em português do texto encartado. Bem interessante se considerarmos a preocupação literária das letras, que incluem até trechos de *Crime e Castigo*, de Daniel Dafoe.

Guitarrista e harmonista do trio e o veterano Chris Cutler, fundador da banda experimental Henry Cow. E **Hopes And Fears**, agora reeditado digitalmente, seria o quinto álbum desse grupo que acabou em 78. Acabou se transformando no primeiro disco do **ART BEARS**, que Cutler formou com o guitarrista Fred Frith e a vocalista Dagmar Krause.

Tem quem critique com as pretensões marcadamente eruditas do grupo e com os vocais empostados de Dagmar. Para es-

ses a pedida é o CD do Cassiber, em que os vocais e guitarras de Christopher Anders e os samples de Heiner Goebbels dão tom punk e pop à zoeira rock-jazz sinfônica da banda. E para esse mês a ReR promete a edição em CD de *Work Or Worms*, primeiro — para mim — e melhor disco do Cassiber.

ALEX ANTUNES

FUNK CLÁSSICO

O Earth, Wind And Fire considerada a maior soul/funk do planeta, ganha tratamento de clássico com a caixa *The Eternal Dance*, recém-lançada nos EUA que reúne em três CDs 55 faixas com os grandes hits da banda, registros de shows inéditos e lados B raros. Juntos eles têm um belo de um recorte da história da banda. *The Eternal Fire* também é um vídeo e uma fita de vídeo dedicada à história da banda.

RAINHA DO SOUL

Pode-se discutir quem foi realmente o rei do soul, se Ray Charles, Sam Cooke, Otis Reading ou James Brown, mas a dona do título de rainha do soul ninguém tem dúvida: é **ARETHA FRANKLIN**. Nos EUA está sendo lançada a caixa **QUEEN OF SOUL: THE ATLANTIC RECORDINGS**, Rhino/Atlantic, de 4 CDs, com 86 faixas gravadas por Aretha entre 1967 e 1980. E mais um bom serviço prestado pelo selo californiano Rhino, que vem reeditando os tesouros da Atlantic Records.

REGGAE

A falta de interesse das grandes gravadoras em lançar discos de grupos novos detonou de vez a cabeça [illegible] dependente [illegible] parece impossível em meio a crise. A Cogumelo avança firme apostando no CD, veja texto ao lado. A Tritas entra no mercado com uma coletânea e vários LPs a Cameratti continua com seu jazz rock e aposta no rock dos Inocentes, enquanto o selo carioca Nefertiti ataca com Plebe Rude e a Cristal Records vem com a Banda Do Quarto Mundo. Tudo com um padrão de qualidade de dar inveja nas produções "dependentes".

Entre esse festival de lançamentos se destaca o grupo mineiro Skank, que estréia direto em CD com seu dance hall leve e bem-humorado. Produzido pela própria banda e "Herbert Vianna você conhece", o CD tem [illegible] shows que realizou nesse ano e meio de existência, o álbum surpreende pela qualidade técnica e apresenta um trabalho que poderia muito bem ser lançado por uma [illegible] nacional.

Em meio às composições da banda que abusam de metais e têm sotaque legitimamente mineiro, destaque para a versão de "Let Me Try Again", que é a primeira a virar pop. Uma curiosidade: o tecladista Henrique Portugal é o mesmo que faz os teclados para os metaleiros The Mist e Sepultura.

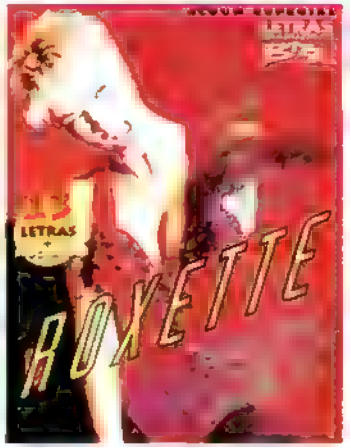
Quem não conseguir achar o CD do Skank nas lojas pode encomendar pelo fone (031) 463-1219, com Fernando Furtado. *CEM*

A gravadora mineira Cogumelo, especializada em metal e suas variantes, finalmente resolve investir em versões em CD de alguns de seus discos mais vendidos.

Os primeiros são os **RATOS DE PORÃO**, com *Dirty And Aggressive*, a versão em inglês do álbum *Cada Dia Mais Sujo E Agressivo*; o metal requintado do **THE MIST**, com *The Hangman's Tree*; e o death metal monstruoso de *I.N.R.I.*, do **SARCÓFAGO**, que, na versão CD, inclui duas faixas bônus — "Recrucify" e "The Black Vomit", ambas já lançadas por aqui na coletânea *Warfare Noise I*. A gravadora está lançando na sequência a versão CD do álbum *Circus Of Death* do **OVERDOSE** com inclusão da faixa-bônus "Children Of War", cujo clipe roda direto na MTV.

De olho no mercado internacional, o selo fechou um esquema de distribuição com o ataca[illegible] holandês Bertus. Distributie e com o HPI Brasil, um exportador brasileiro sediado no Rio. Isso pode significar um considerável avanço na evolução do metal brasileiro em direção ao mercado internacional. Agora é torcer e fazer fila. *CEM*

ÁLBUM ESPECIAL LETRAS TRADUZIDAS BIZZ



23 LETRAS + BIOGRAFIA

EDITORA ABRIL

NAS BANCAS

BOLSA DE DISCOS

DISCO DO MES. **BEASTIE BOYS Check Your Head** (Capitol/EMI-Odeon)

Os criadores do "rap branco" voltam com força total em *Check Your Head*. É o terceiro disco da banda desde que eles resolveram trocar o hardcore por sua mistura de rap, punk e metal. Apesar do morato, os Beastie Boys tiveram uma disputa dura nesse parado com o falecido Miles Davis. Esta é uma parado em que o rock não se deu bem: seu único representante foi o barulhento Pantera. Desta vez o rock perdeu até para o jazz, que além do Miles colocou o Hermeto na lista de queridinhos da crítica.

MILES DAVIS
Doo-Wop

ARRESTED DEVELOPMENT
3 Years 5 Months & 2 Days...

HERMETO PASCHOAL
Festa Dos Deuses

PANTERA
Vulgar Display Of Power

BOBBY BROWN
Bobby

ANDRE BARCINSKI	9	0	2	0	3	4
ARTHUR COUTO DUARTE	-	8	8	7	8	6
CAMILO ROCHA	8	4	8	2	3	5
CARLOS EDUARDO MIRANDA	9	6	9	7	8	8
CELSO PUCCI	8	8	8	7	2	1
FABIO MASSARI	8	8	4	-	7	5
MARCO	6	9	6	8	7	-
ABILIO	8	10	-	9	9	6
TOM LEAO O Globo	7	8	6	-	9	2
JEAN YVES MELFVILLE	6	9	7	10	-	-
CELSO FIORAVANTE	7	-	9	8	-	8
ZECA CAMARGO	10	9	9	-	7	8

CLASSIFICAÇÃO GERAL

ARTISTA/DISCO	MEDIA
1 BEASTIE BOYS	
Check Your Head (Capitol/EMI-Odeon)	7,01
2 MILES DAVIS	
Doo-Wop (Warner)	7,18
3 ARRESTED DEVELOPMENT	
3 Years 5 Months &2 Days In The Life Of... (Chrysalis EMI-Odeon)	6,99
4 HERMETO PASCHOAL	
Festa Dos Deuses (PolyGram)	6,44
5 PANTERA	
Vulgar Display Of Power (Atlantic/Warner)	6,38
6 BOBBY BROWN	
Bobby (MCA/EMI-Arista)	5,36
7 GEORGE MICHAEL, EMF E OUTROS	
Red Hot + Dance (Columbia/Sony)	5,27
8 ERIC CLAPTON	
Unplugged (Reprise/Warner)	5,23
9 HOES	
Welcome To Wherever You Are (PolyGram)	4,83
10 CIDADE NEGRA	
Negro No Poder (Sony)	4,80
11 GEORGE HARRISON	
Live In Japan (Warner)	4,66
12 MARIAH CAREY	
MTV Unplugged EP (Columbia/Sony)	3,90

GRAVADORAS INDEPENDENTES

Stamp Rock Wear
TEL.: (011) 299 7478

CAMISETAS ESPECIAIS
Manga 3/4
Estampa na frente, costas e manga

CAMISETAS - BLUSÕES - CALÇAS
RECEBA PELO CORREIO
MALHA MERCERIZADA - TAMANHOS P.M.G
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

PREÇOS enviando antecipadamente cheque nominal ou vale posta a STAMP:		PREÇOS para pagar ao retirar:	
MANGA CURTA/MC:	Cr$ 87.000,00	MANGA CURTA/MC:	Cr$ 115.000,00
MANGA LONGA/ML:	Cr$ 106.000,00	MANGA LONGA/ML:	Cr$ 140.000,00
CAMISETA ESPECIAL:	Cr$ 115.000,00	CAMISETA ESPECIAL:	Cr$ 155.000,00
CALCA MOLETON/CA:	Cr$ 145.000,00	CALCA MOLETON/CA:	Cr$ 190.000,00
BLUSÃO MOLETON/MT:	Cr$ 155.000,00	BLUSÃO MOLETON/MT:	Cr$ 205.000,00
BLUSÃO C/ CAPUZ/BZ:	Cr$ 165.000,00	BLUSÃO C/ CAPUZ/BZ:	Cr$ 220.000,00

Os preços são válidos até 30/11/92
De 1/12 a 15/12 aumento de 12%. As despesas postais serão pagas pelo cliente.
Preencha o cupom ao lado e envie para:
STAMP: Rua Heliodora, 321 - CEP: 02022-051 - Santana - SP - SP.
REVENDEDOR STAMP NO CENTRO DE SÃO PAULO:
DEVIL DISCOS - AV. SAO JOAO, 439 - 2º ANDAR - LOJA 343/345

ESTOU ENVIANDO CHEQUE ☐ VALE ☐ NO VALOR DE
PREFIRO PAGAR AO RECEBER ☐

REF	TAM	MOD	RES	AM	MOD

Nome
End
CEP Cid Est
Assinatura
RG Tel.
IDADE SUGESTÃO PARA ESTAMPA

(N) Novidade
(R) Retorno
( ) Posição anterior

1	(1)	*Angel Dust*	Faith No More	PolyGram
2	(2)	*Blood Sugar Sex Magik*	Red Hot Chili Peppers	Warner
3	(9)	*V*	Legião Urbana	EMI-Odeon
4	(R)	*Metallica*		Warner
5	(8)	*Ten*	Pearl Jam	Sony
6	(5)	*Fear Of The Dark*	Iron Maiden	EMI-Odeon
7	(20)	*Bleach*	Nirvana	BMG-Ariola
8	(10)	*Os Grãos*	Paralamas Do Sucesso	EMI-Odeon
9	(R)	*Wish*	Cure	PolyGram
10	(R)	*Vamos Vamovers*	Engenheiros Do Hawaii	BMG-Ariola
11	(R)	*Stars*	Simply Red	Warner
12	(11)	*Facelift*	Alice In Chains	Sony
13	(N)	*Bricks Are Heavy*	L7	PolyGram
14	(4)	*Achtung Baby*	U2	PolyGram
15	(R)	*Use Your Illusion I*	Guns N'Roses	BMG-Ariola
16	(19)	*Temple Of The Dog*		PolyGram
17	(N)	*Mother's Milk*	Red Hot Chili Peppers	Warner
18	(N)	*Entre E Ouça*	Ed Motta	Warner
19	(N)	*Dirty*	Sonic Youth	BMG-Ariola
20	(R)	*Badmotorfinger*	Soundgarden	PolyGram

1	(1)	*Ten*	Pearl Jam	Sony
2	(2)	*Facelift*	Alice In Chains	Sony
3	(5)	*Bricks Are Heavy*	L7	PolyGram
4	(4)	*The Southern Harmony...*	The Black Crowes	PolyGram
5	(N)	*Angel Dust*	Faith No More	PolyGram
6	(N)	*Automatic For The People*	REM	Warner
7	(7)	*Unplugged*	Eric Clapton	Warner
8	(15)	*Temple Of The Dog*		PolyGram
9	(N)	*Prince & The New Power Generation*		Warner
10	(13)	*Dirty*	Sonic Youth	BMG-Ariola
11	(N)	*March Or Die*	Motorhead	Sony
12	(N)	*The Art Of Rebellion*	Suicidal Tendencies	Sony
13	(N)	*Tourism*	Roxette	EMI-Odeon
14	(14)	*Nevermind*	Nirvana	BMG-Ariola
15	(N)	*Mind Is A Terrible Thing*	Ministry	Warner
16	(N)	*Welcome To Wherever You Are*	INXS	PolyGram
17	(N)	*Am I Not Your Girl?*	Sinead O Connor	EMI-Odeon
18	(8)	*The Plague That Makes...*	Infectious Groove	Sony
19	(N)	*Some Girls Wander By Mistake*	Sisters Of Mercy	Warner
20	(3)	*Fear Of The Dark*	Iron Maiden	EMI-Odeon

1	*The Chase*	Garth Brooks	Liberty
2	*Us*	Peter Gabriel	Geffen
3	*Some Gave All*	Billy Ray Cyrus	Mercury
4	*Unplugged*	Eric Clapton	Reprise
5	*Timeless (The Classics)*	Michael Bolton	Columbia
6	*Dirt*	Alice In Chains	Columbia
7	*Ten*	Pearl Jam	Epic
8	*Beyond The Season*	Garth Brooks	Liberty
9	*What's The 411?*	Mary J. Blige	Uptown
10	*Singles*	Trilha Sonora	Epic

1	*Automatic For The People*	R.E.M.	Warner Bros
2	*Us*	Peter Gabriel	Realworld
3	*Gold - Greatest Hits*	Abba	Polydor
4	*Tubular Bells II*	Mike Oldfield	WEA
5	*Timeless (The Classics)*	Michael Bolton	Columbia
6	*Back To The Light*	Brian May	Parlophone
7	*The Best Of Belinda Vol I*	Belinda Carlisle	Virgin
8	*Back To Front*	Lionel Richie	Motown
9	*Boss Drum*	The Shamen	One Little Indian
10	*Greatest Hits*	Police	A&M

COMP

1	"End Of The World"	Boyz II Men	Motown
2	"Sometimes Just Ain't Enough"	Patty Smyth	
3	"Jump Around"	House Of Pain	[illegible]
4	"Humpin' Around"	Bobby Brown	[illegible]
5	"She's Playing Hard To Get"	Hi-Five	[illegible]
6	"Please Don't Go"	K.W.S.	London
7	"I'd Die Without You"	P.M. Dawn	[illegible]
8	"When I Look Into Your Eyes"	Firehouse	[illegible]
9	"Baby Baby Baby"	TLC	Arista
10	"People Everyday"	Arrested Development	Chrysalis

1	"Ebeneezer Goode"	The Shamen	One Little Indian
2	"It's My Life"	Dr. Alban	Arista
3	"Sleeping Satellite"	Tasmin Archer	EMI
4	"End Of The Road"	Boyz II Men	Motown
5	"Baker Street"	Undercover	PWL International
6	"I'm Gonna Get You"	Bizarre Inc / Angie Brown	[illegible]
7	"Iron Lion Zion"	Bob Marley & The Wailers	[illegible]
8	"My Destiny"	Lionel Richie	Motown
9	"My Name Is Prince"	Prince & The New Power Generation	Paisley Park
10	"Sentinel"	Mike Oldfield	WEA

1	*Copper Blue*	Sugar	Rykodisc
2	*Dirty*	Sonic Youth	BGM
3	*Your Arsenal*	Morrissey	Sire Reprise
4	*Mondo Bizarro*	Ramones	[illegible]
5	*The Death Of Cool*	Kitchens Of Distinction	A&M

1	*Copper Blue*	Sugar	[illegible]
2	*Fontanelle*	Babes In Toyland	[illegible]
3	*Boss Drum*	The Shamen	One Little Indian
4	*Satyricon*	Meat Beat Manifesto	[illegible]
5	*Yes Please*	Happy Mondays	Factory

CONSULTE O GUIA

FINALMENTE NO BRASIL UM GUIA COMPLETO COM MAIS DE 7.000 CDs DE ROCK DO MUNDO INTEIRO.

A revista BIZZ [illegible] para [illegible] uma verdadeira enciclopédia com [illegible] o que a indústria fonográfica da Inglaterra, EUA, Alemanha, Japão e Brasil produziu de melhor. Chegou o ANUÁRIO BIZZ CLÁSSICOS DO ROCK EM CD. Nunca uma publicação deste gênero em português [illegible] tão bem elaborada. Você vai conhecer a discografia completa dos monstros sagrados do [illegible] mais quente do [illegible]. De Roy Orbison aos Beatles, de Hendrix a Metallica, toda a história do rock contada através dos melhores CD lançados em todos os tempos. E mais: você vai saber como comprar CDs importados com endereços em todo o mundo. Quem tem bom ouvido fica de olho aberto para o ANUÁRIO BIZZ CLÁSSICOS DO ROCK EM CD. O guia definitivo.

- **MAIS DE 250 PÁGINAS**
- **MAIS DE 7.000 CDs**
- **DISCOGRAFIAS COMPLETAS**
- **PEQUENA BIOGRAFIA DE CADA ÍDOLO**
- **UM GRANDE PRESENTE PARA QUEM GOSTA DE ROCK**

EDITORA AZUL

Bairro
Cidade
Revistas que você quer receber nesse

Brasília: Espaço Com [illegible] SCS Ed. [illegible] CEP 70300 [illegible] Fax (06[illegible]) 226-3644
Região Sul: Porto Alegre: Av. [illegible] 201 CEP 90060 Porto Alegre RS [illegible] 9528
Florianópolis: R. [illegible] 264 cj. 07 [illegible] CEP 88[illegible] [illegible] 44 8274
Curitiba: R. Cândido de Abreu 140 [illegible] 1008 CEP [illegible] PR [illegible]
Joinville: Rua [illegible] 163 CEP [illegible] SC Tel. (0474) [illegible]

LETRAS

Body Count

COP KILLER

(Ice T/Ernie C.)

	MATADOR DE TIRA
I got my black shirt on	Estou vestindo minha camisa preta
I got my black gloves	estou vestindo minhas luvas pretas
I got my ski mask on	estou vestindo minha máscara de esqui
this shit's been too long	este merda está acontecendo por tempo demais
I got my hollow gauge sawed off	estou com meu calibre doze serrado
I got my headlights turned off	estou com meus faróis apagados
I'm 'bout to bust some shots off	estou pronto para dar uns tiros
I'm 'bout to dust some cops off	estou pronto para apagar uns tiras
(refrão)	(refrão)
COP KILLER	MATADOR DE TIRA
it's better you, than me	é melhor você do que eu
COP KILLER	MATADOR DE TIRA
fuck police brutality!	foda-se a brutalidade da polícia!
COP KILLER	MATADOR DE TIRA
I know your family's grieving	sei que a tua família está de luto
(FUCK 'EM!)	(QUE ELES SE FODAM!)
COP KILLER	MATADOR DE TIRA
but tonight we get even	mas hoje à noite vamos acertar as contas
I got my brain on hype, tonight I'll be our night	Meu cérebro está ligadaço, hoje a noite será nossa
I got this long assed knife	estou com este facão
and your neck looks just right	e teu pescoço parece no medida
my adrenaline's pumpin'	minha adrenalina está pulsando
I got my stereo bumpin'	estou com meu estéreo dando pancada
I'm 'bout to kill me somethin'	estou pronto para matar algo para mim
a pig stopped me for nuthin'!	um porco me parou por nada!
(repete refrão)	(repete refrão)
DIE, DIE, DIE, PIG, DIE!	MORRA, MORRA, MORRA, PORCO, MORRA!
FUCK THE POLICE! FUCK THE POLICE!	FODA-SE A POLÍCIA! FODA-SE A POLÍCIA!
(repete refrão)	(repete refrão)
FUCK THE POLICE! FUCK THE POLICE!	FODA-SE A POLÍCIA! FODA-SE A POLÍCIA!
FUCK THE POLICE, for Darryl Gates	FODA-SE A POLÍCIA, por Darryl Gates*
FUCK THE POLICE, for Rodney King	FODA-SE A POLÍCIA, por Rodney King**

1 Loaded Slip Sugar Rykodisc
2 Dirty Sonic Youth DGC
3 Your Arsenal Morrissey Sire/Reprise
4 Mondo Bizarro Ramones Radioactive/MCA
5 The Death Of Cool Kitchens Of Distinction A&M

*Chefe de Polícia de Los Angeles quando policiais espancaram um cidadão negro. Os "defensores da ordem" foram filmados na flagrante e o fato do espancamento foi ao ar, disparando a corrente de revolta e tumulto internacional nos EUA.
**Vítima de tal espancamento

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: André Forastieri
Editor: Celso de Salles Pucci
Editor Assistente: Camilo Rocha
Diretor de Arte: Michel Spitalli
Editor de Arte: Richard Kovács
Redator: Rogério de Campos
Repórter: Carlos Eduardo Miranda
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Diagramadores: Antônio Fernando Moira, Ilza Nogueira, Renato Veda (Sênior)
Correspondentes: Ana Maria G. Lemos (Londres), José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores: Texto - Alex Antunes, Ana Maria Bahiana, André Barcinski, Arthur G. Couto Duarte, Carlos Marcelo, Claudio Campos, Daniel Benevides, Evil Otto, Hagamenon Brito, Jean Yves de Neufville, João Ricardo Lima, José Julio do Espírito Santo, Leandro D. Fortino, Luis Claudio S. Gamito, Luiz Henrique Romagnolli, Marcel Plasse, Marisa Adán Gil, Otavio Rodrigues, Rosana Pavan, Rene Ferri
Fotografia: Angelo Pastorello, J. Santana, Rui Mendes
Tradução: Rinaldo Mascarelli (Axl Rose), Christine Ditchfield (Madonna). Ilustração: Macarrão. Revisão e Preparação de Texto: Alexandre Ortiz Ramos

PUBLICIDADE

Diretor: Rogerio Rahior
Gerentes: Alaor Machado, Miguel Castello
Supervisores: João Jorge Rangel, Oscar de Oliveira (SP), Lidia Camarate, Thais Franco (RJ)
Contatos: Antonio Perissinoto, Roberto Vercelli, Tânia Maffiana (agências), Ana Maria Lobo, Claudia Freitas, Marcelo Cafaldi, Maria Tereza Barreira, Marilia Hindi, Nadia Lappas, Patricia Junko (diretos)
Marketing Publicitário: Marta de Moraes
Coordenadores: Igor Assan, José Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Miranda e Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Pignoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liège de Lima Doria Castelli

BIZZ 88 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. São Paulo - Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 211-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. Telegramas, Editabril/Abril Press. Rio de Janeiro: R. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - s/1533/34, CEP 20020, tel. (021) 532-0313, telex (021) 36890, fax: (021) 532-1486. Telegramas: Editabril/Abril Press. Distribuidor em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Assinaturas: valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. Circulação desta revista: novembro/92. Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril do seu estado. Distribuição, com exclusividade no país pela DINAP - ANER Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. Serviço ao assinante: tel. (011) 823-9222.

Fotolito: Fotoline Ltda e PostScript Artes Gráficas
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

BIZZ

ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Azul, como empresa do Grupo Abril, mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer dúvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 261-7070
Brasília - Tel. (061) 321-8655
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril
Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05066-900 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome:

Nome _____

Código de assinante _____

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas

Novo endereço _____ CEP _____

Bairro _____ Estado _____ Tel. _____

Cidade _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço.

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

ÁLBUM BIZZ
Biografia, Letras e Fotos

SET
Cinema e Vídeo

SET 1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventuras e Ecologia

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
Astrologia

HORÓSCOPO
Previsões

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900 - Tel. (011) 211-7866 - Fax (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º and. s/ 1533/34 - Centro - CEP 20020 - Tel. (021) 532-0313 - Fax (021) 532-1486 - Rio de Janeiro - RJ
Los Angeles (EUA): 1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077 - Phone: (213) 474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - Suite 3403 - New York - N.Y. 10165 - Phone: (001212) 557-5990/5993 - Telex: (00) 237670 - Fax: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil - 75008 - Paris - Phone: (00331) 42 66 31 18 - Telex: (0042) 600731 ABRILFA - Fax: (00331) 42 66 13 99
Belo Horizonte: M.A.M. Publicidade e Repr. Ltda. - Rua Tenerias, 1560 - s/1904 - Ed. City Center - Bairro de Lourdes - CEP 30140 - MG - Tel.: (031) 224-9534 - Fax: (031) 226-2699
Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, 10 s/202 - CEP 70300 - DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Região Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre - RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Florianópolis: R. José Cândido da Silva, 264 - cj. 03 - Estreito - CEP 88075 - SC - Tel.: (0482) 44-6224
Curitiba: R. Cândido de Abreu, 140 - cj. 1006 - CEP 80530 - PR - Tel.: (041) 224-0429
Joinville: Rua Bahia, 163 - CEP 89200 - SC - Tel. (041) 33-6196

CARTAS

IRON NELE

Estou escrevendo esta carta em papel higiênico (*Pior é que é verdade*) em homenagem aos críticos da BIZZ, em especial a João Ricardo Lima e André Barcinski (*segue longo discurso sobre como o Iron Maiden é divinamente perfeito e à prova de críticas...*)

Roberto Filho
Campina Grande, PB

Iron Maiden, uma banda chata? Chatas são algumas bandas de Seattle citadas no seu livrinho, Sr. André.

Eddie Lickson
Belo Horizonte, MG

Porque a BIZZ não coloca o Barcinski para comentar discos de dance music ou coisa parecida. Up the irons!

Robson Formiga
Sorocaba, SP

Aí, amável "A.B.", beleza? Acredito que nem a sua mãe se orgulhou do "criticuzinho" que você se tornou! O que você pensa que o Iron é? Uma banda de palhaços? *Hein BOZO?*

Alessandro Di Girolano
Campinas, SP

Qualquer pessoa que curta o bom e verdadeiro metal sabe muito bem que os novos LPs do Iron Maiden e Black Sabbath são foderosos. Barcinski é no mínimo mais um modista estúpido, idiota, imbecil. O que se poderia esperar de um cara que se rasga de elogios a uma merda como L7.

Leandro dos Santos
São Gonçalo, RJ

André Barcinski responde: *Fã que é fã tem que reconhecer quando seus ídolos pisam na bola. Viver babando ovo é para quem não tem opinião!*

SYNTH SENHOR

Não agüento a bagaceira do metal (que até tem alguma coisa boa) e a merda que denegriu toda a música feita por synths, a energúmena dance music, regida por MC Camilo Rocha e seus boiolas dançantes. Cadê os góticos e tecnopoppers?

Fã-clube dos Maníacos Depressivos e Malucos Anônimos (a/c Sean)
São José, SC

Camilo Rocha responde: *Moçada, vão fazer algo ÚTIL na vida! Deixem essa história de góticos e tecnopoppers para os "boiolas", que entendem mais do assunto.*

MINAS CHIA

É humanamente impossível entender como críticos de música no Brasil possam publicar piadinhas tão desconexas e sem sentido como a feita na errata sobre uma notícia do Duran Duran. Dizer que ouvir Milton Nascimento é castigo foi a coisa mais estúpida e idiota que ouvi nos últimos tempos. Castigo seria ouvir esses discos e ainda mais de alguns artistas que vocês adoram como Ice-T, Guns, Faith No More, Roxette e Sonic Youth. Essas chatices e baboseiras que a cada temporada a imprensa londrina descobre e os jornalistas brasileiros, colonizados que são, todos aplaudem.

José Antonio Maia
Belo Horizonte, MG

Por que você não vai pedir um emprego para o Itamar? Seu patriotismo mineiro doentio seria melhor aproveitado.

COVERFOBIA

Com tantos cantores e conjuntos sendo vítimas da "onda sertaneja", dá para ver que os compositores já saturaram suas cotas de criatividade, apelando para as ridículas versões. É um sacrilégio o que fazem. Paul Simon, ABBA, Beatles, Cyndi Lauper, Roxette e nem Olivia Newton-John escapam. Pouca gente conhece o original de "É Assim Que Te Amo" que Chitãozinho e Xororó cantam. É "The Air That I Breath", de Olivia Newton-John. Enfim, criatividade 0, falta de respeito com o consumidor 10.

João Azevedo Silva
Eloi Mendes, MG

QUEEN IS NOT DEAD

André Forastieri, gostaria de agradecer e parabenizá-lo pelo excelente comentário do disco *A Night At The Opera* do Queen. Sobretudo pelo reconhecimento a um dos nomes mais influentes na música dos nossos tempos. O Queen está ressuscitado!

Marco Antonio Mascatim
São Paulo, SP

BIZZ, THE BEST

A revista até que progrediu um pouco: já faz algum tempo que não sai entrevista com o Humberto Gessinger. Continuem trazendo informação para quem coça o saco o dia todo.

Arnaldo Silvano Hase Jr.
Registro, SP

Parabéns pela edição de setembro, pela linda capa e matéria com REM, Sonic Youth, Cure e Frank Zappa. E parabéns, principalmente pelo fim daquela coluna brega e nojenta *Tapas e Beijos*, do tapado, moleque e machista André "Bicha-Louca" Forastieri. Parabéns, mesmo.

Alessandro Fonseca Victória
Campo Grande, MS

BIZZ é dez no início (REM mais uma vez na capa), meio (Frank Zappa) e fim (Ed Motta levando um "Mantenha Distância").

Rinaldo Ribeiro Rosa
Sta. Rosa De Goiás, GO

Em primeiro lugar meus elogios para a BIZZ de setembro que estava demais, aliás cada mês que passa esta revista fica melhor, é como vinho.

Sebastião Morais de Oliveira
São Paulo, SP

ROGÉRIO DE CAMPOS: ALVO! ALVO!

Ao analisar o disco *Mental Jewelry* (Live), Rogério de Campos gastou as poucas treze linhas da crítica falando apenas que a conscientização do Live é sinônimo de chatice (comparando-a ao U2). Depois, teceu várias considerações sobre os temas do LP *Milagro* (Santana), sem, contudo, reservar uma linha para falar do som do disco. Ainda que a música do Santana fosse sempre a mesma coisa — e não é — nada foi dito sobre ela no texto.

Eduardo Garcia
Santos, SP

Os críticos da BIZZ até quando gostam de determinado trabalho, metem o pau. Rogério de Campos, para dizer que o disco de Ringo é bom, escreveu que o disco *não é ruim*.

Francisco Lima Jr.
Recife, PE

A nota que Rogério de Campos deu para *Angel Dust* do Faith No More fode a imagem da BIZZ. Ponham esse palhaço na rua. Dêem um recado para ele: o discão do Faith é puro peso pesado/fodido/bomba sadomasoquista/hardcore/metal matador. Rogério, vá dormir no colo da vovozinha!!!

Evilásio Soares de Siqueira
Rio de Janeiro, RJ

Rogério de Campos responde: *Na mosca, Evilásio. Angel Dust é uma bomba sadomasoquista: sado para quem fez e masoquista para quem comprou.*

CERTO DISSE FRED

O que dizer de "I'm Too Sexy" e "Don't Talk Just Kiss", não tenho palavras para descrever o Right Said Fred, suas músicas arrasam em qualquer pista de dança. São sexy, provocantes e envolventes.

Rafael Chimenes Jr.
Ponta Porã, MS

U2

Apesar de estar longe do Brasil, estudando no Japão, ainda continuo curtindo a BIZZ. Na edição de agosto, nada menos que Bono, com o slogan "U2 O Maior Show Da Terra". O U2 continua sendo a melhor banda de rock do mundo.

Sergio Osamu Onizuka
Osaka, Japão

Putz grila, macetona a capa e a matéria com o U2, só que, não tinha um papel melhor não? Tinha que ser mesmo com papel de jornal?

Gisele Marculino
Porto Velho, RO

FAITH NO MORE

Minha dúvida é quanto a crítica de André Forastieri sobre o novo álbum do Faith No More. O cara fala um monte, mete o pau, arregaça mesmo, "é um Frankenstein, pedaços de gêneros estabelecidos que não estão mortos mas já fedem... simultaneamente podre e rebinbando de vitalidade." Qualquer leitor após ter feito uma atenta leitura sobre a matéria chegou à conclusão que, na opinião do Forastieri, o FNM está falido. Então fui observar qual a cotação que mereceu o "terrível álbum" do FNM e dei de cara com aquela carinha sorridente que significa indispensável? Afinal, André, o povo quer saber: *Angel Dust* é "um suicídio comercial" ou é realmente indispensável???

Angélica Molina
São Bernardo do Campo, SP

Concordo com o Forastieri, o novo disco do FNM é maluco para caralho! Mas também acho que não terá sucesso, apesar de ser um dos melhores discos lançados este ano. No geral, o disco todo é massacrante.

Rogério Guimarães
Três Cachoeiras, RS

IMPOSSÍVEL AGRADAR A TODOS

A música "The Promise", do When In Rome, foi chamada de cafona. Por que vocês não fazem uma matéria sobre o When In Rome, para depois falar mal do trabalho deles?

Bianca Ribeiro
Rio de Janeiro, RJ

Tenho observado, muito triste, a sumida dos nossos grandes ídolos e bandas dos anos 80. Onde será que anda essa gente? A gente abre a revista hoje e só vê (sem preconceitos, até gosto de alguns) dance, metal, cena de Manchester, Seattle. Impossível não ficar com saudade de Smiths, Echo and The Bunnymen, Jesus And Mary Chain, Clash e outros.

Ana Benvinda Santos
Alagoinhas, BA

Que tal alternar a página *Jukebox* com uma similar (que poderia se chamar "sound system") sobre reggae?

Ilmar M. Carvalho Jr.
São Paulo, SP

Sugiro uma matéria com o All About Eve. Sou, sem dúvida, o fã Nº 001 de Julianne, Andy, Tim e Mark no Brasil.

Fernando Kuraiem
Resende, RJ

Sou baterista. Por favor, eu suplico, voltem a fazer a página *Meu Instrumento*. Tenho certeza de que não só eu, mas todos os músicos que lêem a BIZZ (e olha que não são poucos) iriam adorar.

Fabiano Sell Maciel
Florianópolis SC

A revista praticamente fechou seus espaços para tendências e artistas muito importantes como Michael Jackson, INXS, Deborah Blando, Duran Duran e Prince.

Gustavo Rogers Nelson
Curitiba, PR

ZAPPA

Parabéns pela entrevista com meu ídolo máximo, Frank Zappa. Conheço e entendo seu trabalho há um bom tempo, tenho mais de vinte LPs do cara e suas idéias batem muito bem com as minhas.

Giuliano Guim
Jundiaí, SP

PRETO SEM PRECONCEITO

O funk é o princípio básico da dance, que tomou conta de todas as pistas do país. Sou um velho amigo e leitor da BIZZ pedindo à redação que ponha definitivamente uma seção sobre "black music".

Cedric de Oliveira Felipe
Jacareí, SP

A BIZZ tem rock, soul, heavy metal etc. Mas falta abrir espaço para o rap. Sintam a explosão da "black music".

Luciano Ferreira Santos
Barretos, SP

REM

O REM é uma das raras exceções no meu gosto musical tão metal. Parabéns ao Celso Pucci que soube fazer perguntas legais, claro, descontando umas peruagens do tipo "Jura? Vocês foram ao Paraguai?" (quá! quá!). E eu que quando vi o Celso no *Programa Livre* tive uma imagem masculina do homem (?).

Maylis Clicatti
Palmeira das Missões, RS

Celso Pucci responde: *obrigado pelo elogio, mas se seu gosto é tão "metal" a ponto de curtir o "sensível" Michael Stipe pense duas vezes antes de condenar um "jura?", guria.*

Estou muitíssimo decepcionado com esta revista. Na edição de setembro, vocês conseguiram reunir um bando de "grupelhos" e "fracassados": Frank Zappa, Sonic Youth, Nenhum de Nós, Right Said Fred, e em especial, REM. Lamentável que "essa coisa" (REM) mereça destaque na capa e seis páginas, sendo esta a terceira vez que são capa da BIZZ. Eles são simplesmente "lixo musical", sobra de tudo que existe na música. "Losing My Religion" poderia ser considerada uma marcha fúnebre para os anos 90.

Marcos Antonio Tardin
Nova Friburgo, RJ

QUENTÍSSIMA!

A LOIRA SAVANNAH

SET Especial Vídeo Eróticos vai fazer você vibrar com Savannah, esta *Loira Selvagem* e estonteante, e saber mais sobre seus filmes *Indian Summer* e *Uma Casa Muito Assombrada*.

E mais:
- *Entrevista com John Stagliano*
- *Super seleção dos melhores vídeos eróticos do mercado*
- *Sexo virtual*
- *Os lançamentos nos EUA e Brasil*
- *4 excitantes mini-posters*

VÍDEO ERÓTICO

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

BO DIDDLEY
THE CHESS BOX (1990)

"Bo Diddley", "Bo Diddley is a Gunslinger", "Hey Bo Diddley", "Story Of Bo Diddley", "Bo Diddley's Dog", "Bo Jam", "Bo Guitar", "Diddley Daddy". Não são títulos de autobiografias, mas canções de um dos papas do rock, blues e rhythm'n'blues. Louvado por Deus e Jesus & Mary Chain, que para ele gravaram "Bo Diddley Is Jesus". Amém.

Ella McDaniel inventou um músico maior que a pretensão. Ella é ele, Bo Diddley, que aos 16 anos boxeava e ouvia dos fãs: "Go, Bo Diddley". Ele não sabia o que isso significava. Mas gostou do apelido, que virou nome e primeiro compacto, em 55. Também o maior sucesso e faixa que abre *The Chess Box*, uma caixa de dois CDs com 45 canções, quatro raridades e nove faixas inéditas, junto com um livreto de 24 páginas.

Bo era personagem de si próprio. Criatura maior que o criador. Nascido em 28 de dezembro de 1928, Ella Bates tomou da tia Gussie McDaniel o sobrenome. Com ela saiu do cafundó de McComb, Mississipi. A mãe, pobre, o deixou na mão da tia, que o levou a Chicago e ao estudo do violino clássico, por 14 anos.

Aos 12 anos ouviu o primeiro disco de blues, num lar envolto na religiosidade do gospel. John Lee Hooker o enfeitiçou. Um ano depois, a irmã Lucille o presenteou com o primeiro instrumento. As luvas de boxe vieram a seguir. Aos 15 anos, Ella era semiprofissional e ganhava batendo os trocados para viver. Ganhou nas batidas o apelido de toda a vida.

Da brincadeira da primeira banda, The Hipsters, ficou o estilingado nas cordas da guitarra. De sons perdidos na memória vieram os tambores da África de sua música. Da amizade de Jerome Green ressoaram as maracas de Cuba na percussão. Das canções de "pergunta-e-resposta" dos shouting blues que ouvia, ecoaram as harmonias vocais, que influenciariam o rap; da guitarra tocada com aulas de violino estalaram os acordes que Bo não soube explicar, do mesmo jeito que não sabe por que é Bo.

Rolling Stones, Buddy Holly, Animals, Yardbirds, Shadows, Bobby Vee, Eric Clapton, Jimi Hendrix, The Doors, The Who. O "who's who" do rock e blues bebeu das canções e se envenenou no beat da "square guitar", a guitarra retangular que Bo bolou e construiu em 1958. Um instrumento engraçado como o criador.

Chess Box abre com o groove inconfundível de "Bo Diddley", seu maior sucesso, que chegou ao Top 10 de rhythm & blues em 1955. Punhados de artistas dariam a alma e os bolsos pelo lado B do compacto de estréia, o escorregadio blues "I'm A Man". "Pretty Thing" deu nome a uma banda inglesa dos anos 60. "Who Do You Love?" pergunta e tem como resposta os suspiros das muitas senhoras Diddley. "Before You Accuse Me" é outra paulada bluesy.

O primeiro CD, que compreende canções de 55 a 59, tem três inéditas, que são versões alternativas para jóias lascadas como "Bring It To Jerome". O segundo disco começa ainda em 59 e chega até 68, com o tema "Bo Diddley 69". Não, apesar dele, não é sacanagem. A canção já era influenciada pelo soul da Motown e com batidas da Stax. Duas das tantas gravadoras que vivem dos ecos de Diddley. Mas que esquecem que ele está vivo.

MAURO BETING

Mais que
relógios,
equipamentos
de mergulho.

PROMASTER
CITIZEN

CITIZEN É UMA MARCA REGISTRADA DA CITIZEN WATCH CO. JAPAN